

ANNA  
KATMORE

Quebrando  
**REGRAS**





# DADOS DE COPYRIGHT

---

## SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

---

## SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

---

**"Quando o mundo estiver  
unido na busca do**

**conhecimento, e não mais  
lutando por dinheiro e poder,  
então nossa sociedade  
poderá enfim evoluir a um  
novo nível."**

---



# QUEBRANDO REGRAS

ANNA KATMORE

GÊNERO: ROMANCE GAY/NEW ADULT

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, lugares, personagens e acontecimentos são produto da imaginação da autora ou usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, negócios, organizações, eventos ou locais reais é mera coincidência.

QUEBRANDO REGRAS

*Rafael & Sebastian*, livro 1

Copyright © 2019 por Anna Katmore

Copyright da arte da capa © 2019 por Anna Katmore

Traduzido por Aleksandro Pizziolo

Todos os direitos reservados

Primeira edição: Setembro 2019

Todos os direitos reservados sob a Convenção Internacional e Pan-americana de Direitos Autores. Nenhuma parte deste livro deve ser reproduzida ou transmitida em qualquer forma ou por qualquer meio, seja eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópias, gravações ou qualquer sistema de armazenamento automático, sem que haja permissão por escrito da autora.

## Índice

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[PLAYLIST](#)

# CAPÍTULO 1

*Rafael*

Nada me causa mais problemas do que alguém me dizer “te desafio”.

Minha desculpa para isso? Não tenho nenhuma. Desafios emocionantes são a minha verdadeira fraqueza. Um dia, certamente serão a minha ruína. A aposta dessa noite só vai custar a minha reputação, graças a Deus. Talvez custe mais alguma coisa, mas só saberei mais tarde.

Estou com a bunda colada ao assento de uma lata velha marrom que quase morreu de câncer no tubo de escape enquanto a dirigi até aqui. Durante todo o trajeto por Londres, uma camada grossa de fumaça preta saía da traseira deste Ford 1981 como se um gênio da lâmpada estivesse tentando rastejar para fora do escapamento cheio de furos. Infelizmente, a fumaça não me protege dos olhares cheios de julgamento que recebo dos corredores enquanto passo pelos cinquenta e poucos carros tunados que apareceram hoje para se exibirem e talvez até correrem por dinheiro. Nada mal para uma noite de sexta-feira.

Desligo o motor, saio do carro e fico encostado na porta. Meu corpo vibra com as batidas de dubstep que preenchem cada canto desse estacionamento atrás de um supermercado fechado em Enfield. Tudo aqui pulsa, não só as bocetinhas das duas gracinhas que vêm rebolando na minha direção. Félix, sentado no capô do carro cinza grafite que não combina em nada com ele, também dá uma checada nas gêmeas, que vestem shorts e blusas do tipo tomara que caia com suas botas que vão até os joelhos. Ele sorri para mim. Sei o que ele está pensando. Elas poderiam ser a minha salvação. Mas mesmo com os olhares e sorrisos disfarçados que me lançam, tenho certeza de que elas não vão chegar perto de mim enquanto eu estiver neste carro horroroso que estou sendo obrigado a dirigir pela semana. Ou

por muito mais tempo se não conseguir fazer com que pelo menos uma dessas bonequinhas me beije antes da meia-noite.

Dar uns amassos nunca foi uma dificuldade para mim. As garotas gostam do estilo nórdico dos meus cabelos: louros, raspados nas laterais e compridos na parte de cima. Eles ficam caindo por cima dos meus olhos enquanto as observo, comendo as duas com meu olhar penetrante. Mas chegar perto de qualquer uma dessas garotas metidas com esta pilha de sucata presa a mim num lugar onde o carro mais barato ainda custa mais que cinquenta mil vai ser um desafio. Talvez eu tenha subestimado esse desafio. Maldito Félix por ter me convencido tão facilmente oferecendo uma pintura com aerógrafo no meu carro. Mas ele é um mestre com aquilo, e a pintura que eu quero vai levar dias.

Ainda por cima, a perspectiva de foder a Tânia no meu quarto de jogos era uma oferta quente demais para recusar. Ela, com seu mini vestido preto, é uma visão bem mais prazerosa quando está encostada no Corvette reluzente do que o Félix. Duas apostas com meus dois melhores amigos — com certeza, a minha morte.

Já peguei a Tânia em mais de uma ocasião. Aquele corpo esbelto de cabelos pretos ama sexo com fetiche tanto quanto o meu. Desde que a introduzi ao mundo da submissão e da disciplina há três anos, soube que ninguém iria satisfazer meus desejos tão perfeitamente como ela.

Chega a ser vergonhoso que eu não tenha concordado em assumir um relacionamento com ela quando o assunto surgiu. Ela sempre quis o pacote completo, com conchinha e tudo. Não só submissão e punição. Bem, não só isso. Infelizmente, não sou o tipo de pessoa que curte ficar de conchinha, e eu definitivamente não sou o namorado certo para ela. Félix se sairia melhor nesse papel. Ele curte tomar café no dia seguinte, mas não é chegado em sexo exótico. Que pena para Tânia. Mas, juntando tudo isso, nós somos a gangue perfeita de amigos — com uma transa casual de vez em quando.

— Quer que eu chame alguma das minhas amigas para te libertar, Björnsson? — provoca Tânia às gargalhadas. Isso vai custar a ela mais umas boas palmadas, e não muito gentis. Aliás, só se eu conseguir ganhá-la para o próximo fim de semana.

— Não preciso da sua piedade, meu amor — digo a ela com um sorriso torto. — Também não terei nenhuma por você.

Ela ri, mas eu consigo notar que ela está ansiosa para o que vou fazer com ela. Dá para ver por trás dos seus brilhantes olhos castanhos. Félix coloca o braço em volta do pescoço dela, a jaqueta preta apertada segue o movimento enquanto ele me lança um olhar brincalhão e diz:

— Vê se não machuca ela. Se você for grosso demais, ela vai me deixar na seca por dias.

— *Grosso* é o meu apelido. — digo arqueando as sobrancelhas. E é a verdade. Em mais de um sentido.

Um Honda branco com a suspensão rebaixada estaciona numa vaga bem atrás do carro em que estou, desviando minha atenção da garota que eu quero amarrar e comer. Senão fosse o único lugar disponível, tenho certeza de que o motorista teria encontrado uma vaga bem longe desta charanga velha, que além de tudo ainda ostenta um regador de estanho no teto. Félix é um sádico e, parando para pensar, até que se sairia bem num quarto de jogos.

O cara que sai do Honda tem uma expressão blasé e usa um boné preto virado para trás. O espaço entre o tecido e a tira ajustável deixa alguns fios de cabelo preto caindo sobre a testa dele. Nunca tinha visto ele ou seu carro em nenhum dos rachas que costumo frequentar. Se ele dirige tão bem quanto esse carro é sexy, então ele definitivamente veio ao lugar certo. É fácil faturar uma grana alta por noite se você souber manusear um carro esportivo. No entanto, a maioria dos caras aqui se esforça mais para tunar os carros do que para aperfeiçoar as habilidades como motoristas. Chega a ser impressionante como eles superestimam a si mesmos.

Tenho um apartamento em Mayfair, um duplex de cento e oitenta metros quadrados, logo abaixo da cobertura que fica no nono andar. Para ser sincero, metade do meu dinheiro vem de uma herança que recebi quando minha avó na Islândia morreu. Ela me deixou algumas terras que pude vender quando comecei a estudar arquitetura. O restante vem dos rachas de rua por toda Londres. Sou bom no que faço. Entre quatro paredes e nas ruas.

O cara do boné passa pelo meu capô sem dar muita atenção a mim e ao calhambeque. Não que eu estivesse esperando. Ele vai direto no Corvette e cerca ele com um brilho invejoso no olhar, vidrado no acabamento impecável do carro, nas rodas de vinte e uma polegadas e na placa onde está escrito: *GROSSO*. Acabada a inspeção, o homem para na frente de Félix, com as mãos nos bolsos, e encara o meu melhor amigo.

— Você que é o Rafael? — pergunta ele, com um sotaque carregado que parece ser da costa sul.

Agora a parada ficou interessante. Endireito minha postura, encostado no carro enferrujado, e cruzo os braços por cima da minha camiseta preta e branca, prestando atenção no que o cara tem a dizer ao verdadeiro dono do Stingray C7. Tânia me olha desconfiada, mas eu só balanço a cabeça.

— Quem quer saber? — replica Félix, tranquilamente.

— Meu nome é Sebastian Rhyse. — Ele estende a mão, claramente confuso com os cabelos completamente ruivos de Félix. Alguém deve ter dado alguma descrição para ele porque eu aposto o meu carro — meu carro de *verdade* — que ele esperava um louro platinado. — Sou novo na cidade e me disseram que o Stingray é uma boa concorrência.

Félix tira o braço dos ombros de Tânia e estala a mão na de Sebastian num aperto.

— Félix Tyrone. Esse C7 não é meu — diz ele debochando de mim, então continua a falar com Sebastian. — Mas pode ser que mude de dono hoje à noite.

— Seu sonho — digo rindo.

Sebastian me olha por cima do ombro. Consigo perceber o momento em que a ficha cai quando ele vê a cor do meu cabelo. Ele inclina a cabeça para o lado e os seus olhos passeiam por toda a extensão do meu corpo, demonstrando um interesse que me surpreende. Seus olhos demoram a encontrar os meus, e então o canto esquerdo de sua boca dá uma leve subida.

— Você é o Rafael?

Dou de ombros, um sorriso cínico em meus lábios.

— Sei que pareço novo demais para ter vinte e três anos, mas prometo que tenho carteira de motorista. — Me afasto da lata velha, e para a minha infelicidade a maçaneta da porta resolve me acompanhar. Ela cai no chão fazendo um barulho, e eu fico parado encarando-a por um instante com as mãos nos bolsos da minhas calça preta do tipo skatista. É... que merda. Solto um suspiro e deixo para lá, me voltando para o estranho: — O que você quer com o meu carro?

Os olhos dele brilham com desdém.

— Na melhor das hipóteses, os documentos de posse. — Tatuagens pretas do estilo maori emergem por debaixo das mangas dobradas da camisa preta que ele veste e o desenho cobre seu antebraço inteiro. Por

alguma razão estranha, o padrão me dá uma sensação relaxante. Tudo é estruturado dentro das linhas. Regras sempre me mantiveram focado. Quando olho de perto, vejo que ele porta um belo bracelete de couro no pulso esquerdo que harmoniza bem com as tatuagens de estilo neozelandês. Me irrita que ele use um relógio preto no pulso direito, no entanto. Não é o lugar certo para um relógio.

— Você quer correr contra mim? — pergunto.

— Você tem uma reputação e tanto. Estou sempre em busca de desafios excitantes.

É, eu também. Já ganhei vários carros no passado e depois vendi a maioria por uma boa grana. Em ocasiões raras, acabei perdendo-os em outras corridas. No entanto, eu raramente aposto o meu Corvette. Meu bebê é sagrado para mim. Mas neste momento, só tenho essa lata velha atrás de mim a oferecer. E Sebastian não tem cara de que aceitaria os documentos deste aqui.

— Desculpa te desapontar. No momento não estou em condições de decidir o destino do meu carro.

Não tenho sequer permissão para dirigir. E como a corrida dessa noite vai começar em apenas alguns minutos, duvido que alguma gatinha vá me beijar e me libertar antes que todos os corredores dirijam-se ao grid de largada. Principalmente porque ainda nem comecei a flertar com elas de perto.

Sebastian franze a testa.

— Aposto idiota. Longa história — explico, antes que ele faça a pergunta em voz alta.

Félix puxa Tânia e a coloca entre suas pernas, envolvendo os braços embaixo dos seios dela. Com o queixo no ombro dela, ele ri: — Um beijo voluntário de qualquer pessoa aqui antes do fim da corrida enquanto está encostado — ele acena com a cabeça em direção ao Ford — nisso?

— Ah, sim... — Sebastian esfrega o pescoço, olhando ao redor do lugar explodindo de pessoas bonitas e carros ainda mais bonitos. Ele parece estar definitivamente familiarizado com a futilidade da cena. — Isso vai ser difícil.

Difícil sim, porém não impossível. Na verdade, eu deveria parar de jogar conversa fora com estranhos e partir para o ataque.

— Quais são as regras? — pergunta, voltando-se para Félix. — Somente garotas?

Que tipo de pergunta idiota é essa? Meus dois amigos riem feito uns idiotas e Félix faz um gesto relaxado com a mão.

— Se o Rafa achar que consegue atrair alguns caras para dar uns amassos, ele pode fazer o quanto quiser. — Ele ri, jogando a cabeça para trás. — Merda, deveria ter criado essa regra desde o começo.

A encarada que Sebastian me dá com seus olhos escuros causam uma sensação estranha em mim quando ele me olha de cima a baixo mais uma vez. Ele sorri maliciosamente para Félix.

— Não queria não.

Um instante depois, ele diminui a distância entre nós com dois passos firmes. Em seguida, eu sinto a porta enferrujada do Ford nas minhas costas e o corpo de um homem me pressionando pela frente. Meus pulmões ficam sem ar. Sebastian segura meu rosto com as duas mãos e tasca a porra de um beijo na minha boca.

Meu Deus!

Meu corpo congela na hora. Só minhas mãos batem no metal daquela lata velha pedindo por ajuda, apoio, *qualquer coisa*. Mas não há como escapar deste momento.

Os cinco centímetros de diferença que Sebastian tem em relação aos meus um e oitenta são imperceptíveis no momento em que ele mergulha e inclina a cabeça um pouco para o lado. Quando a língua dele desliza para dentro da minha boca, acariciando a minha de maneira sensual, eu consigo sentir o gosto do último cigarro que ele fumou, misturado com algo mais doce, talvez Coca. Para minha total surpresa, a sensação da língua de um homem é basicamente igual a de uma mulher. Somente a sua barba levemente cerrada esfregando na minha pele lisa faz o beijo parecer diferente — dando um ar inesperadamente carnal. Droga, que coisa estranha.

E o mais estranho é que meu corpo quer ceder. Merda, não estou gostando disso, estou? Então... nem fodendo! Fico arrepiado só de pensar que o público cativo de todos os rachas de Londres pode estar vendo isso.

O momento acaba tão rápido quanto começou, e Sebastian me solta. Os lábios ainda numa curva sensual, ele dá um passo para trás e enfia as mãos nos bolsos de sua calça jeans rasgada. Ele está tranquilo.

Eu não.

Com uma expressão séria e confusa, toco meus lábios com os dedos.

— Er... obrigado? — murmuro, não muito seguro de que esta é a coisa certa a dizer. Rapidamente, esfrego a palma da mão na minha boca, meus olhos escaneando o entorno para ver a reação das pessoas. Mas, aparentemente, ninguém sequer percebeu. Fora meus dois melhores amigos, na verdade..

A risada de Félix ecoa entre os carros quando ele se aproxima e joga as chaves do meu Corvette nas minhas mãos.

— Toma aí, meu camarada. Você mereceu. Esse foi um beijo e tanto.

— Relaxa, não exagera — resmungo, revirando os olhos, lutando para recuperar a potência total da minha voz. O tom áspero não faz muito o meu estilo... fora do meu quarto de jogos, quero dizer.

Ignorando a encarada que Sebastian continua a me dar, me desvencilho dos caras e vou direto para as duas belezinhas que acabei de ganhar. Tânia sorri maliciosamente quando vê que estou me aproximando. Agarro ela pela nuca, puxando-a para perto de mim e pressionando minha boca contra a dela num beijo quente e intenso numa tentativa de me livrar do gosto que Sebastian deixou na minha língua.

— Te vejo no meu quarto de jogos — sussurro contra os lábios dela, enfim calmo e de volta ao meu eu. — Amanhã às dez.

Solto ela no instante seguinte e deslizo meus dedos pelas saídas de ar no capô do Corvette, delineando o acabamento suave da moldura do para-brisa.

— E aí, gatinha. Sentiu minha falta? — Meu coração acelera só de pensar em finalmente colocar as mãos no volante do meu bebê de novo

A porta abre com o já familiar clique suave, me dando acolhendo. Deslizo para o banco do motorista, uma perna dentro e a outra fora do carro, meu pé ainda no concreto. Sinto imediatamente o cheiro de couro. Não há necessidade de inserir a chave na ignição para dar partida no motor, é só apertar um botão quando a chave estiver dentro do carro. Sinto a vibração de 490 cavalos de potência embaixo de mim. Acariciando o volante esportivo como se fosse o corpo de uma mulher sexy, fecho meus olhos e aprecio a sensação de estar de volta ao meu paraíso particular.

— Quando você acabar de foder com o seu carro, me encontra na linha de partida.

Abro os olhos e me deparo com Sebastian rindo e dou ao homem, cujo braço está pendurado na porta aberta do meu carro, um breve aceno.

Hoje é dia de corrida, bebê!

A rua ainda está quente por causa das altas temperaturas atingidas hoje, muito comuns nessa época do fim de Junho. Essas são as melhores condições para os pneus, que vão grudar no asfalto igual a um trem nos trilhos.

As batidas do meu coração estão sincronizadas com o grave dos alto-falantes no momento em que posiciono meu carro no grid. Quatro carros aceleram na linha e eu ocupo o espaço do meio. O Honda branco aguarda à minha esquerda, seu motorista me lança um olhar atrevido através da janela aberta do passageiro. Ele grita:

— Aposta o seu carro, lindinho?

As corridas que a gente organiza exigem sempre uma taxa de inscrição de mil paus, adiantados. Essa é a regra. O vencedor leva tudo. Somente em raras ocasiões, os motoristas aumentam um pouquinho os riscos por debaixo dos panos.

Sinto uma onda de excitação por todo meu corpo enquanto mordo meus lábios. Não tenho ideia do tipo de motorista que ele é. Medroso? Cauteloso? Burro? Imprudente? Nunca vi esse cara correr antes. Ele pode muito bem ser um impostor, um desequilibrado que resolveu me desafiar mesmo sabendo da minha reputação. Ou ele pode estar à minha altura. Perder o meu Corvette esta noite de novo iria arruinar a minha semana completamente. Por outro lado, ganhar o Honda poderia fazer dela um sucesso.

Sinto minha jugular pulsando. Ah, foda-se. Aceno positivamente. Sebastian abre um sorriso, voltando-se lentamente para a frente de novo.

Nikki, uma gostosinha vestindo um shortinho preto e saltos tão altos que a deixam do tamanho de um arranha-céu, segue a fila e coleta a taxa de inscrição de cada motorista. Mando um beijo e dou uma piscadinha para ela quando entrego minhas mil libras, um maço de notas pesado que tiro do bolso. Ela me deseja sorte e devolve o beijo, diretamente daqueles lábios completamente banhados em vermelho.

Com o dinheiro seguro com Rob, um dos cinco juízes de linha, Nikki pega duas bandeiras quadriculadas e assume a posição em frente a nós. Elliot e Mestre B estão monitorando o rádio da polícia. O gênio japonês e o maconheiro com seus dreads até o ombro são especialistas em hacking e são os responsáveis por dar o sinal verde para nós. Literalmente. É muito fácil para os estudantes de programação invadir o sistema de tráfego e manipular alguns sinais vermelhos para deixar as estradas livres pelos

próximos três quilômetros da Avenida Old Park e ao redor do Parque Bush Hill. É uma volta que já fiz diversas vezes, mas não recentemente. Mesmo assim, conheço cada quebra-molas, a angulação de cada curva e os lugares onde cada um deve tirar o pé do acelerador se quiser terminar a corrida.

Quando Nikki levanta as bandeiras acima da cabeça, os motores do Honda branco e do Nissan vermelho-escuro à minha direita rugem como leões no cio. Também dou uma pisadinha no acelerador, só para dizer um oi. Após checar uma última vez com os hackers, o rabo de cavalo de Nikki sobrevoa seu ombro. E então ela abaixa as bandeiras como uma águia batendo as asas.

Piso com toda força no acelerador e solto a embreagem. O sistema de transmissão atualizado permite o câmbio automático e sigo adiante sem me importar com as marchas. O Corvette é um carro esportivo, fácil de manobrar e pronto para o mal. Nós voamos pela rua, passando por carros que esperam em vias secundárias por causa dos sinais vermelhos não programados. Não preciso nem olhar para eles para saber que os motoristas estão olhando de um lado para o outro em estado de choque.

Com cerca de duzentos e cinquenta metros dentro da corrida, o Honda, o Nissan, uma BMW preta e eu ainda estamos emparelhados. O Golf violeta, com provavelmente um pouco menos de 400 cavalos de potência, fica para trás. Meu sangue ferve, pois estamos chegando perto da primeira curva acentuada à esquerda. É aí que vai ser decidido quem vai assumir a pole position, já que não há espaço suficiente para quatro carros fazerem a curva. Somos todos bons no volante. E nossos carros são velozes. Mas somente o motorista mais inconsequente vai assumir a dianteira. E estou determinado a sê-lo.

Desacelero, pisando levemente no freio, e então piso no acelerador de novo, mirando na maneira mais curta possível de fazer esta curva. Perdemos o Nissan e a BMW reage um nanosegundo mais devagar, também. Eu flutuo elegantemente pela curva, o canto dos pneus anuncia que em breve vou precisar de um novo kit para o Stingray. O Honda flutua perto de mim — na curva externa. Isso tem um preço. Aí vamos nós... Pole!

O Honda de Sebastian cola na minha traseira. Ele está tão perto que não consigo ver nem os faróis ou o capô de seu carro pelo meu retrovisor. Esse é o lado estreito do parque. Ele seria doido se tentasse me ultrapassar aqui, já que estou ocupando a trilha bem do lado da calçada. De qualquer jeito,

ele perderia meio segundo e seria forçado a pegar a curva de fora pelo lado mais amplo de novo.

O Nissan, a BMW e o Golf já eram. A não ser que aconteça uma colisão entre Sebastian e eu nesta parte da corrida, o jogo está completamente acabado para eles. Sem chances de levar o prêmio em dinheiro.

Mas o Honda ainda está na minha cola. Consigo enxergar pelo retrovisor quando ele está pronto para me ultrapassar, mas o meu pé não sai do acelerador de jeito nenhum. Sebastian luta por cada centímetro da estrada, e eu também. E quando nós estamos perto da linha de chegada, logo antes da última curva, nossos pneus dianteiros parecem gêmeos siameses.

Só faltam cem metros. O suficiente para o babaca adquirir metade de um carro de vantagem. Mas ainda estou numa posição melhor para avançar até à chegada. Desacelero, pisando levemente no freio, e consigo sentir a traseira do Corvette me acompanhando. Com menos de sessenta centímetros de distância entre a porta do meu carro e a do carro dele, Sebastian faz o mesmo e, como se fossemos um só, avançamos pela última curva juntos, deslizando pela linha de chegada com centenas de pessoas comemorando de ambos os lados.

Merda! É difícil dizer quem conseguiu os últimos centímetros cruciais para ganhar a corrida.

Com o coração batendo rapidamente, paro de repente o Corvette no meio do estacionamento e saio. Sebastian já tinha batido a porta do carro dele. Enquanto os juízes avaliam os vídeos e as fotos em seus celulares para nomear o vencedor das cinco mil libras, Sebastian vem em minha direção, segurando a mão na altura do peito. Eu estalo minha mão na dele, apertando rapidamente. Muito melhor do que beijar o cara.

— Corrida impressionante — elogio ele. — Máximo respeito.

Sebastian sorri, soltando a minha mão.

— Então quer dizer que eles falaram a verdade. Você é mesmo único, Rafa.

Acho que não sou mais o único. Ele está realmente no meu nível. Droga, só espero que eu não tenha perdido...

— Empate! — grita Rob da rodinha dos juízes, que, até o momento, estavam com as cabeças grudadas. — É a porra de um empate!

— O quê...? — As palavras saem da minha garganta rouca e consigo sentir meu rosto ficando pálido. Rob e Lauren vêm correndo na nossa

direção, ambos segurando cliques espetaculares do momento na tela de seus celulares, o Corvette e o Honda deslizando pela linha de chegada em perfeita sincronia. Se não fosse o meu carro, teria assobiado pelos dentes em espanto. Neste momento, estou mudo como um túmulo.

— Merda, não! — Sebastian põe as mãos na cabeça sobre o boné, mas ele recebe a notícia melhor do que eu e ri incrédulo.

Não ligo que o dinheiro do prêmio vai ser dividido pela metade e eu vou ganhar mais do que o dobro do que paguei para participar. Vou perder a porra do meu Corvette esta noite! *De novo!* Porque um empate significa que...

— Temos que trocar de carro. — diz Sebastian, impassível.

É. Nós temos. Está nas regras. Mas não quero abrir mão do meu Corvette! Que merda que eu vou fazer com um Honda?

Ainda estou um pouco fora de mim quando Nikki entrega para nós dois a nossa parte do prêmio e eu coloco o bolo de dinheiro no meu bolso. Um tapa no meu ombro me faz acordar para o momento.

— Agora isso sim foi um show, para variar! — comemora Félix, mas seu semblante muda e ele se retrai no momento em que vê a minha cara. — Foi mal, cara.

Tânia segura o meu queixo e sorri, com um olhar desafiador.

— Awn, não faz essa carinha, Rafinha. O Honda é um carro sexy, também. Vocês só precisam de um pouco de contato, se acostumar um com o outro. — Ela balança o nariz igual a um coelho, me provocando. — Ela vai amar suas esquisitices.

Agarro forte o pulso dela, tirando sua mão de mim. A garota está implorando para levar uns tapas até a bunda dela ficar da cor de um campo de morangos. Ela não me chamaria de Rafinha se não quisesse uma punição. Meio bruto, puxo ela para perto de mim e, através de um sorriso, falo grunhindo:

— Amanhã, meu amor. Amanhã...

Tânia geme em antecipação. Ela tira a mão de perto quando eu afrouxo a minha pegada e então volta para o lado de Félix. Entrelaçando os dedos no ombro dele, ela repousa o queixo nele e me lança um olhar feroz. Ela fica deliciosa quando me provoca, se fazendo de brava. Pena que só faço minhas refeições algemadas e vendadas na minha *sala de jantar*.

## CAPÍTULO 2

*Sebastian*

Ganhei o Corvette.

E perdi o meu Honda.

Comemoro ou dou um soco na parede?

Merda, não faço ideia.

Este é o meu primeiro empate e eu raramente perco. É claro que desejei esta beleza grafite no momento em que coloquei meus olhos nela há vinte minutos atrás — e talvez o lourinho platinado também. Mas *trocar* nunca foi a minha intenção.

Pensando na possibilidade infeliz de perder meu carro em alguma corrida, sempre carrego comigo os documentos. Eles ficam guardados no porta-luvas. Não tenho ideia de como Rafael vai lidar com isso, então encosto no Honda, os tornozelos cruzados. Cruzo os braços sobre meu peito, e dou um tempo para ele bater um papo com os amigos dele antes de interromper:

— Está pronto para dar adeus ao seu possante? Está com os documentos aí?

Ele para de prestar atenção na garota que parece estar com seu amigo ruivo — ou não, vai saber — e me olha com desdém.

— Faz uma semana que não dirijo meu carro, os documentos estão em casa. Pode me seguir.

Negativo. Ele também não está muito contente com a troca.

Faço que sim e vejo ele deslizar para trás do volante do Corvette sem dar nem mais um pio, a testa franzida imprimindo frustração. Quando ele bate a porta do carro e dá partida no motor, entro no meu próprio veículo e aperto o botão, fazendo-o roncar como um jaguar. A polícia vai chegar aqui a qualquer momento mesmo. O que os caras fizeram com os sinais de

trânsito não vai passar despercebido por muito tempo. A multidão já começou a dispersar.

Dou ré e entro na fila atrás de Rafael, enquanto ele espera com um braço para fora da janela aberta perto de seus amigos.

— A chave do Ford está na ignição. Pode enterrar no buraco de onde você tirou — diz ele com um sorriso sarcástico no rosto. Isso me faz rir. Cara, que tipo de apostas idiotas essas crianças inventam quando o PlayStation para de funcionar?

Pensando bem, eu provavelmente deveria parar de vê-los como *crianças*. Rafael disse que tem vinte e três, só dois anos mais novo que eu. E ele estava certo, realmente não aparenta a idade que tem. Quase me senti como um pedófilo quando o beijei mais cedo. Não, mentira, não senti. Os olhos dele possuem um ar relaxado e dominador ao mesmo tempo, que mais do que compensam a experiência que falta em seu rosto de garoto.

Diria com toda certeza de que ele faz o meu tipo. Mas isso seria mentira, porque a verdade é que não tenho um tipo. Eu fodo com qualquer coisa que prometa um pouco de diversão — bunda ou boceta, não ligo. Pena que ele não parece jogar para os dois times. Ficou bastante óbvio que eu fui o primeiro beijo num homem da sua vida, estava escrito na cara dele. Também percebi a tensão quando enfiei minha língua na boca dele. Ainda assim, nada mal para um primeiro beijo.

Quando ele deixa o estacionamento e adentra o trânsito que voltou a fluir, eu colo em seu para-choque traseiro e o sigo por Londres. Passamos pela entrada que dá na minha casa em Primrose Hill e seguimos em direção à Mayfair. Riquinho, hein? O Corvette já denunciava, mas ele também poderia ter quebrado o cofrinho para comprá-lo. No momento em que viramos em Brook's Mews e ele desacelera e entra no estacionamento subterrâneo embaixo do prédio residencial, todas as minhas dúvidas desaparecem.

Sigo ele por um caminho sinuoso que dá num lugar que grita “*dinheiro*” em todos os cantos. Porsches, Audis, muitas BMWs e até uma Lamborghini vermelho-cereja de cair o queixo, todos embalados para dormir aqui. Rafael vai direto para a vaga 37 ao lado de um Jeep preto novinho que poderia abrigar uma família de ursos. Estaciono o Honda na 37A, que é provavelmente reservada para seus convidados.

Após desligar o motor, fico só mais uns segundos apenas sentado aqui, minhas mãos apertando o volante. Dou um suspiro. Eu amo esse carro. É

como um animal de estimação fiel. Um cachorro que acolhi quando era só um filhote brincalhão e eu o moldei até virar a melhor companhia possível. Até que o Corvette é uma boa troca. Um upgrade, com certeza. Se tem personalidade, isso é o que veremos.

Retiro a papelada do porta-luvas e finalmente saio.

Rafael parece sentir o mesmo pelo Corvette. Ele passa a mão desde a borda do teto até a barra do para-brisas. Juro que vi os lábios dele formarem as palavras “*Se cuida, linda*”.

Quando sento no capô do Honda para esperar ele pegar a papelada em seu apartamento, ele me olha e sinaliza em direção ao elevador com portas de alumínio no lado oposto do ambiente.

— Podemos fazer todas as formalidades lá em cima. Quer subir para tomar uma cerveja?

Parece melhor do que esperar no porão.

— Claro. — Sigo pela garagem junto dele, maravilhado pelos símbolos de status que nos cercam. O breve *bipe* que meu carro faz quando aperto o botão de trancar no chaveiro soa como um último adeus

Há dois elevadores aqui embaixo, separados por alguns metros. Rafael me chama para aquele com uma placa em que se lê “*Privado*” e em volta do botão quadrado surge um contorno vermelho quando a seta indicando “subir” acende. Momentos depois, as portas se abrem e Rafael é o primeiro a entrar. A fileira vertical de números é protegida por um teclado numérico e ele tecla quatro dígitos depois de apertar o botão do nono andar. Ele não faz muito segredo com o código. 2-1-1-2. Talvez o aniversário dele em dezembro?

A cabine é grande o suficiente para aguentar cinco ou seis pessoas, mármore e espelhos por toda parte. Rafael encosta numa das paredes laterais, cruzando os tornozelos e segurando o corrimão na altura da cintura. Encosto na parede de frente para ele, minhas mãos enfiadas nos bolsos.

Como nenhum de nós dois diz uma palavra sequer, tenho tempo o suficiente para estudar as feições dele enquanto subimos para o nono andar. Cobertura. Como ele é estiloso! E o azul ártico de seus olhos poderia congelar o ar dentro do elevador, mesmo que ele nem se esforce para me fuzilar com eles. Com esse cabelo platinado e essa pele pálida — que deve ser de nascença —, o cara parece um iceberg. Um iceberg gostoso para caralho.

— Noruega? — arrisco um palpite aleatório.

O elevador para e as portas deslizam para dentro das paredes.

— Islândia — replica ele num tom de voz frio, no momento em que sai do elevador direto para uma sala de seu apartamento iluminada por luzes esparsas no teto. Conforme ele anda outras luzes vão acendendo. Me desencosto da parede espelhada e sigo o convite implícito, investigando o lugar enorme.

O chão é coberto por pisos de ardósia da cor grafite. Um sofá de couro branco comanda o ambiente, ocupando o espaço entre o elevador e as janelas gigantes que dão vista para Mayfair. O seccional em forma de L fica de frente para uma mesa de centro que repousa sobre um tapete angorá turquesa e algumas cristaleiras estão posicionadas ao fundo como guardas em silêncio. Na mesa de centro vejo um fone *headset* para jogos e um controle que me fazem sorrir e procurar pela seção de entretenimento. Achei! Uma TV de tela plana gigantesca acoplada à parede a minha esquerda junto de um PS4 e um X-Box One em prateleiras pretas debaixo dela. Sabia que ele era *gamer*.

Enquanto Rafael vira à esquerda para a área da cozinha que possui conceito aberto junto da área de jantar, eu ainda estou preso à escada em caracol, que obviamente leva ao segundo andar deste apartamento.

— Cacete!

Rafael ri com o meu xingamento de espanto, o som vem acompanhado pelo tilintar das garrafas na porta da geladeira quando ele abre. Junto-me a ele, encostando um quadril na gigante ilha da cozinha e dobrando meus braços depois de colocar a papelada do Honda em cima da superfície de mármore escuro. Ele fecha a porta da geladeira e traz duas garrafas. Encaixando a tampinha da cerveja na quina da bancada, ele abre com um tapa e a coloca na minha frente. Então ele desenrosca a tampa de sua garrafa de água e a segura.

— Não gosta de beber antes de ir para cama? — implico com ele quando pego minha cerveja e bato em sua anti-bebida. — Saúde.

— Não bebo álcool. — Ele leva a garrafa até a boca e adiciona antes de dar um gole:

— Nunca.

Um pouco surpreso, faço uma cara estranha enquanto a cerveja gelada desce pela minha garganta. Minha pergunta não dita é uma provocação à sua atitude indiferente.

— Gosto de manter o controle.

— Controle? — Agora o cara cujo corpo aparenta ser definido, embora não tão musculoso quanto o meu, me deixou seriamente curioso. — De quê?

— De tudo. — Ele tampa a garrafa de água e a coloca na mesa, mantendo os dedos finos em volta dela. — Pessoas. Carros. Mas especialmente... de mim mesmo. Da minha mente. O álcool te faz cometer muitas coisas idiotas.

Minha sobrancelha se ergue, e falo com a boca da garrafa tocando os meus lábios:

— Como se meter numa aposta que envolve um Ford caindo aos pedaços e um beijo?

— Não. — Ele ri, mas para quando se dá conta. — Essa foi uma aposta bem controlada.

Parece interessante. E triste.

— Você não se solta com facilidade, não é?

— Jamais. — Rafael ri. Porra, até esse som foi controlado e me faz querer ir mais a fundo na psique desse cara. Bem a fundo.

Ele deixa a cozinha e some ao entrar num cômodo próximo às escadas. Quando volta com uma pilha de papéis que devem ser a documentação do Corvette, imagino que o cômodo seja uma espécie de escritório. Ele joga tudo na bancada da cozinha com uma caneta azul em cima. Quem frequenta esse tipo de corrida, sabe que é costumeiro ter um contrato de vendas do seu carro pronto. Ao que parece, Londres funciona da mesma forma que Eastbourne, a cidade onde nasci e cresci — e onde frequentava rachas desde os dezoito anos.

Pego a caneta e assino ambos os contratos nos lugares indicados. Então entrego a caneta e Rafael puxa os papéis para perto de si.

— Sexta-feira à noite — inicia ele, enquanto assina a papelada —, você não vai encontrar nenhuma seguradora ou agência do Departamento de Trânsito aberta antes de segunda-feira, para fazer todas as formalidades e a transferência de propriedade dos carros. — Lentamente, ele solta a caneta, e olha para mim. — Independentemente disso, acho que você quer trocar agora mesmo, não é?

Pode acreditar que sim. Com um sorriso, eu concordo.

— A gente pode ir se acostumando com os nossos novos possantes neste fim de semana. Cara, estou louco para descobrir o que é que essa sua belezinha esconde debaixo da saia. — Ele não reage à minha provocação,

apenas tira o chaveiro do bolso e desata a chave do Stingray. Com um suspiro melancólico, ele a coloca sobre a papelada do carro e pega a minha em seguida. — Volto semana que vem para fechar o negócio.

Rafael assiste a chave codificada preta do Corvette desaparecer no meu bolso.

— Não terei muito tempo para testar o Honda neste fim de semana. Vou receber visitas. — Só agora o olhar dele vai de encontro ao meu. — Mas fique à vontade para desfrutar do meu.

Suas palavras me lembram partes da conversa que ouvi por acaso dele com a garota que acho que tem algo com Félix.

— Aquela do cabelo preto? — sondo, bebendo mais um gole da cerveja. — Que tipo de triângulo amoroso você e o seu amigo têm com ela?

Ele inclina a cabeça e me examina por um instante, os lábios esboçando um sorriso debochado.

— Aposto que você deve estar morrendo de curiosidade.

— Pode apostar. — Ponho a garrafa, que está pela metade, na mesa e enfio as mãos nos bolsos de trás da minha calça jeans. — Mas se você não quiser revelar nada, poderia pelo menos me dizer como alguém da sua idade consegue bancar um lugar incrível desses? — Dou um giro no lugar, absorvendo tudo mais uma vez. Tudo excepcionalmente limpo. Até a cozinha parece que nunca foi usada antes. — O que você faz da vida, cara?

Rafael ri — puta que pariu, finalmente uma risada honesta. O som chama minha atenção de volta para ele.

— Tinha uma avó rica na Islândia — ele admite. — e vendi alguns carros luxuosos que ganhei nas corridas.

— Uma boa herança e sorte nos rachas. Entendi.

Ele menospreza a minha franqueza.

— Quer um tour do apartamento?

Devo confessar que estou curioso para saber como ele vive, então concordo e ele mostra o caminho. Seguindo-o até a sala em que desapareceu mais cedo, descubro que eu estava certo. É um escritório, mas não só isso. Em frente à janela do lado esquerdo há uma mesa enorme, e do lado direito da sala vejo alguns halteres. Acima do banco de supino, minha atenção é captada por três grandes fotografias, perfeitamente alinhadas, com uns trinta centímetros de espaço entre elas que, quando dispostas desta forma, mostram a aurora boreal acima do que acredito ser a Islândia.

— Há quanto tempo você mora em Londres? — pergunto, andando em direção às janelas e olhando para as luzes da rua lá embaixo. O sotaque estrangeiro dele é praticamente imperceptível, mas depois de saber de onde ele vem, prestando atenção, até que dá para notar.

— Minha família se mudou para a Inglaterra quando eu tinha sete anos. Depois que minha avó morreu, meus pais voltaram para a nossa terra natal e vivem na casa dela.

— Sem você?

— Acho que me tornei um verdadeiro londrino. Muito espaço e silêncio na Islândia. Além disso, tem a minha faculdade aqui. Odiaria ter que trancar.

Me viro e encontro ele semissentado na beira da mesa, os braços cruzados, os olhos de gavião colados em mim. Me junto a ele, afastando alguns papéis que parecem ser plantas de um shopping ou algo do tipo.

— Foi você quem fez esses desenhos?

Ele descruza os braços e segura na beira da mesa ao lado dos quadris, inclinando a cabeça para dar uma olhada nas plantas.

— É um projeto para uma disciplina.

— Você estuda arquitetura? — pergunto, erguendo meus olhos da mesa, com uma expressão de dúvida. Rafael assente, então a minha pergunta seguinte soa mais incrédula do que eu pretendia: — Por quê?

— Por que não? — Ele imita meu olhar desafiador.

— Não sei. Acho que com todo esse lance de corrida em que você está metido, pensei que você se interessaria por algo mais...

— Inconsequente? — debocha ele, me ajudando com a palavra que faltava. Quando ele se afasta da mesa e sai da sala, eu o sigo, fechando a porta atrás de mim. — Bem, eu meio que gosto do trabalho estruturado de um projetista — explica, subindo as escadas. — Tenho conforto nas coisas que seguem regras e em tudo que está delimitado por linhas.

Dou uma risadinha, minha mão mal toca o corrimão curvo de inox enquanto sigo dois degraus atrás dele.

— Ah, a coisa do controle.

Rafael lança um olhar intenso e um sorriso torto pelo ombro na minha direção.

— Positivo. — Porra, esses olhos azuis têm um tipo de mágica no escuro que me faz apertar os dedos em volta do corrimão.

Quando ele se vira para frente de novo, me permito examinar cada canto desse apartamento imenso mais uma vez. Tudo é impecável. Não há uma louça suja sequer na pia e nem uma meia sem par solta por aí, o que na minha opinião é algo bem estranho para um homem da idade dele, morando sozinho.

— Quem faz a faxina do lugar? Você?

— Rosa. Ela vem duas vezes por semana, mas eu tento facilitar o trabalho dela e não fazer muita bagunça.

Uma empregada. Por que não estou nem um pouco surpreso?

Chegando no segundo andar, o apartamento se divide em duas direções com um quarto em cada extremidade e duas portas no meio. O primeiro quarto que ele me mostra é o dele. Ficamos parados na entrada, obviamente sendo aqui o mais próximo que ele vai me deixar chegar de seus lençóis. É exatamente como eu esperava. Uma cama king-size forrada com lençóis de cetim, escuros, posicionada ao centro de uma parede, e mais janelas que vão do chão até o teto com vista para a cidade.

— Maneiro.

Antes de ele fechar a porta de seu espaço privado, consigo ter o vislumbre de um banco estofado em frente às janelas e de uma porta que provavelmente dá para o closet ao lado de uma cômoda.

A próxima porta dá num banheiro luxuoso completamente revestido em pedra, com um chuveiro *walk-in* por trás de uma parede de vidro completamente transparente e uma banheira separada. Há uma pia com cuba dupla feita de mármore escuro, mas suspeito que Rafael vive sozinho aqui.

Passamos direto pela segunda porta no meio do corredor — de propósito, acredito — e ele me deixa dar uma olhada no quarto em frente ao seu.

— O quarto de hóspedes — indica.

É mobiliado para mulheres. Tudo aparenta ser mais delicado e acolhedor do que seu próprio quarto. Os lençóis na cama queen-size são de um vermelho profundo e aparentam ser luxuosos. Há também várias pequenas almofadas floridas e uma penteadeira com um espelho triplo. O lugar também está cheio de velas espalhadas por ele e, no peitoril da janela repousa o único vaso de plantas que vi em todo o apartamento.

— Qual é o nome dela? — Não resisto a vontade de perguntar. Encosto no batente da porta em frente a ele e cruzo meus braços, esperando uma

resposta.

— Quem?

— A garota que você e o Félix parecem dividir. Creio que é ela que usa este quarto de vez em quando, não?

Rafael morde o lábio inferior, examinando o meu olhar enquanto obviamente pondera.

— Tânia — admite por fim, sorrindo um pouco. Apesar de ele estar com as mãos enfiadas nos bolsos a maior parte do tempo, nós estamos encostados no batente da porta de uma maneira perfeitamente simétrica, nossos pés quase se encostando no meio. A camiseta larga que ele veste tem um tecido que lembra tricô e está dividida perfeitamente entre preto e branco, o que, para mim, parece ser um reflexo de sua mente. Ele tem um sorriso lindo, mas não se permite mostrá-lo porque isso pode ir contra as regras que ele estabeleceu para o seu mundo. É a frieza glacial versus uma delicadeza meio estranha e jovial. Ambas são igualmente hipnotizantes.

Abandono esse pensamento e continuo:

— Então, ela uma espécie de amiga que você come de vez em quando? É esse o combinado?

Olha só, Rafael tem covinhas.

— Eu tenho o prazer de *brincar* com ela de vez em quando. — Seu olhar acalorado se desvia rapidamente para a porta que ele ainda não abriu. — E eles não são um casal. A gente gosta de se divertir junto e de foder junto desde... sempre.

É, eles meio que deixaram isso bem óbvio. Eu rio e então aponto para o quarto secreto:

— O que tem aí?

— Playground. — Até a voz dele tem um ar brincalhão agora. — Somente para experimentos.

— Posso ver?

A parte superior de seu corpo se projeta um pouco para ajudá-lo a desencostar do batente sem usar as mãos. Mas ele tira uma mão do bolso de qualquer jeito e segura na maçaneta da porta misteriosa quando para, se vira para mim e diz:

— A chave para esta porta é a sua palavra de segurança.

Ah, agora a parada ficou interessante. Com um sorriso safado, me aproximo dele e paro a apenas alguns centímetros de seu corpo. Consigo sentir o calor que ele emana. Olhando no fundo dos olhos dele, coloco a

minha mão sobre a sua na maçaneta, fecho meus dedos e giro para abrir a porta atrás dele.

— Eu não uso palavras de segurança. — falo bem devagar, exageradamente perto de seus lábios.

## CAPÍTULO 3

*Rafael*

A mão de Sebastian é quente. E um pouco áspera. Provavelmente calejada de girar o volante com a palma da mão, a outra sempre no câmbio.

Sinto a respiração dele no meu rosto, seu corpo invadindo meu espaço, como se a minha privacidade não significasse nada para ele. Parece que ele faz isso de propósito, para me provocar esse embrulho no estômago. Quando ele gira a maçaneta sob os meus dedos, me esquivo dele seguindo a deixa da porta. Normalmente, não sou o tipo de pessoa que evita confronto. Hoje, só estou me afastando para evitar esse excesso de intimidade.

Sebastian apenas ri com a minha reação e entra em meu quarto de jogos. Aperto o interruptor ao lado da porta e uma meia-luz indireta brilha a partir de um vão que há nas extremidades do teto. Uma cama de mogno de quatro colunas fica posicionada contra uma das paredes, o colchão forrado com lençóis violeta profundo. Nos vidros das janelas, vejo o ambiente refletido junto com a figura de Sebastian vagueando lentamente pelo quarto.

Os armários e as prateleiras são feitos da mesma madeira escura que a cama e se alinham às paredes pintadas com uma cor neutra em tom de bege. Odeio tons vibrantes, especialmente se eles criam uma atmosfera vulgar num ambiente que foi feito para se destacar por sua estética. Nada aqui é obscuro.

Também não preciso de nenhuma mobília chique. Ou brinquedos sexuais. As algemas de couro penduradas no travessão da cama são as minhas verdadeiras favoritas. Tânia fica maravilhosa quando está por elas, vendada e tremendo em antecipação para o que está por vir.

Cruzo o quarto em direção à cama e me encosto numa das colunas, observando Sebastian explorando o lugar. As gavetas e as prateleiras abrigam uma bela coleção de *floggers* e um ou dois chicotes. Mas a maior

parte do closet está tomado por todos os tipos de corda, correntes, algemas, cintos e barras. Não preciso ser bruto com as minhas submissas. *Bondage* realmente é o meu fetiche. Ter controle absoluto sobre elas. Me deixa calmo como um bebê ouvindo uma canção de ninar.

Quando Sebastian se aproxima do sistema de som, aperta o botão do play e uma música hipnótica ecoa pelos alto-falantes escondidos pelo quarto. Ele vai abrindo algumas gavetas aleatoriamente, pegando um objeto aqui e ali para inspecionar mais de perto. Desliza os dedos por uma coleção de algemas disposta num feltro preto em uma das gavetas. Então pega uma algaema em oito — feita de um metal reforçado — e me lança um olhar de curiosidade, abrindo-a ao apertar o mecanismo que a destranca.

— É assim que você gosta de foder?

Sim. Prefiro muito mais os prazeres controlados daqui do que correr o risco de ir para casa de uma garota, onde ela pode ficar animada demais com a situação no quarto dela. Não sou muito fã dessas garotas com jeito de menininha. No entanto, a única coisa que Sebastian recebe como resposta é um dar de ombros indiferente.

Com os olhos fixos no item de metal em suas mãos, ele abre e fecha várias vezes e depois o pesa em apenas uma mão, inclinando a cabeça.

— Bem pesado.

É mesmo. E olha que esta é a menor versão. Tânia tem antebraços frágeis, a maioria das coisas neste quarto são ajustadas especialmente às necessidades dela. Dificilmente isto fecharia nos pulsos fortes de Sebastian. Nos meus? Talvez.

Ando até ele e estico minha mão para pegar a algaema e colocá-la de volta na gaveta, mas Sebastian a puxa rapidamente e eu acabo agarrando o ar. Ao mesmo tempo, ele pega os meus dois braços, e torce eles para trás mais rápido do que eu consigo reagir.

— Mas que...?

Ouçõ o som de um clique e sinto o metal pesado envolvendo meus pulsos, muito bem presos. Perplexo e puto, tento olhar por trás do meu ombro, mas quase esbarro meu nariz no de Sebastian. Seu rosto está tão perto que prendo a respiração em choque.

Ele ainda está segurando meus pulsos, mantendo-os no lugar, mesmo que eu obviamente não consiga movê-los. Seu calor invade a minha pele.

— Qual é a sua palavra de segurança? — sussurra ele, olhando no fundo dos meus olhos.

Putaquepariu! Eu rio.

— Não é da sua conta. Me solta agora.

— Hmm... acho que não. — Ele passa o braço por mim para pegar uma venda preta de outra gaveta que ele deixou aberta. Com um perigoso sorriso debochado na boca, ele a desdobra e segura no alto com ambas as mãos, uma promessa desonesta em seus olhos castanhos. Completamente confuso, olho para ele franzindo a testa, dando dois passos para trás até encostar na parede. Ele me alcança antes que eu consiga escapar e se posiciona na minha frente, colocando a venda por cima dos meus olhos e amarrando-a na minha nuca.

Meu corpo fica tenso. Merda, está tudo preto. Minha respiração acelera, combinando com meus batimentos cardíacos acelerados.

— Este quarto não é para experimentos? — sussurra Sebastian, fazendo a pele atrás da minha orelha ficar úmida com sua respiração quente. Ele dispara no meu pescoço arrepios que nunca senti antes. — Então, vamos experimentar!

Meus lábios se apartam e eu fico ofegante. Jesus! Preciso sair daqui.

Mas não estou enxergando nada e estas algemas idiotas nas minhas costas só abrem com o empurrão certo no mecanismo — que não consigo alcançar de jeito nenhum. Este brinquedo não foi feito para brincar sozinho.

Dedos delicados seguram meu queixo, girando minha cabeça exatamente para a posição onde Sebastian me quer. Sua voz está tão calma e baixa que lança uma onda de arrepios por todo meu corpo.

— Sua palavra de segurança, Rafa?

Não falo essa palavra em voz alta há anos. Eu nunca, *nunca mesmo*, estou do lado mais fraco da corda.

— Qual é, não vou entrar na sua brincadeira — tento argumentar. — Tira essa merda dessas algemas e, pelo amor de Deus, a venda também.

— Por quê? — Ele enfia a mão por baixo da minha camiseta, passando os dedos vagorosamente pelo meu abdome definido. Eu retraio, mas não há escapatória. As mãos dele deslizam até as minhas costas por cima da curva da minha bunda. — Não gosta de ficar... — Ele aperta. Meu Deus! — À minha mercê?

Estou ficando com calor, o que de novo lança um pânico dentro de mim. Fico arrepiado. Ondas de adrenalina disparam pelas minhas veias fervendo. Sinto que meu coração vai pular da boca. Putaquepariu!

— Palavra de segurança... — Sebastian fala de maneira arrastada bem perto da minha boca. — Agora.

O perfume desconhecido de pele bronzeada por baixo de uma camada fina de gel pós-banho almiscarado invade minhas narinas. Aperto meus olhos por baixo da venda e inclino minha cabeça para trás. O canalha começa a beijar o meu pescoço. E embora tenha ódio dele por isso, eu até que gosto da sensação.

Que merda há de errado comigo?

Ele desenha círculos com a língua na minha pele, bem devagar. Minha garganta seca só consegue gemer uma palavra:

— Titânio.

— Bom garoto... — A risada de Sebastian perto da minha garganta é perigosa, confusa para caramba e a única coisa na qual consigo me focar. — Vou me esforçar para lembrar.

Quando ele volta a tocar a pele nua do meu abdome e do meu peitoral, um tremor toma conta do meu corpo.

— Sério, cara, sou muito grato por você ter me beijado para me livrar daquele calhambeque lá na corrida — digo com dificuldade. — Mas eu não sou a fim de caras.

— Você tem certeza? — Ele sobe toda minha camiseta, fica de joelhos e começa a beijar os gomos do meu abdome, fazendo uma espécie de trilha, ocasionalmente tocando meu umbigo com a ponta da língua. — Porque tem um volume na sua calça que me diz outra coisa.

Eu sei disso. Merda! Isso não pode estar acontecendo!

— Não é o que parece. — *Eu juro.*

Sebastian começa a passar as pontas dos dedos na região acima da minha cintura, meus músculos contraem. Preso contra à parede, sinto quando ele fica de pé novamente.

— Não é? — Sua voz grave está muito perto da minha orelha e sinto sua barba roçar na minha bochecha. — Ou será que é exatamente o que eu estou pensando e você já está imaginando a sensação da minha língua no seu pau?

Minhas narinas dilatam devido à minha respiração acelerada. Isto está ficando fora de controle. Eu *não posso* ter as coisas fora do controle. Nunca.

Sebastian começa a desafivelar meu cinto e logo dá um puxão tão forte que faz meus quadris titubarem.

Sinto meu coração batendo muito forte dentro do peito, temo que possa apagar a qualquer momento. Encosto a cabeça na parede. Só tem uma palavra na minha mente agora.

— Ti...

Sebastian me silencia colando a boca dele na minha. Ele enfia a língua na minha boca, pressionando-a contra os meus lábios e a minha língua, como se quisesse me fazer engolir as minhas palavras. E não tenho outra alternativa a não ser permitir.

Ele solta o meu cinto e desliza os dedos por baixo da venda. Enquanto ele a tira da minha cabeça, seu rosto ainda está tão perto de mim que consigo sentir sua respiração. Com um sorriso convencido, ele resmunga:

— Seu covarde de merda.

Apenas centímetros separam nossos olhos. Nossos olhares se cruzam com uma intensidade que arde em cada célula do meu corpo. O momento parece durar uma eternidade à medida que o ar a nossa volta se incendeia. Mal consigo respirar. Então ele se inclina, ocupando os centímetros restantes, e encostando a boca nos meus lábios mais uma vez. Sua língua perdeu de vez o sabor de cigarro e agora já é possível sentir o gosto de malte. Ela acaricia a minha, de maneira calma e sensual, fazendo com que eu quase feche os meus olhos. Ele pressiona mais forte o corpo contra o meu e envolve a minha cintura quando estica o braço e desliza os dedos entre os meus, apertando brevemente. Os meus também se fecham.

No instante seguinte, Sebastian abre as algemas. O metal pesado se solta dos meus pulsos e desliza até as minhas mãos. É algo a que posso me agarrar quando o beijo acaba. Abro os meus olhos novamente.

Um calor circunda a escuridão nos olhos dele. Lentamente, ele dá dois passos para trás e vejo se formando no canto esquerdo de sua boca o esboço de um sorriso.

— Valeu pelo carro, Rafa...

Ele sai do quarto e eu não tenho a menor condição de ir atrás dele. Jogado contra a parede atrás de mim, preciso de um minuto para recuperar o fôlego.

Ou cinco, talvez.

Esfrego as mãos no rosto, então enfio elas nos cabelos, colocando-os para trás, caindo pela nuca. Com os olhos grudados no teto, consigo sentir cada movimento de inspiração e expiração queimando o meu peito. Que. Porra. Foi. *Essa!?*

Com dificuldade de me acalmar, fecho os olhos e sinto meus lábios com a língua. Ainda consigo sentir o gosto de Sebastian em minha boca. Ele não deveria ter...

E *eu* não deveria ter...

Isto é tão errado.

Soltando uma respiração prolongada, abro meus olhos e foco na porta pela qual ele desapareceu. Quando finalmente consigo fazer com que as minhas pernas bambas funcionem, desço as escadas e vejo tudo calmo e vazio. Sebastian foi embora. E levou os documentos do Corvette com ele.

\*

Contar carneirinhos é inútil. De verdade. No fim das contas, só consegui desviar os meus pensamentos do que aconteceu no quarto de jogos por alguns instantes enquanto estava deitado nos lençóis de cetim, mergulhado no breu. E até onde eu cheguei? 3567. Quando os carneirinhos começaram a se transformar em Hondas brancas, saí debaixo das cobertas e desci me arrastando para pegar um copo d'água. Então liguei o X-Box. *Grand Theft Auto* é uma alternativa melhor para passar meu tempo até o fim dessa noite do que contar carneirinhos de merda pulando cercas imaginárias.

Conseguí pegar no sono quando o dia estava clareando e dormi por algumas poucas horas. E sonhei com beijos sabor cigarro. Cara. Meu corpo estava ensopado de suor quando acordei.

Já estou há mais de quarenta minutos debaixo do chuveiro, tentando lavar essa sensação estranha de ter quebrado as regras. Bem, uma regra. A regra. Cacete. Espremo mais sabonete líquido na minha mão e ensaboo meu corpo da cabeça aos pés — pela quinta vez seguida desde que liguei a água. Mas a vontade de arrumar coisas em sequências ordenadas não passa de jeito nenhum.

Finalmente, desligo a ducha e me seco com a toalha. Em seguida, escovo os dentes — umas sete vezes, mais ou menos —, mas isso acaba ajudando menos do que ontem à noite. Ainda consigo sentir o toque sensual de Sebastian na minha língua. Fechando meus olhos, adiciono mais um minuto de escovação, então enxágua a boca e seco o rosto com uma toalha nova e macia. A sensação na minha pele é reconfortante. Talvez se pressioná-la contra minha boca e meu nariz por tempo suficiente eu entre

em coma e consiga reiniciar o meu cérebro. Apagar de vez todas as memórias estranhamente doces de ontem.

Sou impedido de me nocautear por meu celular tocando na cozinha. Penduro a toalha no suporte e desço correndo as escadas, descalço, vestindo apenas uma calça preta larga e uma camiseta cinza fresquinha.

O nome de Tânia aparece na tela.

— Bom dia, querida. E aí? — cumprimento ela.

— Más notícias. Não posso dormir aí neste fim de semana. — Posso ouvir o arrependimento em sua voz. — Minha tia Clarissa convidou a família toda para o brunch amanhã. Minha mãe me mata se eu não for.

Apertando bem meus olhos, solto um resmungo profundo.

— Prefere deixar para ficarmos juntos no final de semana que vem todo ou dividir os dias? — Ela me deixa escolher.

Eu preciso foder. Uma garota. O quanto antes.

— Sem cancelamentos. Pode ser hoje.

— Tudo bem, chego aí em uma hora. — Ela desliga e eu coloco meu celular de volta na bancada. Então, abro a geladeira procurando alguma coisa. Qualquer coisa. Cinco garrafas de cerveja estão alinhadas na prateleira inferior da porta. Ontem à noite tinham seis. Eu as arrumo para que os rótulos fiquem perfeitamente alinhados. Elas são para visitas, sobretudo Félix quando vem aqui. Sprite e água, minhas fontes favoritas de hidratação, ocupam toda a prateleira superior da geladeira e, logo abaixo delas, há uma caixa com sobras de comida mexicana, do meu último almoço. Abro a tampa e cheiro. Ainda está boa o suficiente para um jantar solitário depois que Tânia for embora.

Fecho a tampa e coloco de volta na geladeira, centralizando a caixa na prateleira de vidro, já que não tem nada mais para organizar com ela. Então divido as maçãs na prateleira inferior em dois grupos. As mais doces do lado esquerdo e as mais azedas do lado direito. Tem uma que não está nem vermelha nem verde, na verdade. Uma mistura de merda que não se encaixa em nenhum dos lados. Pego ela e como, batendo a porta.

Dez minutos depois, dou uma arrumada na minha mesa, reorganizando os papéis que Sebastian bagunçou ontem à noite e então levanto alguns pesos no banco. Não sou muito fã das pessoas incharem o corpo até virarem balões ambulantes, mas gosto de ficar em forma e de manter meus músculos modestamente definidos.

Sebastian é um pouco mais parrudo que eu. Imagino que ele tenha começado a malhar bem cedo, por isso o corpo dele tem a forma dominadora que tem hoje. Combina com ele.

Meu Deus, quando é que eu reparei essas coisas?

Cerrando meus dentes, levanto o peso mais rápido e mais agressivamente até sentir meus bíceps queimarem e gotas de suor brotarem na minha testa.

A campainha toca. Penduro o peso nos ganchos, seco meu rosto com a bainha da camiseta e ando devagar até a porta. Não preciso perguntar quem é ou olhar pelo olho mágico para saber quem está lá fora. São dez horas. Tânia é sempre pontual. E nunca usa o elevador privado para o meu apartamento.

Abro a porta e agarro o braço dela, puxando-a para dentro sem nem cumprimentá-la. Seus olhos castanhos ficam ainda mais arregalados quando ela entra cambaleando no meu apartamento.

— Bom te ver também. — resmungo, mas imediatamente se cala por causa do meu olhar silenciador. Deixo ela tirar as sandálias, que combinam com o vestido de verão branco e curto que ela veste, então eu a pego pelos pulsos e a arrasto lá pra cima, direto para o quarto de jogos. Ainda na porta, tiro meu cinto, coloco as mãos dela para trás e amarro bem apertado. Ela solta um gemido de surpresa. Eu não ligo. Em vez disso, a empurro fazendo ela cair na cama de lençóis violeta. Por fim, bato a porta do quarto, arranco minha camiseta e jogo no colo dela.

\*

Noite de sábado, estou jogado no sofá, um braço dobrado atrás da cabeça, a outra mão repousando na barriga. Tânia foi embora há duas horas já. Ela usou a palavra de segurança comigo em algum momento de tarde alegando que ela precisaria ter condições de sentar amanhã no brunch da família.

Pela primeira vez em vinte e quatro horas estou calmo e com a respiração uniforme, aproveitando a sensação de estar exausto. De ter tudo sob controle novamente. De ainda saber quem eu sou. O problema é que tem uma pequena pilha de papéis na mesa de centro que está debochando de mim desde que joguei meu corpo mole no sofá mais cedo.

A chave do Honda de Sebastian está em cima dos papéis. Meus olhos estão grudados neles, os joelhos dobrados, movendo-se em ziguezague. Os

lábios cerrados, me forço a olhar lá para fora pela janela ao invés de encarar a mesa. Mas as coisas continuam a me provocar pelo canto dos olhos. Bufando, faço uma careta para elas novamente. Ah, foda-se. Me obrigo a levantar do sofá, pego as chaves da mesa, calço meus tênis e me dirijo ao estacionamento subterrâneo.

Assim que saio do elevador, avisto o vazio na vaga do estacionamento, 37, a caminha do meu bebê. Meu coração aperta. Com a respiração pesada, ando até o carro de corrida branco na vaga 37A e destravo as portas apertando o botão no chaveiro. Quando abro a porta, uma onda do cheiro bem distinto de Sebastian — um aroma de almíscar misturado com raios de sol e um toque de fumaça de cigarro — me acerta bem no meio da cara. Me arrependo de ter deixado o aconchego do meu sofá para isso. É tortura, porra. É esfregar sal na ferida de ter perdido meu Corvette.

Mesmo assim, sento no banco do motorista e coloco as duas mãos no volante. Sebastian pode até ser um pouco mais musculoso que eu, mas nós temos quase a mesma altura. O banco que se ajeita ao contorno do corpo está numa posição perfeita para mim. Depois de passar minhas mãos de maneira devagar pelo volante, como uma espécie de saudação, me ponho a observar o painel e o interior do carro. Couro cinza escuro e cromado. Tem uma boa aparência.

— Está bem... vamos ver do que você é capaz, tampinha — murmuro, fechando a porta e ligando o motor. O Honda solta um ronco satisfatório, mas o que chama minha atenção de primeira é o fato de não ter nenhum velocímetro de verdade no painel atrás do volante. Deus do céu! Luzes azuis e brancas acendem por todo o painel, dando a sensação de que estou dirigindo um carro virtual. Quem curte esta merda? Quero uma agulha de verdade se mexendo quando eu pisar no acelerador.

Já frustrado, puxo o cinto de segurança que parece o de um paraquedas e é similar ao que tem no Corvette — graças a Deus —, fechando-o em frente à minha barriga com um clique suave. Os retrovisores precisam apenas de poucos ajustes, antes que eu saia do estacionamento dando ré e este bebê possa sentir um pouco do ar londrino.

Pego a estrada que sai da cidade para realmente testar os talentos do Honda. Não tem muito trânsito me impedindo. Logo, logo vou poder acelerar esta belezinha e ir direto para a M25. Passar as cinco marchas é moleza, mas a falha na ignição quando desacelero me irrita tanto quanto o cheiro do carro. Sebastian deve ter atualizado a unidade de controle do

motor com algum software especial que muda a injeção de combustível. Chamas saindo do tubo de escape é tão década passada. Dou uma bufada. Exibido.

Abrindo completamente as duas janelas, dou boas-vindas a uma rajada de vento noturno que tira da minha cabeça o lembrete permanente de como o cheiro de Sebastian penetrou na minha mente ontem à noite quando nós...

Porra, não. Ao invés de pensar nisso, aumento a música que estava tão baixa desde que entrei no carro que mal notei. *Euphoria* da Loreen está tocando. Um pequeno pen-drive está encaixado numa porta abaixo do computador, aparentemente com a playlist pessoal de Sebastian. Um sorriso cínico toma conta do meu rosto. Bem, espero que ele curta um pouco de dubstep até que a gente se encontre de novo para acertar a troca.

Eu voo pela autoestrada quase vazia, pegando a saída vinte minutos depois para testar como o carro se sai numa estrada mais curvilínea e barrenta. E é aqui que eu paro.

Embora carros rebaixados façam vista no asfalto, os pneus carecem de alguns centímetros de largura para garantir o mesmo conforto a que estou acostumado ao dirigir meu bebê. O Corvette adere perfeitamente à estrada, sem titubear um só milímetro, mesmo nas piores curvas. A não ser que eu quera. Já o carro de Sebastian, é uma máquina à deriva. Já na segunda curva, tenho dificuldade em mantê-lo na estrada ao invés de deslizar para fora da pista.

Não é para mim. Não, obrigado.

Na reta seguinte, piso no freio com tudo e faço uma manobra que joga o meu corpo contra o cinto de segurança e o carro numa volta de 180 graus no meio da rua deserta. Então corro até minha casa no melhor tempo que esta belezinha consegue. A minha teria batido por pelo menos três minutos. Óbvio.

De volta ao meu apartamento, vou direto para o escritório e ligo o computador. Fechar o negócio semana que vem? De jeito nenhum. Não vou ficar com este prejuízo. Nem fodendo.

Abro o navegador e digito *Sebastian Rhyse, Londres* no campo de pesquisa. Vamos ver o que Google vai nos mostrar.

Várias fotos, que obviamente não são ele, aparecem na tela, junto de informações sobre caras com um E faltando no sobrenome. Ok, é um beco sem saída. E agora? Com os olhos semicerrados, faço login na minha conta do Facebook, que mal uso. Instagram é mais a minha praia, mas meu

celular descarregou enquanto eu estava fora e ainda não tive tempo de colocá-lo para carregar.

Há milhões de Sebastian Rhyses no Facebook, mas a maioria deles mora nos Estados Unidos. Apenas três moram na Inglaterra, e só um deles tem um Honda branco como foto de perfil.

— Bingo!

Sebastian configurou a conta dele como privada. A maior parte. Mas na seção de informações, diz que ele costumava morar em Eastbourne, que ele até cursou faculdade lá e então trabalhou durante anos numa companhia de software no sul. Nos últimos dois meses, ele trabalhou como instrutor numa academia local não tão longe daqui. Além disso, o aniversário dele é 7 de Janeiro.

Clicando no link para o site da academia, acho uma lista com os instrutores e até mesmo seus horários de trabalho e e-mails corporativos. Por um segundo, considero a possibilidade de escrever para ele, pedindo para vir pegar de volta a merda do carro dele e exigindo as chaves do Corvette. Mas, ao que parece, ele trabalha amanhã das dez às cinco. Meu sorriso frio habitual encurva meus lábios. Acho que vou fazer uma visita a ele ao invés disso.

Anoto o nome e o endereço da academia num pedaço de papel, desligo o computador e subo para o quarto. São quase uma da manhã. Hora de pôr o sono em dia.

## CAPÍTULO 4

*Sebastian*

— Quarenta e sete. Quarenta e oito. Vamos lá, só mais duas! Quarenta e nove. E... — Cristina faz um último esforço, as janelas altas atrás de mim refletindo a luz do sol em seu rosto. Ela está completamente banhada em suor. O rosto, os braços e até seus seios fartos. Absolutamente... tudo. — Perfeito! — eu a encorajo, ainda segurando seus tornozelos depois do fim de sua série de abdominais. O short e o top pretos que ela veste exibem manchas de suor em lugares que automaticamente chamam atenção.

Me seguro para não encarar estas manchas, porque levo o meu trabalho na Podium Fitness muito a sério e ficar azarando as garotas enquanto elas treinam é completamente antiprofissional. Quando elas aparecem no balcão da recepção para um papo, depois da série delas, de banho tomado e arrumadas... aí já é outra história.

— Dez minutos de corrida na esteira — instruo Cristina, enquanto me alongo depois de ficar agachado, e estendo minha mão para ajudá-la a levantar do tatame verde menta que fica no meio da enorme sala de treino. — Depois cinco minutos andando para esfriar o corpo e uma alongada antes de ir para o chuveiro, garota.

Com um sorriso aberto, a estudante de vinte anos ajeita seu rabo-de-cavalo louro e vai correndo até o fundo da academia, onde uma seleção de equipamentos de última geração a espera. Apenas alguns deles estão em uso no momento, ainda está cedo.

Gosto de como academia fica nas manhãs de domingo. É tudo muito mais calmo, bem diferente das tardes e das noites durante a semana. Assim posso me dedicar bem mais a cada pessoa que possui alguma dúvida ou pede auxílio enquanto treina.

Com as mãos ainda molhadas pelo suor de Cristina, seco elas no meu short cinza-escuro e volto para a recepção, onde uma pilha de carteirinhas espera para ser assinada e finalizada antes que seus donos passem aqui para pegá-las em sua próxima visita. Pego no braço da cadeira giratória que empurrei para trás do balcão mais cedo quando Cristina me chamou para ajudá-la, e a puxo para perto da mesa. Quando estou prestes a sentar, eu congelo, pois vejo um islandês louro platinado me encarando.

Rafael está sentado do outro lado da recepção, no sofá de couro do hall que é muito bem iluminado. As mangas compridas do seu casaco de moletom estão dobradas até os cotovelos, os dedos entrelaçados na altura da barriga. Ele está sentado com suas longas pernas — revestidas por um jeans azul-claro — bem abertas. Mesmo que seus olhos estejam encobertos por um par de óculos turquesa de lentes espelhadas, sinto seu olhar gelado me atingir, causando uma leve irritação.

Devagar, meus dedos se soltam do braço da cadeira e me endireito novamente.

— Nossa, você aqui. — Isso é uma surpresa e tanto. Não encontrar ele de novo antes do que esperava, mas sim ele ter dado um jeito de me achar. Sempre me impressiono com pessoas com iniciativa.

— Achei que a gente só fosse se encontrar semana que vem? — gaguejo, enquanto aperto meu relógio preto no pulso direito. Então coloco o bracelete de couro que ganhei numa viagem de férias pela Nova Zelândia no braço esquerdo.

— Quero meu carro de volta. — Seu tom de voz é tão frio quanto sua expressão. Fora isso, ele não move um músculo sequer. Merda, ele fica gostoso bancando o iceberg.

— E eu adoraria capturar um unicórnio para o aniversário de três aninhos da minha sobrinha. — Com um sorriso cínico, inclino a cabeça. — Não vai rolar.

Após uma lambida rápida, Rafael morde os lábios inferiores.

— O que você quer com o Stingray? Nem faz o seu estilo.

É claro que estou sentindo muita falta do meu Honda, desde o carinho de despedida no estacionamento subterrâneo em Mayfair, mas o Corvette é maravilhoso. Conforto em abundância, excelente aderência à estrada e, sem dúvida alguma, vale muito mais que a minha antiga carona.

— Eu curto o cheirinho dele — provoco, meu sorriso ficando um pouco mais acalorado agora. — Do lado de fora, garota *caliente*, e no interior,

neve islandesa.— Pego um pequeno pacote de jujubas com o logotipo da academia da cesta em cima do balcão e arremesso para Rafael. — Mas toma aqui um consolo para você.

Ele agarra o saquinho roxo com uma mão, a expressão imóvel, ainda. Então levanta lentamente do sofá e anda até mim.

— Me deixa ganhar ele de volta.

— E arriscar perder os dois? — faço uma cara de deboche. — Hmmm, sem chances. — Retiro a caneta amarela de cima da pilha de carteirinhas sem assinatura e a mantenho na minha mão. — Mas você bem que podia dar uma chance a coisas novas de vez em quando, Rafa. Os prazeres podem te surpreender. — E com esta cara e este corpo, não existe outro cara no mundo que eu prefira foder neste momento. Ele é pura tentação.

Parado do outro lado do balcão, apertando forte o saco de jujubas em seu punho, ele me encara por baixo das lentes espelhadas. Está claramente ponderando quais serão suas próximas palavras, tão minuciosamente quanto a minha insinuação.

— Só não sou o tipo de pessoa que gosta de Hondas.

Sim, foi justamente isso que ele tentou me fazer acreditar na sexta-feira à noite em seu quarto de jogos. Daí teve uma ereção.

— E o que há de errado com ele?

Ele debruça os braços no balcão.

— Seu carro lança-chamas.

Deixando a caneta de lado, apoio minhas mãos na mesa e inclino meu corpo para frente, encarando ele através do escudo turquesa que está a apenas alguns centímetros do meu rosto.

— É porque ele tem fogo no rabo — respondo pausadamente.

Rafa deixa escapar um sorriso descolado e provocante.

— É, não sou muito chegado a peidos flamejantes, sabe.

Será que ele sabe o quanto ele fica sexy quando sorri, mesmo quando diz estas merdas só para descartar aquilo que ele nunca provou? Duvido.

O telefone em cima da mesa começa a tocar, mas ainda não estou pronto para me afastar do aroma doce de neve caindo que sua pele exala a cada minuto do dia. Por dois toques, nós dois permanecemos congelados no momento. Até que ele sinaliza com o queixo para o lado.

— O telefone está tocando. Você não vai atender?

— E o seu pau está cheio de curiosidade pelo desconhecido. O que você vai fazer a respeito?

Um momento se passa. Um tanto quanto resignado, Rafael pressiona os lábios e respira fundo.

— Você não me conhece mesmo, Sebastian.

Já que a voz dele perdeu o tom informal, fico sério também.

— Então me dá uma chance para mudar isso.

Lentamente, ele balança a cabeça. Que pena. O telefone para de tocar. Suspiro, me desencostando da mesa da recepção e endireitando minha postura.

— De qualquer jeito, depois de ver como você vive, creio que você tem dinheiro o suficiente para comprar um Corvette novo, não?

Me confrontando, ele descruza os braços e começa a dedilhar o saquinho de jujubas no balcão.

— Eu tenho dinheiro o suficiente para comprar um Corvette e um Honda novo... depois que eu mandar o seu para a prensa de sucata. — Ele me surpreende ao tirar os óculos da cara e olhar bem nos meus olhos. — Mas tenho certeza que você não ia querer isso.

Prensar o meu bebê? Minhas sobrancelhas despencam com o sentimento de ofensa que aperta o meu peito. Agora é a minha vez de balançar a cabeça em negação.

— Sei que *você* sabe exatamente como é aperfeiçoar um carro por meses até ficar completamente apaixonado por ele. — argumenta ele, a voz ainda baixa e difícil de detectar qualquer tipo de emoção. Mas ela está lá. E eu entendo o que ele está dizendo.

Ainda assim, não faz meu estilo pular fora de um acordo desta forma. Então, respiro fundo e faço um bico, refletindo por um momento. Tem uma coisa que eu queria muito desde a última sexta no apartamento dele. Talvez a gente possa fazer um novo acordo para desfazer o primeiro.

— Eu destroco os carros com uma condição — digo sem nem ao menos piscar.

— O que você quer? — Um ar de esperança em sua voz, embora ele seja esperto o suficiente para não se deixar levar tão rapidamente. E sem ouvir as condições.

— Duas horas no seu quarto de jogos — exijo eu.

Rafa aperta o espaço entre os olhos.

— Seb...

— Com sua amiga, a Tânia.

Ele rapidamente volta a me fulminar com olhos, chocado.

— Acho os brinquedos que você usa para se divertir bem instigantes. Ao contrário de você, eu gosto de experimentar coisas novas. — Dou de ombros. — E como, obviamente, você e o Félix já estão nesse vaivém com a garota, suponho que ela também esteja disposta a ficar com outros.

— É... esta decisão não é minha. — Linhas de confusão e desconforto brotam em sua testa. — Ela nem te conhece.

— Ela não precisa ter medo. Você estará presente o tempo todo para cuidar dela.

Isso deixa ele ainda mais perturbado, se é que o jeito que ele estreita os olhos serve de indicativo.

— Tânia costuma escolher seus próprios parceiros.

— Bem, então... — Pego um dos cartões de visita brancos da academia da pilha no balcão e escrevo meu número no verso. — Acho que você vai ter que exercitar seu poder de persuasão. — Com um sorriso, deslizo o cartão sobre o balcão. — Me liga quando tiver o consentimento dela.

Rafael me encara como se eu tivesse acabado de matar o Papai Noel. Um músculo pulsa em sua mandíbula. Juro que o cara consegue baixar a temperatura de um lugar com apenas uma olhada.

E eu não dou a mínima.

Ele estala a mão no cartão e o tira do balcão, enfiando-o no bolso traseiro do seu jeans lavado. Nem um tchau. Apenas a porta balançando atrás da sua bunda sexy enquanto ele vai embora.

Observo ele por um momento. Então me viro e começo a sorrir, encontrando o olhar de Cristina quando ela surge na minha frente. — Acabou por hoje?

\*

A luz da TV ilumina o escuro da minha sala numa sucessão de flashes. Estou largado no sofá, os pés apoiados na mesa de centro, assistindo a um thriller policial qualquer enquanto devoro um sanduíche de peru com bacon, vegetais e maionese.

Um barulho de notificação do meu celular chama minha atenção e ponho o lanche de volta no prato, lambendo os dedos. Limpo eles nos jeans antes de desbloquear a tela com a digital e abrir uma mensagem de um número desconhecido no WhatsApp.

*Amanhã à noite. 18 horas.*

Meu rosto se ilumina com um sorriso de surpresa. Essa foi rápida. Salvo o contato como *Islândia*, deixo o celular de lado e volto para o meu sanduíche.

## CAPÍTULO 5

*Rafael*

Os dois tiques ao lado da minha mensagem para Sebastian ficam azuis. Como não há nenhuma mensagem em retorno, ele provavelmente concorda. Quando a tela apaga, jogo o telefone perto da minha coxa, mas estou com um mau pressentimento em relação a isso. Na outra ponta do sofá na minha sala de estar, Félix me olha, também visivelmente desconfortável.

— Não deixa ela sozinha com esse cara por um minuto. Entendido?

Claro. Eu concordo.

— Ela estará segura comigo. — Se Sebastian fizer um movimento errado sequer, quebro cada osso do corpo dele.

A única que parece estar tranquila com toda essa ideia de jerico é Tânia. Sentada no colo de Félix, ela sorri e curte os dedos dele acariciando suas costas por baixo de seu moletom cinza-escuro.

— Vocês dois se preocupam demais - ela nos repreende. — Desde quando vocês dois ficam com medo quando estou me divertindo e realizando algum fetiche com outro cara? Vocês sabem que não é a primeira vez. E, para mim, o Sebastian não parece ser nenhum monstro.

Ela diz isso porque não viu o que ele fez no quarto de jogos da última vez que esteve aqui. Dou uma bufada. Ninguém nunca saberá a história completa daquela noite, será para sempre meu segredo.

— Ele não sabe as regras daquele mundo — resmungo e aperto tão forte meus lábios que tenho certeza de que o canto da minha boca deve aparentar que acabei de chupar um limão.

— Estou certa de que ele vai se comportar direitinho. — Tânia vem engatinhando pelo sofá e se aninha ao meu lado. Ponho meu braço envolta de seus ombros, para o conforto dela, não meu. Ela descansa a cabeça no meu peito e sei exatamente para onde ela está olhando. Para a pintura super

abstrata pendurada na parede em frente ao sofá, que nós três pintamos e autografamos.

Eu não sou um bom pintor, esse talento é todo de Tânia. Mas há dois anos ela trouxe para o meu apartamento uma tela gigante em branco e uma mochila cheia de tintas a óleo e acrílicas e forçou Félix e eu a fazer qualquer merda artística com ela naquela coisa. Se tivesse escolha na época, eu teria pegado um lápis e uma régua e desenhado a casa perfeita para os elfos e as fadas quase irreconhecíveis dela. Mas a sádica disse:

— Deixe as cores se espalharem.

Porra, cores não deveriam simplesmente se *espalhar*. Deveriam ser postas de maneira precisa entre as linhas dos corpos e formas geométricos. Mas não para Tânia. Ela sempre nos diz que as suas pinturas precisam ser tão livres quanto ela mesma é. Mesmo depois de tanto tempo, ainda estou tentando desvendar a ordem dentro desse caos de manchas e borrões. O arco-íris que Félix pintou no canto superior direito me ajuda um pouco com isso e me impede de ter uma enxaqueca toda vez que olho para esse quadro. Mas assim que nós terminamos e escrevemos nossos nomes num pequeno triângulo no rodapé, estava mais do que claro que eu teria essa obra de arte e marco da nossa amizade para sempre na minha parede.

— Sabe, quando a gente olha da porta para a sua parte da pintura parece uma espécie de abóbora — Tânia reflete. — Mas desse ângulo aqui, sempre vejo uma linda rosa desabrochando.

— Porque é vermelha — respondo, inexpressivo.

— Não. É porque tem as manchas pretas nos lugares certos.

Enrolo uma mecha do seu cabelo preto nos meus dedos e puxo duas vezes gentilmente enquanto a provoco.

— Era para ser um carro atropelando todas as suas fadinhas.

Rindo, Tânia fica sentada e me dá um tapa no braço.

— Você é tão idiota, Rafael Björnsson!

Adoro quando ela tenta acertar a pronuncia do meu sobrenome. E falha.

— *Ég elska þig líka* — retruco com um sorriso, dizendo a ela o quanto a amo em minha língua nativa. Então afasto ela de mim e levanto do sofá.

Empilhando os pratos em que comemos nossas pizzas, eu os levo para a cozinha e os coloco na lava-louça. Félix traz os três copos e os adiciona ao carregamento.

— Você tem certeza que ele quer mesmo que você fique no quarto enquanto ele se dá bem com ela? — pergunta em voz baixa, com uma

expressão de preocupação no rosto. — Isso é bem estranho, não é? Querer que você assista eles fodendo.

— Podes crer — sussurro, reproduzindo a expressão dele. No entanto, eu não disse aos meus melhores amigos que Sebastian é claramente bi e, provavelmente, minha presença lá (como uma espécie de voyeur) será uma diversão extra. De qualquer forma, não confio no cara, e é bom que Tânia não fique sozinha com ele num quarto cheio de algemas e chicotes.

Sigo Félix até a entrada do apartamento, onde Tânia termina de calçar as sandálias, e encosto na parede enquanto os dois colocam suas jaquetas. Tânia se aproxima e me dá um beijo de boa noite na bochecha. Félix apenas bate a mão na minha e então abre a porta para Tânia. Ouço ele perguntar a ela enquanto os dois saem:

— Quer ir para minha casa hoje à noite?

— Tudo bem. — responde ela. O tom de alegria anuncia que a noite dos dois promete, e isso me faz rir. O máximo de diversão que terei pelo resto da noite, provavelmente, será pintar imagens na minha cabeça das cenas que acontecerão amanhã no meu quarto de jogos. Credo. Um calafrio percorre o meu corpo.

\*

Na segunda à noite, confiro meu relógio de pulso pela milésima vez. Já são seis e dez. Tânia disse que não poderia chegar mais cedo, mas quando ela não chega no horário combinado, eu fico surpreso. Mando uma mensagem perguntando onde ela está. A resposta me confunde mais ainda.

*A gente vai se atrasar um pouquinho. Não se preocupe, explico tudo mais tarde.*

Com os olhos cerrados, caio no sofá e mando outra mensagem perguntando: *A gente quem?*

*Sebastian e eu.*

Ah, sério? Mas era só o que me faltava! Rangendo os dentes, boto o celular de lado e ligo meu PS4 para jogar um pouco de *Fortnite*. Não vou perder meu tempo cavando um buraco no chão de tanto andar de um lado para o outro esperando os pombinhos chegarem para foder no meu apartamento.

Atirar em zumbis me ajuda a descarregar minhas frustrações. Um pouco. Léo, Tomas, Carol e George, o pessoal da minha equipe, são ótimos

em me fazer rir. Não faço ideia de como é a aparência deles porque só ouço suas vozes através do meu *headset*, mas eles são engraçados. Assim que fico online sinto como se estivesse com a minha segunda família. Acho que terceira, na verdade. Logo depois da minha família de sangue e da Tânia e do Félix.

Perco completamente a noção do tempo e, quando a campainha toca às oito e quinze, eu me assusto. Depois de uma breve despedida dos meus amigos virtuais, desligo o PS4 e então vou atender a porta. As risadas relaxadas de Sebastian e Tânia invadem o apartamento antes mesmo que eu abra. O gosto azedo que vai subindo pela minha garganta é quase insuportável. Mas pensar que não poderia ficar pior é um engano.

Quando finalmente coloco meus olhos neles, Sebastian está com o braço meio pendurado no pescoço de Tânia, enquanto ela segura sua bolsa de mão contra o peito e sorri na cara dele. Eu os cumprimento com uma sobrancelha arqueada, segurando forte a porta enquanto a mantenho aberta.

— Oi, gatinho. — Sebastian responde com malícia e dá um tapinha na minha bochecha, entrando com Tânia ainda a seu lado.

Dou um tapa na mão dele com uma força inconfundível e me dirijo rispidamente à Tânia:

— Onde você estava?

— Só no... — As demais palavras são abafadas pela mão de Sebastian tapando a boca dela, fazendo ela rir. Minhas sobrancelhas caem se transformando numa verdadeira carranca e bato a porta.

Sebastian se aproxima tanto do rosto dela que seu nariz encosta na bochecha dela, mas os olhos castanhos vibrantes dele só encaram a mim.

— Será que o floquinho de neve está com ciúme? — Ele ronrona em cima da pele dela.

Será que *ele* acha isso engraçado?

— É, vai se foder.

Tânia deveria saber o quanto eu odeio quando as pessoas não são pontuais. Sorte a dela que hoje não é a minha vez de discipliná-la lá em cima, senão ia sair daqui com a bunda tão vermelha quanto uma placa que diz “*Pare*” e com mordidas por todo corpo.

Sebastian pendura sua jaqueta de couro no gancho e ajuda Tânia a tirar seu longo e preto sobretudo. Fica óbvio que ela só está vestindo isso hoje para esconder o visual de colegial sexy que ela tem por baixo: uma saia xadrez bem curta e um simples tomara que caia cobrindo seus seios.

Quando ela se inclina para abrir o zíper no interior das botas pretas acima do joelho, ele a interrompe com um tapinha que estala na bunda dela.

Tânia solta um gritinho, tropeça e vai parar nos meus braços e então se vira para encarar o sorriso largo dele. Desta vez, ele só olha para *ela* quando pergunta:

— Se importa de ficar com elas só mais um pouquinho? Gosto de desembrulhar meus presentes sozinho.

Eca. Reviro os olhos e então ajeito minha camisa de botão branca que Tânia amarrotou quando pulou em mim.

— Podemos...? — interrompo, gesticulando com o braço em direção à escada num gesto cínico.

Sebastian pega Tânia pela mão e a puxa em sua direção, então passa os braços em volta dela, levanta ela rapidamente e então se vira para mim num abraço apertado com ela. Me provocando por trás dos ombros dela, ele incita:

— Ansioso para ver a gente brincar?

— Só quero acabar logo com isso. — Esbarro meu ombro tão forte no dele quando passo por eles que ele automaticamente solta Tânia. — E ter meu carro de volta — finalizo, subindo as escadas. Depois de abrir a porta do quarto de jogos, deixo Sebastian entrar primeiro e agarro a mão de Tânia para mantê-la perto de mim por uns minutos.

Minha cara feia é o suficiente para fazê-la sussurrar:

— Ele me pegou de surpresa em frente à sua casa e me chamou para tomar um café. Ele queria que a gente ficasse à vontade um com o outro antes de vir para cá e se certificar de que eu queria mesmo isso. — Ela aperta minha mão com uma expressão tranquila e ao mesmo tempo encorajadora. — Está vendo? Te disse que ele não é um monstro. — Ela então vai até Sebastian no quarto, onde ele já está sentado na grande cadeira de couro preto perto da janela com as mãos dobradas atrás da cabeça, nos esperando.

Sua camiseta azul-escura sobe um pouco, o suficiente para revelar uma faixa de pele bronzeada acima de sua calça jeans de cintura baixa. O jeito que suas pernas estão dispostas, completamente abertas, atrairia a atenção de qualquer um para a virilha dele, não só a minha. Mas me deixa desconfortável de qualquer jeito, então aproveito a oportunidade e me viro para fechar a porta calmamente ao invés de bater com toda força como gostaria.

Tânia se senta timidamente na cama e me aproximo para encostar na coluna a seu lado, cruzando os braços. Acredito que nós dois estamos um pouco indecisos com relação aos próximos passos dele. Mas, ao invés de dar início a qualquer coisa, ele continua relaxando na cadeira e só sorri maliciosamente para nós.

— Vocês dois fazem um casal fofo, sabiam disso?

Tânia me olha rapidamente e consigo captar de soslaio, mas eu apenas levanto minha sobrancelha para Sebastian.

Ele abaixa as mãos para entrelaçá-las por cima da barriga e então afunda mais ainda na cadeira. Toda essa situação deve diverti-lo, porque ele não tirou da cara esse sorriso de quem comeu merda desde a hora que botou os pés no meu apartamento.

— Agora... — ele começa devagar, tomando tempo para inspirar e expirar antes de continuar. — Depois que a sua namoradinha me explicou com detalhes, detalhes quentes, devo acrescentar, o que vocês costumam fazer neste quarto, sinto muito em desapontar vocês. — O olhar acalorado e quase arrependido dele se desvia para Tânia. — Não curto dor física e você nunca vai me ver machucando uma mulher. — Ele se apoia no braço da cadeira e fica de pé. Devagar. — Entendo que este quarto funciona sob regras específicas. — Ele cruza o quarto e para na minha frente, me encarando, com apenas alguns centímetros de distância e então diminui o tom de voz, o que acaba deixando tudo ainda mais perturbador. — Regras que nós vamos abandonar esta noite.

Descruzo meus braços ao passo que meus lábios começam a formar as palavras “*o quê*”, mas nenhum som sai. Tânia pega minha mão e aperta rapidamente com seus dedos quentes. Ela faz um aceno com a cabeça para mim e está claro que ela obviamente quer que eu ouça o que Sebastian tem a dizer antes de dispensá-lo.

Tudo bem. Eu calo minha boca novamente. Entendendo a nossa conversa silenciosa, Sebastian assente, aparentemente satisfeito. Ao se voltar para a cômoda com gavetas repletas de acessórios de *bondage*, ele continua num tom surpreendentemente calmo:

— Todos nós estamos aqui voluntariamente, porque o Rafael quer seu Corvette de volta. Saibam que vocês podem parar ou ir embora no momento em que quiserem. Ninguém precisa fazer nada que não goste.

Ele aproveita e aperta o play no sistema de som e uma música do estilo trance que eu e Tânia usamos ontem continua a tocar. Ele inclina levemente

a cabeça, parecendo estar gostando do som. Em seguida, abre a segunda gaveta da cômoda de mogno e retorna com uma simples fita de cetim preto. É fina demais para vendar alguém, mas para amarrar os pulsos, é perfeita. Seu olhar cheio de malícia está em mim e não em Tânia, o que deixa meu coração acelerado e faz com que uma onda de inquietação perpassasse o meu corpo.

Ele me ronda tão de perto que seu peito roça no meu braço e, mais uma vez, eu sinto uma brisa com aroma de raios de sol no sul da Inglaterra. Imóvel, sigo ele apenas com os meus olhos até que ele para atrás de mim e fala no meu ouvido:

— Mas se você ao menos *cogitar* usar a sua palavrinha de segurança comigo dentro das próximas duas horas, o seu carro é meu e você não vai ter a menor chance de conseguir ele de volta. Nunca mais. Entendido?

Eu e Tânia trocamos olhares assustados. Apertando os dedos no colo, ela parece estar desconfortável também. Em consideração a mim, pelo menos. Sebastian é um babaca e eu queria encher a cara dele de soco. Mas preciso do meu carro de volta! Logo, eu calo a boca e concordo rispidamente.

— Muito bem. — Seu bafo quente deixa minha orelha formigando antes de ele se afastar. — E agora... suas mãos, Rafael.

Eu engulo a seco, o som ecoa pelo quarto. Dois suspiros trêmulos depois, coloco meus braços para trás.

## CAPÍTULO 6

*Sebastian*

Enquanto a música sedutora preenche o quarto de jogos, eu tomo meu tempo amarrando as mãos de Rafael com a fita de cetim preta. Uma vez que elas estão seguras com um nó que posso desatar apenas dando uma leve puxadinha numa das pontas soltas, acaricio a palma da mão dele com a ponta dos meus dedos. Ele se contrai. Tão tímido.

— Relaxa. Prometo que você vai se divertir — sussurro em seu ouvido, ciente do movimento acelerado que seu peito faz devido a sua respiração.

— Duvido muito — retruca ele. Não tem problema. Ele vai descobrir mais cedo ou mais tarde.

Com meu pé, dou uma batida nas pernas dele para que ele fique com elas abertas parado na minha frente.

— Tânia, querida, poderia vir até aqui e me dar uma ajudinha? — Mantenho minha voz baixa e rouca. Tânia vai ser essencial esta noite. É ela quem vai preparar o terreno para ele, além de fazer da noite dele um inferno.

Agindo como a colegial inocente a que se assemelha, ela levanta da cama e encontra o meu olhar por cima do ombro de Rafael.

— O que você quer que eu faça?

Foi uma ótima ideia vir para cá um pouco mais cedo e esperá-la na fachada do prédio. Arrastar ela até o café da esquina nos deu uma chance de nos acostumarmos um com o outro, e me deu uma chance de ver qual é a dela. Ela é uma garota amigável e aberta, que sabe como obedecer a uma ordem, não só em quatinhos de foda como este aqui. Quando ela me contou a respeito da amizade dela com os dois garotos, especialmente com Rafael, tive certeza de que ela era perfeita para o que eu tinha em mente. O que eu queria desde o começo.

— Poderia ficar de joelhos para o seu amigo? — digo estas palavras com um sorriso no rosto, mas ela reconhece o comando nelas. Assim como Rafa. Ele respira fundo, mas sabe que é melhor não protestar. — Capricha! — eu provoco.

Ela pisca, seu olhar de incerteza se volta para Rafael.

— *Vai em frente* — articula ele com os lábios, mas eu sei que é difícil para ele dizer isso em voz alta. Dois segundos depois, a garota fica de joelhos e começa a desabotoar o jeans. Me aproximando de Rafael, pego as mãos dela e tiro de perto da braguilha. Ao invés disso, eu as posiciono na parte traseira das coxas dele, bem embaixo da bunda. Com as mãos de Tânia servindo como uma espécie de escudo entre o meu corpo e o dele, movo lentamente as mãos dela para cima, explorando-o, e ao mesmo tempo dando a ele uma sensação de segurança de que, na verdade, quem o está apalpando é a amiga. Sem pressa. Não há necessidade de sobrecarregar o menino nos primeiros três minutos.

Ofegante e encarando diretamente a janela, Rafael não move um centímetro sequer. Um músculo salta em sua mandíbula. Levo minha boca até a bochecha dele, sentindo o latejar sob meus lábios.

Os dedos de Tânia seguem facilmente as minhas direções quando faço as nossas mãos passearem conjuntamente pela área frontal de Rafael mais uma vez. Juntos, nós alisamos as coxas dele, fazendo um movimento de fora para dentro, e então deixo as mãos dela subirem um pouquinho, para a virilha. Mesmo por entre os dedos macios dela, consigo sentir o volume crescendo dentro da calça dele. Aparentemente ele não está se opondo inteiramente ao conceito do que estamos fazendo. É um bom sinal.

— Três dias atrás, você me disse que este quarto era para experimentos — sussurro próximo ao canto de sua boca, olhando nos olhos dele de lado. — Então, por que você resiste tanto?

Apenas seus olhos se movem em minha direção, cruzando o olhar com o meu enquanto ele engole.

Eu solto as mãos de Tânia e abro o zíper da calça dele, separando as duas bandas e dando espaço ao seu membro rígido. Deve doer ficar preso num jeans tão apertado. Eu que sei. Começo a sentir também, mas por hora vou manter o meu zíper fechado.

— Ele é todo seu — anuncio, olhando diretamente para Tânia, que se ajoelha como se fosse a melhor aluna da classe, posicionada perfeitamente.

Quando olho novamente para a cara de Rafael, ele está de olhos fechados, as feições petrificadas.

Eu sento na ponta da cama, reclinando e me apoiando nos cotovelos com os pés ainda tocando o chão. Daqui, vejo Tânia enganchar os dedos em sua cueca boxer apertada e puxá-la para baixo, o suficiente para deixá-lo completamente exposto. Ela deixa as mãos lá e apenas leva a boca até a ponta da bela ereção que ele ostenta. Seu peito visivelmente trava ao primeiro toque da língua dela. Agora sim estamos chegando perto do seu limite. Ou pelo menos é o que ele acha. Porque ele ainda não tem ideia do que está por vir.

Deixo Tânia lambe e instigar por um tempo, mas fico preocupado quando percebo que ela não tira as mãos dos quadris dele. Depois de um tempinho, escorrego da cama e me agacho atrás dela, abrindo os dois botões que mantêm sua saia no lugar. Eu a tiro e jogo longe, fazendo o mesmo com o tomara que caia em seguida, expondo os peitinhos dela. Vendo-a ajoelhada vestindo nada a não ser uma calcinha de renda e botas de couro pretas, coloco minha boca perto da têmpera dela e falo num tom solene:

— Com certeza ele ia gostar se você também usasse as mãos, querida.

O arrepio de incerteza que visivelmente percorre o corpo dela quando ela vira a cabeça para mim, me confunde ainda mais.

— Ele... — Ela limpa a garganta, mas a voz não sai nem um pouco mais alta. — Ele nunca me deixa tocar nele.

*Lá embaixo*, ela termina a frase sinalizando com os olhos.

— Ah, é mesmo? — Quando olho para cima, encontro Rafael acompanhando a nossa conversinha de olhos abertos. Me mantenho encarando-o enquanto levanto. Então me posiciono atrás dele mais uma vez. Minhas palavras a seguir saem tão baixas que alguém até poderia chamar esta conversa de privada. — Por que isso, Rafa? Você não gosta de ser tocado... *por uma garota*? — Fecho meus olhos, me inebriando no perfume fresco da pele dele. Droga, ele cheira exatamente como a pedra de gelo que ele aparenta ser. Neve caindo em silêncio. Quero comer ele todinho, desde o dedinho do pé até a curva perfeita de seu lábios.

— Você é um quebra-cabeça e tanto, Rafael — digo um pouco mais alto, incluindo Tânia na conversa novamente. — Vamos ver se a gente consegue encaixar todas as peças até o fim desta noite. — Coloco dois dedos em cada uma das mãos de Tânia e as direciono para o local exato onde ela deveria estar fazendo uma massagenzinha no Rafa. Então levanto

o queixo dela com um dedo e dou uma piscada com um sorriso aberto. — Me deixe orgulhoso.

No momento em que ela se inclina para dar um trato nele mais uma vez, agora de um jeito que o satisfaz, um leve gemido se forma na garganta dele. Meu Deus, isso me lembra o quanto o meu pau precisa de atenção. Mas o foco não sou eu esta noite.

— Não ouse gozar ainda — aviso Rafael, praticamente aos risos, próximo ao seu rosto. Isso seria fácil demais. E a gente ainda nem chegou na melhor parte. — Se você quiser o carro de volta, você vai gozar quando eu mandar. Entendido?

O corpo dele enrijece, mas ele se recusa a me responder.

— Não estou te ouvindo, Rafael — provoco. — Você. Me. Entendeu?

Um tempo se passa até que um “*Sim*” bem rouco sai da boca dele. Isso me faz sorrir.

Esticando meu braço, desabotoo o primeiro botão de sua camisa branca. E o segundo. E o terceiro.

Com os meus lábios roçando na curva do pescoço dele, puxo a gola para trás e até um pouco abaixo dos ombros. Minha língua dá uma escapulida e sente um gostinho dele. Que delícia. Deixo minha língua fazer movimentos circulares no ponto sensível na lateral do pescoço dele e termino de desabotoar a camisa. Quando ela se abre completamente, caindo, deixo a palma da minha mão passear pelo abdome contraído, sentindo cada centímetro dele. Sua pele é macia e está incrivelmente quente. Estaria o iceberg finalmente derretendo? Será?

Sinto seus mamilos duros como cristais de gelo com as minhas mãos. Ouço bem perto do meu ouvido um gemidinho bem baixo e suave. Ai, ele é tão bom em reprimir.

Me encosto nele por trás, deixando-o se apoiar em mim quando seus joelhos parecem começar a falhar um pouco devido ao tratamento sedutor que está recebendo dos dois lados. E ele aceita. Sua cabeça recai sobre o meu ombro ao passo que ele fecha rapidamente os olhos, ofegante, e eu o envolvo com meus braços para aguentar seu peso. Minha mão direita se estende por seu peitoral e eu consigo sentir a ansiedade e a excitação presentes em seus batimentos cardíacos.

— Tão rápido... — sussurro, enquanto morderisco fazendo uma trilha entre a garganta dele e o lóbulo da orelha e termino dando uma mordida gentil. A respiração dele acelera mais ainda, tornando-se quase cansativa.

— Ainda não, Rafael — alerta ele num tom de voz desafiador e ao mesmo tempo calmo. Então lambo carinhosamente atrás da orelha dele. Ele engole com dificuldade e quase fico com pena. Quase.

— Tânia... — pede ele. — Por favor... devagar...

Imediatamente, sinto ela diminuindo o ritmo. Lanço um olhar de aviso a ela por cima do ombro de Rafa. — Faça isso e prometo que você não vai conseguir sentar durante a semana que vem inteirinha! — Eu sei que disse que não bateria numa mulher, mas nestas circunstâncias, até eu poderia abrir uma exceção e dar a ela a surra de sua vida.

Gosto de ver que ela não duvida das minhas palavras e volta a fazer como mandei. A excitação de Rafael está escalando rápido agora. Suor brota na testa dele e posso sentir os pequenos espasmos musculares enquanto ele se esforça tanto para manter o controle no meu abraço.

Deslizando minha mão desde a garganta dele até bem embaixo do queixo, viro sua cabeça, esperando que ele abra os olhos e olhe para mim. Quando ele finalmente o faz, sinto surgir uma faísca de desejo que me atrai para mais perto até que encosto meus lábios no canto da boca dele. Mas não vou beijá-lo. Não nesta noite, e muito menos sob essas circunstâncias. Mesmo que eu consiga sentir a chama dentro dele, o desejo secreto que finalmente começou a queimar é muito superficial ainda. É ele quem vai decidir quando o nosso próximo beijo vai acontecer. E ele *vai* acontecer. Ele sabe tanto quanto eu. Porque, neste momento, a respiração dele clama por isso. Por mim. A garota em frente a ele foi completamente esquecida.

Desço as minhas duas mãos, entre nós, e puxo a ponta da fita, libertando ele das amarras. A fita cai no chão, a camisa dele desliza pelos braços e nossos dedos se entrelaçam sem que eu dê qualquer tipo de ordem desta vez. Uma simples carícia foi o suficiente para fazê-lo se entregar. E eu o seguro com força.

Ainda presos nas mangas da camisa, os braços dele não vão completamente para a frente quando eu os movo, então o solto rapidamente para me livrar da peça de roupa, e deixo ele achar minhas mãos novamente. Então levanto os nossos braços e o envolvo num abraço íntimo. Ele pode fechar os olhos o quanto quiser, nada vai fazer deste momento menos verdadeiro.

Minha imagem de Rafael se torna cada vez mais clara, mas algumas peças ainda não fazem sentido.

— Tânia? — digo gentilmente, interrompendo a música trance que está conduzindo as batidas dos nossos corações. — O que ele costuma preferir que você use quando ele brinca com você neste quarto? Além de cordas, quero dizer.

Ela larga o pau de Rafael e me olha com uma expressão de incerteza.

— Renda? Lingerie fetichista? Nadinha? — Eu listo algumas coisas que curto. Mas ela me choca quando balança a cabeça devagar.

— Não? — Beijo o pescoço de Rafael, mas mantenho meus olhos grudados nela. — Então o quê?

A voz dela possui uma timidez quando me diz:

— Ele gosta quando eu visto as camisetas dele.

— Puta que pariu! — Um riso de incredulidade escapa de mim quando finalmente encaixo todas as peças do quebra-cabeça e olho para Rafael. — Você não consegue nem olhar para elas enquanto come elas, não é?

Está na cara dele que só o fato de eu *saber* disso o machuca. Profundamente. Não deveria. Nada disso deveria machucá-lo. Nunca mais.

Acaricio com meu dedão as costas da mão que ainda está na minha, mas então meu olhar de compaixão volta para Tânia. — Te asseguro que isso não tem nada a ver com você diretamente. Você tem um corpo deslumbrante, querida.

Ainda assim... eu solto Rafael e tiro minha camiseta azul escura e então a jogo no colo de Tânia. — Poderia vestir isso, por favor?

Com uma preocupação evidente nos olhos, ela segue o meu comando, enquanto Rafael aproveita que nem mãos ou uma boca deliciosa estão em seu pau para dar uma respirada. O intervalo que lhe é concedido é curto, no entanto. Apenas um olhar meu é o suficiente para Tânia voltar ao trabalho com a boca tão agressivamente quanto antes.

Sentindo as costas quentes de Rafael no meu peito agora, pego as mãos dele e enfio nos bolsos do jeans junto da minha, pressionando nossos dedos entrelaçados contra a virilha dele.

— Por que você está fazendo isso? — implora Rafael com a voz rouca, mantendo os olhos bem apertados na tentativa de escapar desse mundo que quer desesperadamente engoli-lo. Por anos, acredito eu.

— Para provar que você está errado.

— Sobre o que?

Deixo meus dedos deslizarem dos bolsos dele até seus braços, sussurrando verdadeiramente:

— Sobre tudo que você se forçou a acreditar por toda sua vida.

Então enrosco meus braços nos dele e deixo minhas mãos vagarem de seu umbigo até a raiz de sua ereção. Mal chego perto, porque ele logo tira as mãos dos bolsos e esbarra elas nas minhas, me parando. Eu aceito isso. Mais ou menos. Ele não usou a palavra de segurança comigo, mas sinto que esta é a última fronteira que ele conseguirá cruzar esta noite. E olha que ele está se saindo muito bem. Melhor do que eu imaginava no começo. E muito melhor do que ele jamais ousou acreditar, tenho certeza.

Devagar o suficiente para prepará-lo para o último obstáculo da noite, deslizo minhas mãos sob as dele e, em seguida, coloco-as suavemente por cima. Desta forma, movo elas para baixo a fim de substituir os dedos hábeis de Tânia envolvendo seu pau. O gemido que se segue é de partir o coração. E excitante. Porra, se eu apenas esfregar minha virilha contra ele por um segundo, vou gozar nas calças feito um adolescente.

Não vai rolar. Não na frente da garota. Ela veio aqui com algumas expectativas e alguém tem que saciá-las. Ter dois caras gozando fora dela seria egoísta e com certeza um pouco desanimador.

Mas para não sobrecarregar Rafael com a intensidade de toda essa situação inédita, apenas deixo ele trabalhar em si mesmo por meio minuto sob os meus dedos e então separo as nossas mãos, colocando seus braços para trás e deixando Tânia assumir o controle para a finalização.

— Você pode gozar agora, se quiser — digo em seu ouvido, quase sem voz.

Passam exatamente três segundos até que ele crava os dedos nas minhas coxas e pressiona o corpo dele contra o meu, chegando ao clímax na boca de Tânia. Quando coloco minhas mãos em seus bolsos da frente e acaricio um pouco lá, ele encosta a cabeça no meu ombro e finalmente desiste de tentar manter o controle. Eu beijo e provoico a curva de seu pescoço com a minha língua durante todo o seu clímax, aproveitando cada gemido que ele dá.

Tânia é maravilhosa. Ela o chupa até a última gota antes de secar a boca com dois dedos e em seguida o abotoa gentilmente mais uma vez.

Quando me asseguro de que Rafael consegue ficar de pé sem a minha ajuda, me afasto dele e sorrio para Tânia, fazendo um gesto para ela se levantar. Pego a bainha da minha camiseta e lentamente puxo sobre a cabeça dela, enquanto ela levanta os braços. Então dou um beijo na bochecha dela e digo, suavemente:

— Poderia esperar na cama por mim?

Enquanto ela concorda e senta nos lençóis violeta, me viro, dirigindo meu sorriso para Rafael agora. Ele vestiu novamente a camisa branca, mas a deixou desabotoada.

E aí? Gostou? — pergunto, me encostando na cama e enrolando minha camiseta nas mãos.

— Como uma obturação — rosna ele, mas o brilho em seus olhos conta uma história diferente..

— Ah, vamos lá, floquinho de neve. Não vem com essa merda. — Jogo minha camiseta de lado e me aproximo dele até ficar cara a cara com ele. — Eu poderia ter feito você gozar sem a boca da sua amiga em você. E mais rápido, também. Você sabe muito bem disso. Sei que você sentiu e amou cada carícia que eu fiz na sua pele.

Consigo ver a mudança nos olhos dele quando finalmente encontra sua compostura de novo. Seu olhar congela o ar ao nosso redor, agora que ninguém mais está chupando seu pau.

— O único motivo de ter deixado você me tocar é porque eu quero o meu carro de volta. E você fez disso uma condição, seu cuzão. Não tem nada a ver com prazer. Nem um pouco.

Eu suspiro.

— Ai, Rafael... eu realmente gostaria que você tivesse dito outra coisa.

— Tipo? — Ele arqueia uma sobrancelha.

— A verdade.

De maneira teimosa, ele cruza os braços por cima do peitoral nu sob a camisa aberta.

— E você acha que a verdade é que eu poderia de alguma maneira estar atraído por você?

— Admitir isso... — Eu espelho sua postura — seria um ótimo começo, na verdade.

Ele inclina a cabeça com um meio sorriso cínico que não se prolonga por muito tempo.

— Desculpa te desiludir, mas não estou.

— Desculpa desiludir *você*, Rafa, mas *você* está sim. — Tenho que parabenizá-lo por manter-se inabalável ao me encarar. A maioria das pessoas, quando confrontadas por serem gay, não seriam capazes de controlar a expressão de profundo desespero e vergonha em seus rostos. É óbvio que ele trancou com um cadeado essa parte de si mesmo durante

muito tempo. Aquela história de controle faz cada vez mais sentido. — Gostaria que você simplesmente aceitasse e se soltasse. Para o seu bem, não o meu.

Está bem, para o meu também. Quero muito, *muito* foder esse cara porque ele deve ser a coisa mais gostosa em que botei meus olhos nos últimos anos. E se a gente não conseguir fazer isso acontecer logo, vou ter que usar formas mais diretas de abrir os olhos dele. Elas podem ser bastante dolorosas, e eu não teria que encostar um dedo sequer nele.

— Não aguento mais essa conversa idiota. — Os olhos dele se transformam em fendas frias. — Você quer me foder com a mão de novo ou isso foi o suficiente para ter o meu carro de volta?

— Acho que ainda tenho uma hora aqui até que meu tempo acabe — retruco com a mesma frieza. Mas não sou um sádico como ele com seus submissos. Nada do que acabei de fazer foi para matar um desejo dentro de mim com o qual não consigo lidar, como suspeito que é o caso dele. Escolhi dar uma lição bem específica nele. Algo a respeito dele mesmo. Só gostaria que não fosse tão difícil para ele aceitar a verdade. E não tenho certeza se ele tem estômago para aguentar isso além de tudo que aconteceu essa noite. Escorregando os dedos até meus bolsos, passo a língua pelos meus dentes superiores antes de lambe meu canino esquerdo. — Mas vou fazer uma oferta justa.

— O quê?

— Me beija e você pode sair daqui agora.

Recuando, ele deixa escapar uma risada incrédula.

— Você está louco se acha que por algum...

— Última chance, Rafael — interrompo. E estou falando sério.

Ele se encosta na cômoda, apertando tão forte a quina que os dedos dele ficam brancos.

— Eu não vou te beijar. E *definitivamente* não vou deixar você sozinho aqui com ela. — Ele acena com a cabeça em direção à cama, onde Tânia ainda está sentada, abraçando as pernas contra o peito, nos assistindo em silêncio como a garota mais obediente do mundo. Ele a treinou muito bem.

— Se você tem medo de que eu a machuque, garanto a você que ela vai aproveitar cada minuto do tempo comigo. Mas você deveria levar este aviso a sério, Rafael. O prazer dela vai ser a sua dor.

Ele não diz nada, apenas me desafia com uma sobrancelha arqueada. E eu suspiro.

— Muito bem. — Eu o pego pelo braço e o arrasto até o outro lado do quarto, xingando sua ignorante teimosia. As algemas de couro penduradas no travessão da cama chamaram minha atenção desde a primeira vez que botei meus pés neste quarto há três dias. Finalmente chegou a hora de testá-las.

Faço Rafael se ajoelhar na cama e levantar os braços para que eu possa algemar seus dois pulsos, tudo isso enquanto me embriago no seu cheiro de neve ártica. As algemas estão claramente posicionadas para a altura de Tânia, deixando Rafael à vontade demais. Na cabeceira da cama, acho o mecanismo para ajustar as correntes e dou um puxão bem forte, até que ele fique pendurado pelas algemas como se estivesse sendo crucificado.

Lindo.

Pego no queixo dele e o obrigo a me olhar.

— Desta vez eu não vou tocar em você. Mas o que está por vir pode te machucar mais do que o que fizemos antes. Depois não vai dizer que não te avisei.

— Vá se foder! — responde ele, com sangue nos olhos.

Agora sim. Acho que ele acabou de entender o que é que ele vai encarar.

## CAPÍTULO 7

*Rafael*

Meu corpo ainda está pegando fogo, minha cabeça girando e meus braços começando a ficar dormentes. Sebastian apertou demais as correntes de onde estou suspenso na cama, ajoelhado no colchão. Estou pendurado à mercê dele, com um assento na primeira fila para uma transa que eu realmente não quero assistir.

Tânia está deitada nos lençóis em frente a mim, inclinando a cabeça para trás e me olhando.

— *Você está bem?* — murmura ela rapidamente enquanto Sebastian contorna a cama para ficar em pé entre suas pernas e de frente para mim. Lábios apertados, faço que sim com um breve aceno. Ela não precisa saber como a última hora me destruiu por dentro e me deixou em pedaços.

Os músculos dos braços e das costas de Sebastian ressaltam quando ele se debruça sobre o corpo nu de Tânia. As tatuagens que percorrem seu peitoral firme, se estendem pelos seus bíceps e vão até mais abaixo em seu braço direito. Me concentro no bracelete de couro preto em seu pulso esquerdo, onde deveria estar o relógio, enquanto ele se debruça e fala lentamente no ouvido dela:

— Vamos ver quanto tempo *você* dura se eu não deixar *você* gozar, querida?

Com o rosto vermelho, ela morde o lábio inferior e concorda timidamente.

Sebastian desliza pelo corpo dela, desenhando uma linha reta com os lábios por sua pele, trazendo a calcinha dela até a coxa no caminho.

— É dia de desembulhar presentes — ele respira com prazer em sua boceta depilada mas não se demora por lá. Depois de se livrar da calcinha, ele gentilmente abre um pouco os joelhos dela, então levanta sua perna

direita e abre o zíper da bota de couro. Bem devagar, ele puxa a bota, tirando-a do pé dela, jogando-a no chão em seguida e então começa a fazer um caminho de beijos de seu tornozelo até a parte interna da panturrilha e da coxa, sem tirar os olhos dela por nenhum momento. Mas quando ele dá o primeiro beijo de verdade em seu cerne brilhante, seus olhos encontram os meus e ele me encara com o um sorrisinho sinistro.

Eu encaro de volta, nem mesmo piscando. Somente quando ele volta a dedicar sua atenção à garota debaixo dele, eu fecho meus olhos, agarrando com mais força as correntes acopladas às algemas acolchoadas. Alguns instantes depois, o som da segunda bota sendo abandonada chega até mim, seguido de pequenos gemidos de Tânia. Conheço a escala dela, sei o significado de cada som que ela emite. Reconheço os pequenos guinchos quando ela sente cócegas em determinados lugares e todos os gemidos roucos quando ela mergulha num estado profundo de paixão, clamando por liberação.

E pelo que estou ouvindo, Sebastian está fazendo um bom trabalho dando prazer a ela.

Meu Deus, me deixa desmaiar, por favor!

*Um carneirinho. Dois carneirinhos. Três carneirinhos...*

Gostaria de poder desligar os sons. E as imagens que eles estão pintando na minha cabeça sem que eu sequer olhe. Droga, Sebastian. Quero que ele queime no inferno por jogar este jogo sujo comigo.

*Vinte e quatro. Vinte e cinco. Vinte e seis. Vinte e sete...*

Tudo o que posso fazer é tentar me convencer de que é o Félix dando prazer à Tânia diante de mim. Porque qualquer outro pensamento me machuca para caralho.

*Mil duzentos e noventa. Mil duzentos e noventa e um. Mil duzentos e noventa e dois.*

— Rafael? — A voz suave, porém exigente de Sebastian deixa minha pele arrepiada. — Abra seus olhos.

Eu sei que não tenho escolha. Já cheguei até aqui. Só preciso aguentar mais alguns minutos para finalmente conseguir o que quero. O que *realmente* quero. A *única* coisa que eu quero. Meu carro. Não esse filho da puta na minha frente.

Engolindo com dificuldade, faço o que ele pede. E me arrependo imediatamente. Ele se ajoelha em frente a mim, nu em pelo, totalmente

ereto, segurando a porra de um pacote de camisinha em frente aos meus lábios.

— Você poderia abrir isto para mim, por favor?

*Mil duzentos e noventa e três.*

Mordo o canto do pacote e rasgo o plástico virando lentamente a minha cabeça.

*Mil duzentos e noventa e quatro.*

Então olho diretamente em seus olhos e cuspo a parte arrancada na cara dele

*Mil duzentos e noventa e cinco.*

Ele solta uma risada baixa e sussurra:

— Nada de fechar os olhos de novo.

Quaisquer que sejam as ideias sádicas que ele tenha, me recuso a assisti-lo colocando a camisinha em seu pau. Ao invés disso, deixo meu olhar se repousar no rosto de porcelana de Tânia. Os olhos dela estão fechados e o rubor em suas bochechas indica que ela já teve seu primeiro orgasmo. Como se eu não tivesse percebido isso com seus gemidos no carneirinho oitocentos e quarenta e sete.

Sebastian aparece novamente no meu campo de visão quando se apoia nela. Tânia abre os olhos com um sorriso. As pernas dela balançam um pouco em volta da cintura dele quando ele desliza para dentro dela e começa a estocar num ritmo suave, que faz os músculos de sua bunda perfeita se contraírem num ritmo hipnotizante. Puta que pariu, eu percebo tarde demais por quanto tempo eu estava olhando e subo meu olhar para suas costas e seus ombros bem definidos. Seu cabelo preto cai em mechas suadas por sua testa. Sua respiração é lenta, mas intensa, e enquanto ele se movimenta dentro de Tânia, seus olhos estão fixos nos meus com uma paixão que me assusta.

Aproximando-se de outro clímax, Tânia leva as mãos às costas dele, cravando suas unhas nas omoplatas dele, mas ele as afasta rapidamente. Agarrando a mão esquerda dela com força, ele beija as pontas dos dedos e olha para o rosto dela pela primeira vez em minutos.

— Sem arranhões, querida — sussurra ele, e sorri.

Justamente quando acho que a pior parte da minha tortura esta noite já passou, meu coração para de bater quando ele se debruça para beijá-la na boca. Ele abre os lábios dela com os dele e desliza a língua para dentro de

sua boca. Deixo minha cabeça pender para trás e encaro o teto, cerrando os dentes.

Ele falou que devia manter meus olhos abertos, não que eu tinha que assistir.

*Um. Milhão. De. Carneirinhos.*

Faço todos eles me atropelar e me matar em meus pensamentos.

Porque... sim, merda, Sebastian estava certo. Seus dedos deslizando pelo meu corpo fizeram algo comigo. Não consigo dizer o que foi. Não quero nem deixar minha mente ir até lá e explorar isso, porque significaria ter que lidar com demônios que não estou pronto para encarar. Mas se ele tivesse me beijado meia hora atrás, quando seus braços ainda estavam em volta de mim num abraço magistral, eu teria deixado. E gostado.

Encarando as correntes presas à cama, mordo meu lábio inferior até sentir o gosto de sangue. Eu transo com garotas desde os dezesseis anos. Como é possível eu estar atraído por um homem agora?

Um toque na minha mão esquerda me arranca dos meus pensamentos e minha cabeça vira para o lado. Sebastian, vestido com sua camiseta azul escura e jeans novamente, liberta meus pulsos ao abrir as algemas. Ele está quieto, sua expressão calma. Parada na porta completamente vestida, Tânia me observa com um olhar de compaixão por tudo que tive que aturar e então nos deixa sozinhos.

Eu bufo e engulo com dificuldade, esfregando meus pulsos uma vez que estou livre e posso sair da cama.

— Acabou? — pergunto, com um tom frio.

Sebastian assente.

— O Corvette é meu de novo e nada vai mudar isso?

Ele enfia a mão no bolso da calça jeans e retira a chave do carro, segurando-a para mim na palma da mão. Rangendo os dentes, eu pego. Eu a observo por um momento curto e intenso, então fecho meus punhos em volta dela e dou um soco com toda minha força em sua mandíbula. Com um estalo, sua cabeça vira para o lado e ele segura na cama ao tropeçar.

— Seu idiota de merda! — Eu cuspo.

Esta é a primeira vez que bato num homem. E a ardência na minha é algo que não reconheço. De uma forma estranha, eu gosto da dor. É bem vinda. Abafa pensamentos que não quero ter. É mil vezes melhor do que contar carneirinhos de merda.

Enquanto se endireita, Sebastian passa a ponta da língua no canto da boca, lambendo o sangue ali. Então, limpa o resto com as costas da mão.

— Se sentindo melhor?

— Sim. — E não. E... *argh, Deus salve a rainha!*

— Ótimo. Agora, sinta.

Eu rio. Um som cheio de veneno.

— Você não me dá mais ordens neste quarto.

Sebastian apenas revira os olhos.

— Por favor, sente-se. — Ele indica brevemente com os olhos a beira da cama. Seus olhos transmitem uma delicadeza honesta que me fazem querer seguir o seu... pedido. Não foi uma ordem.

Sentar até que me faz bem depois de todo esse tempo ajoelhado. Finalmente tenho a chance de recuperar meu fôlego.

Ele pega a poltrona pelo braço e a puxa para perto, sentando bem na minha frente. Com os braços apoiados nos joelhos e os dedos entrelaçados, ele se inclina para frente a fim de me olhar diretamente nos olhos por um longo e imensurável momento. Quando finalmente começa a falar, ele soa completamente diferente de como se comportou a noite toda. Calmo. Maduro. Experiente. Tudo que eu não sou.

— Você é quem você é, Rafael. E não vai passar, não importa quantas vezes você punir Tânia, ou qualquer outra mulher, por isso.

Minha garganta está tão apertada que nem consigo engolir minha saliva.

— E quando você estiver pronto para aceitar isso — prossegue, insinuando um sorriso caloroso que é possível ver através de seus olhos. — Adoraria ver você novamente.

Inspira. Expira. Me jogo nos lençóis porque não sei o que fazer no momento. Sebastian ri. Então se levanta e dá um tapinha na minha coxa direita, apenas um.

— Você tem o meu número. — Ele deixa o quarto no momento seguinte e ouço o barulho da porta do banheiro se fechando.

Deus do céu. Esfrego as mãos no rosto e dou uma gemida. Que confusão de merda!

Enquanto Sebastian está obviamente se limpando após as horas intensas que nós três tivemos no quarto de jogos, saio da cama e desço as escadas. Tânia está sentada no sofá, observando cada movimento. Ela deve ter ido ao meu quarto, porque agora está vestindo um dos meus moletons pretos por

cima do roupa. Ela se mantém em silêncio. Suponho que conversaremos em breve. Quando estivermos a sós.

Por ora, eu pego a chave do Honda na cozinha, onde deixei mais cedo, e me viro quando ouço Sebastian descendo as escadas correndo. Ele me lança um olhar de flerte, mas está evidente que ele não vai dizer mais nada esta noite. Não para mim, pelo menos. Em vez disso, ele se vira para Tânia, coloca sua mão no pescoço dela e a puxa para dar um beijo no topo de sua cabeça.

— Obrigado pela sua ajuda, querida. — diz a ela.

Quando ele se dirige à porta, eu jogo a chave dele para o outro lado da sala e ele a agarra com uma só mão. Lábios pressionados num pequeno sorriso, ele levanta as sobrancelhas uma vez como um adeus. Ou uma promessa, não tenho certeza de qual. Então ele deixa meu apartamento e a porta se fecha.

Encaro a porta fechada por mais um minuto e então volto para a cozinha para pegar uma garrafa de água na geladeira. Desenroscando a tampa, tomo um gole, ainda despreparado para encarar Tânia. Ou para ouvir o que ela tem a dizer.

Durante um bom tempo, olho para a garrafa aberta, tentando achar alguma maldita resposta na bebida. Mas a água é sempre silenciosa, não importa quão rasa ou profunda. Por fim, enrosco a tampa de volta e seguro com força a garrafa enquanto ando devagar até a sala e sento no sofá em frente à Tânia. Mais um tempo se passa até que eu consiga olhar em seus olhos.

Ela suspira.

Eu suspiro também. E puxo minhas pernas para cima do sofá.

Não quero ouvir o que ela pensa. Não quero ler no seu olhar. Merda, eu não quero ter essa conversa de jeito nenhum.

Mas o momento continua... sem parar.

Ela arrasta o lábio inferior entre os dentes.

Engulo com dificuldade.

Ela pisca continuamente, embora com períodos incrivelmente longos entre cada piscada.

Envolvo minhas pernas com os braços, pressionando meus joelhos contra meu peitoral, segurando com força a garrafa.

Tânia inclina a cabeça e eu encosto minha testa nos meus joelhos, enterrando minha cara na escuridão da caverna que criei.

Algo se mexe no sofá. Dedos gentis desengancham os meus e tiram a garrafa de mim. Em seguida, braços quentes e femininos me envolvem e me abraçam com força.

Respirar dói.

Ela acaricia minhas costas de cima a baixo.

Coloco meus pés no chão e a puxo de lado no meu colo. Pressionando meu rosto na curva do pescoço dela, eu a abraço forte, como se ela fosse meu ursinho de pelúcia.

Seus dedos deslizam pelo meu cabelo. Então ela pressiona sua bochecha contra o topo da minha cabeça e apenas me abraça.

— Está bom assim — sussurra.

E eu fico grato por essa conversa.

## CAPÍTULO 8

*Rafael*

Tânia foi embora, e na última hora, só fiquei zapeando aleatoriamente os canais na TV, na esperança de achar alguma coisa que me distraísse. Em todo caso, hoje não estou muito a fim de encontrar meus amigos online para uma matança de zumbis, embora essa teria sido uma melhor escolha, considerando o lixo que está na TV às uma e meia da manhã.

Percorro por todos os cento e vinte canais uma última vez, sem ao menos tentar abafar meu bocejo largo. Talvez esteja na hora de ir para a cama. Mas então meu polegar hesita em apertar o botão para mudar de canal quando uma jornalista com cachos pretos e uma blusa vermelha lança as palavras “*Orgulho Gay*” em minha direção.

O termo é responsável por uma desconfortável onda de adrenalina por todo o meu corpo. Ainda assim, com os olhos semicerrados, permaneço na BBC e ouço a repórter falar sobre a iminente Parada do Orgulho Gay em Londres na primeira semana de Julho. Realmente não sei por que parei para ouvir o que ela tinha a dizer. Talvez seja porque gosto da voz dela. Ou talvez porque um filho da puta com um Honda branco tenha me fodido e bagunçado tudo dentro da minha cabeça.

A reportagem, um compilado de paradas por toda a Inglaterra, captura imagens de pessoas festejando diante das câmeras. Alguns deles parecem normais, outros estão vestidos com roupas muito extravagantes. Eles riem muito. E se beijam mais ainda. Para falar a verdade, eles parecem muito felizes.

A matéria continua com cenas de opositores a esse estilo de vida marchando em demonstrações contrárias, com confusão e pancadaria acontecendo. Meu estômago embrulha. A repórter fala sobre os protestos esperados novamente na Parada, como em todos os anos anteriores. Aperto

o botão para desligar esta merda e vou para a cama. A última coisa que preciso na minha mente neste momento é a imagem de um grupo de idiotas marchando porque beijei um homem três dias atrás... e gostei.

Talvez.

Ou talvez não.

Argh, eu não sei!

Está bem, talvez só um pouco.

Esfrego meu rosto e grito em minhas mãos. Meu Deus! O que está acontecendo comigo?

\*

É a última semana na universidade. Todas as provas já acabaram e só tenho mais três aulas essa semana. Duas esta manhã e a última na sexta-feira.

Tânia estuda Arte na mesma universidade em que faço meu curso de Arquitetura. É bom tê-la por perto onde posso encontrá-la nos intervalos. Sempre que podemos, levamos Félix para almoçar e o buscamos na oficina de pintura automotiva onde ele trabalha. Até hoje, dificilmente ficamos dois dias seguidos sem nos ver. Esta semana, no entanto, uso a desculpa de não estar no campus para evitar meus amigos. Não tenho vontade de falar sobre o que aconteceu recentemente e, levando em consideração a promessa que fizemos de nunca manter segredos entre nós, tenho quase certeza de que Félix já sabe como as duas horas no meu quarto de jogos saíram completamente do controle.

Só preciso de um pouco de tempo para lidar com tudo e encontrar meu equilíbrio novamente.

Os dois conversam comigo pelo WhatsApp todos os dias, no entanto. Tânia fala com mais frequência do que Félix, perguntando como estou e se quero falar sobre alguma coisa. Eu não quero. Ainda não. O que quero é ir e voltar correndo com o meu carro até o interior, aproveitando a alegria de ter meu bebê só para mim de novo. Sebastian deixou os papéis no porta-luvas. Poderia ter feito o mesmo com os dele, mas não o fiz. Os documentos de posse do Honda ainda repousam sobre a mesa do meu escritório, onde os coloquei depois que Sebastian foi embora só com a chave. Já o contrato, rasguei em mil pedaços e joguei no lixo.

Na noite de quinta-feira, meus amigos decidem que meu tempo de reclusão social finalmente chegou ao fim e aparecem para uma visita

surpresa. Eles têm sorte que gosto deles, porque eu raramente recebo pessoas no meu apartamento sem que elas me avisem com pelo menos uma hora de antecedência. Meus lábios estão pressionados numa linha reta quando abro a porta e encontro seus olhares.

Uma coisa é lidar com Tânia. Eu consigo fazê-la calar a boca sempre que quero. Mas não tenho ideia de como Félix vai reagir à notícia de que eu fui dominado por um cara no meu próprio quarto de jogos. É uma situação muito constrangedora.

Nós três ficamos parados ali, nos confrontando por três segundos silenciosos. Até que Félix finalmente levanta uma sacola plástica branca com diversas caixas do restaurante chinês que nós gostamos e ri, passando por mim.

— Trouxemos comida. Agora, levanta essa cabeça do chão e deixa a gente entrar. Estou com fome.

E foi isso.

Tânia então fica na ponta dos pés e me beija na bochecha, sussurrando suavemente no meu ouvido:

— Oi.

Fecho a porta e sigo os dois, embora um tanto relutante, até a sala de estar, me sentando no braço do sofá enquanto eles desempacotam as fumegantes caixas de papel com seus pratos que cheiram a especiarias. Tânia me dá um par de palitinhos e eu deslizo do braço para as almofadas para pegar a embalagem com o Pato à Pequim. Cruzo minhas pernas no sofá e só quando enfio o primeiro pedaço na boca me dou conta de que não como nada há dois dias inteiros. Cara, isto está uma delícia.

— Então — Félix diz enquanto come, me lançando um olhar de indiferença — como é a sensação de ter a mão de um homem no seu corpo?

Meu Deus! Eu cuspo o pato mastigado na caixa, fuzilando-o com um olhar chocado.

— Félix! — Tânia dá uma cotovelada nele, indignação estampada no rosto.

Ele reage como se a pergunta que ele fizera fosse a coisa mais natural do mundo e então, franze o rosto para ela, com um ar de inocência.

— O queeee?

Minhas bochechas ardem como se estivessem pegando fogo.

— Eu... ele... — Ela o encara. — Estamos comendo! — é a sua desculpa final, o que só faz Félix rir. Eu também. Um pouco.

— Quando Rafa e eu estamos comendo sem você, nós sempre conversamos sobre a sua boceta e como você é ótima em...

— Féééélix... — Agora é a minha vez de calar a boca dele.

Rindo, vou até cozinha tirar o pedaço de pato cuspidado do resto do meu jantar e jogo no lixo. Ainda na cozinha, ouço o protesto de Félix, que me faz balançar a cabeça:

— Vocês dois estão muito sem graça hoje. — Quando volto para a sala e continuo a comer o que restou do pato, ele acha um assunto diferente. Graças a Deus.

— Ei, vocês conhecem aquele cara incrível do *Facelift Cars*? Aquele do cabelo azul?

— Sim — murmuro antes da minha próxima mordida. É um programa sobre personalizar carros que passa no Reino Unido há anos. Félix e eu costumamos assistir juntos.

— Não — Tânia responde.

*Claro.*

Félix revira os olhos para ela e então continua a falar na minha direção ao invés da dela.

— Ele quer uma pintura com aerógrafo no carro dele e veio até a oficina essa manhã. Diego está considerando me deixar fazer porque o cara gostou mais do meu trabalho dentre os que ele viu do nosso catálogo de projetos antigos.

— Uau. — Meus olhos se arregalam com surpresa e uma admiração honesta. — Que foda!

Ele sorri feito um doido.

— Eles até querem mostrar no programa.

Estou muito orgulhoso de Félix. Ele merece isso. O trabalho dele é impecável.

— Que tipo de pintura ele quer?

— Ele curtiu o rosto de uma pantera que fiz num caminhão uma vez. Então acho que vai ser algo nesse estilo. Por falar nisso... — Ele aponta os palitinhos para mim do outro da mesa de centro. — Já sabe o que quer fazer no Stingray?

— Estou pensando numa caveira esfumaçada no capô. E talvez a mão de um esqueleto dando dedo do meio na traseira.

Revirando os olhos, Tânia arremata:

— Incrível.

— Olha, a gente não pode cobrir o Corvette de fadas, mesmo que você ame isso, baby — debocha Félix e dá uma ombrada nela fazendo ela perder o pedaço de frango preso entre seus palitinhos. Enquanto ela tenta pegar de novo, recebo uma notificação de mensagem no WhatsApp. Coloco meus palitinhos na caixa que ainda estou segurando e, com a minha mão livre, pego meu smartphone no bolso da calça.

No entanto, à medida que desbloqueio a tela, meus batimentos cardíacos pulam de sessenta para duzentos e sessenta em questão de segundos. Um silêncio mortal toma conta da sala enquanto encaro perplexo o meu telefone.

Engulo com dificuldade.

— Ok, cara, a gente consegue ouvir seu coração batendo daqui — diz Félix um tanto nervoso. — Então, ou você ganhou na loteria ou...

— Sebastian te mandou uma mensagem — Tânia termina a frase dele num tom alegre.

Olho nos olhos esperançosos dela, meus lábios ainda estreitos.

Instantaneamente, seu sorriso fica mais largo.

— O que ele disse?

— Ah, para com isso — resmunga Félix para ela. — Deixa o cara ter um pouco de privacidade.

Normalmente não me importo com a curiosidade infinita de Tânia, mas hoje, eu realmente agradeço a intervenção de Félix. Fico morrendo de medo só de ler o nome dele na tela sem ao menos ver o conteúdo da mensagem e, mesmo assim, algo dentro de mim pira como se eu tivesse ganhado uma Lamborghini ou algo do tipo.

Quando eu fico imóvel durante uma respirada prolongada, Félix começa a embalar a comida e colocar tudo de volta na sacola plástica.

— Está tarde. É melhor a gente ir embora.

— Como é que é? — O protesto indignado de Tânia é quase fofo quando ele tira os palitinhos da mão dela.

Ele os joga na sacola também.

— Levanta, Tânia.

— Mas por quê? É tão fofo e eu...

Félix pega no queixo dela e a faz olhar para ele, em pé de frente para ela.

— Porta! *Agora!* — ordena e lança a ela um olhar que não deixa espaço para discussão. Uau, até eu sinto vontade de me levantar e pegar minha

jaqueta para ir embora.

Os olhos de Tânia se arregalam em surpresa, então ela levanta do sofá e segue ele até a porta. Comigo logo atrás, ela me olha por trás do ombro.

— *O quê?* — sussurra para mim, com uma expressão de confusão no rosto. A única coisa que me sinto capaz de fazer é dar de ombros. Nunca vi Félix assim antes. Mas pelo menos ele achou o tom certo para fazê-la obedecer.

— A gente pode terminar de comer na minha casa — oferece Félix, um pouco mais brando, mas ainda sério o suficiente para que ela não argumentasse.

Tânia se vira e me dá um beijo de despedida na bochecha.

— Me ligue mais tarde e para contar o que ele queria — sussurra ela e sorri antes de sair pela porta.

Félix aperta minha mão.

— Podemos falar sobre a pintura do carro amanhã.

Eu concordo.

— Obrigado pela comida.

Então a porta se fecha e estou sozinho. Me viro para fazer uma careta para o telefone na mesa de centro a três metros de distância. Puta merda. Tem algo de muito errado comigo se uma simples notificação consegue interromper um jantar aconchegante assim.

Com o coração acelerado novamente, volto para a sala e me jogo no sofá, finalmente abrindo a mensagem.

## **Sebastian**

*Você sabe que só me deu a chave e não os papéis de volta, certo?*

Fico olhando para esta única frase durante muito tempo, sentindo uma estranha excitação com a simples provocação nas palavras. E agora? Começo uma conversa? Apenas digo a ele para vir aqui amanhã pegar os papéis? Merda, todos esses pensamentos são confusos. Mais confuso ainda é o fato de eu ter que pensar a respeito e não apenas responder normalmente como eu faria com qualquer outra pessoa no mundo.

Dobro minhas mãos sobre a boca e o nariz, e deixo escapar um suspiro nervoso. Então digito apenas uma palavra.

**Eu**

*Sim.*

Três segundos se passam até os dois tiques ficarem azuis e mais outros dez até que um novo texto apareça. Todo esse tempo, meus dedos apertam o celular.

**Sebastian**

*Pretende mudar isso?*

Cacete, isso significa me encontrar de novo com ele. Uma onda de medo e excitação tomam conta de mim. Minha boca fica seca.

**Eu**  
*Sim.*

Três pontinhos fazendo uma onda indicam que ele está digitando algo novamente. Paralisado, fico olhando até que eles se transformem em texto.

**Sebastian**

*Perfeito. Por acaso Sim é a única palavra que seu telefone conhece?*

Ele me faz rir com isso e eu digito apenas sim de novo. Mas então deletei. Isso é estúpido. Será? Afinal de contas, ele mesmo pediu por essa. Enquanto digito de novo e deletei mais uma vez, os pontinhos reaparecem. Ele também está digitando. A mensagem dele chega antes que eu possa mandar a minha. O que eu não teria feito porque deletei de novo.

**Sebastian**

*Sério, quantas vezes você digitou SIM agora e deletou de novo?*

Caio na gargalhada e então coloco três emojis daqueles chorando de rir antes da minha resposta.

**Eu**  
*Muitas vezes!!*

Então me afundo ainda mais no sofá, repousando minha cabeça no encosto e fazendo uma careta para o teto. Minha frequência cardíaca normaliza antes da próxima mensagem dele e eu começo a curtir a conversa que se intensifica a partir daí.

**Sebastian**

*Então, Rafael... Meus documentos?*

**Eu**

*Te envio pelo correio.*

**Sebastian**

*Não se atreva a fazer isso, floquinho...*

**Eu**

*Pô! É mais fácil assim.*

**Sebastian**

*A maneira mais fácil seria me encontrar e entregá-los.*

Engulo em seco com este pedido óbvio. Não seria a maneira mais fácil. Na verdade, é a maneira mais difícil que posso imaginar. Demoro muito tempo pensando em como me livrar dessa.

**Eu**

*Desculpa, estou muito ocupado essa semana. Não posso.*

**Sebastian**

*Covarde.*

**Eu**

*Não sou. É verdade. Muitas coisas da universidade para fazer.*

**Sebastian**

*Última semana antes do verão? Já tive meus tempos de faculdade também. Sei bem como é.*

Mordo meu lábio inferior. Merda. Provavelmente não há maneira fácil de sair dessa. Mas a última coisa que eu quero é o Sebastian no meu apartamento novamente. Então, suspiro e sugiro a cafeteria onde Tânia me contou que eles foram antes da fatídica noite no quarto de jogos.

**Eu**

*Tudo bem. Me encontra no Starbucks da esquina? Domingo às 16h.*

**Sebastian**

*SEXTA às 16h. Boa noite, Rafa.*

Merda! Engulo com dificuldade. Sexta é amanhã.

## CAPÍTULO 9

*Sebastian*

Chego ao Starbucks atrasado. O trânsito estava um inferno, e eu ainda tive que andar dois quarteirões do estacionamento até a cafeteria. Teria sido mais inteligente estacionar no estacionamento subterrâneo do prédio de Rafael. Com certeza teria me salvado pelo menos quinze minutos.

Virando a marca do meu boné preto da Nike para trás, abro a porta e examino o lugar. Quando reconheço um rosto familiar numa mesa bem no fundo, eu rio e balanço minha cabeça. Que cagão. Indo direto para a cabine onde os documentos do meu carro me esperam, deslizo para o lado da garota de cabelo preto e dobro meus braços de maneira provocativa em cima da mesa em frente a Rafael.

— É sério? Precisou trazer reforço? — provoco. — Ficou com medo de parecer demais com um encontro se viesse sozinho?

O sorriso amarelo que ele dá como resposta é fofo.

Estendo a mão, deslizo meus dedos ao redor do pescoço da garota e a puxo para dar um beijo em sua cabeça.

— Oi, Tânia.

A garçonete passa na mesa e eu peço um expresso e um copo d'água.

— E o que ela quiser — acrescento com um aceno em direção à Tânia, uma vez que seu copo está vazio.

— Um *frappuccino* de caramelo, por favor — diz ela, sorrindo.

O silêncio toma conta depois que a garçonete sai. Eu entro num jogo de olhares com Rafa. Os lábios dele tensionam e eu quero rir. Quando a mulher volta com as nossas bebidas, pago pelas duas imediatamente, como é de costume nesta loja. Eu teria oferecido ao floquinho de neve uma bebida também, mas seu café gelado ainda está na metade. A garota é claramente mais rápida na sucção do que ele.

— Sorte a sua que ela está comigo e me impediu de ir embora com os seus papéis há dez minutos — diz Rafael, retomando minha piada anterior e soando muito mais como ele mesmo do que na última vez que nos encontramos. Bem, pelo menos muito mais parecido com o cara que conheci na noite da corrida. Ele pega uma pequena pilha de papéis no assento ao seu lado e os empurra para mim adicionando:

— Eu realmente *odeeeio* quando as pessoas se atrasam.

Com suas palavras, inclino minha cabeça. Ele disse de tal maneira que me faz acreditar que eu deveria tomar isso como um sério aviso se quiser sair com ele novamente. E eu quero. Então, mantenho meu olhar nele com uma expressão calorosa, sem piadas desta vez, e dou um breve aceno em concordância.

— Terei mais consideração com você no futuro.

Minha resposta apaga instantaneamente o sorriso na cara de Rafael. Uma fina camada de arrepio cobre a pele de seus antebraços até as mangas dobradas de sua enorme camiseta de hóquei. Ele franze a testa com uma expressão de confusão e Tânia ri.

— Você fica muito fofo quando alguém te pega de surpresa, Rafa, sabia disso? — diz ela ao amigo e enfia uma colherada do chantilly da bebida na boca.

— Como um floquinho de neve tímido — concordo, com um sorriso malicioso, dobrando meus braços na mesa e piscando para Rafael.

Como se estivesse em pânico de que alguém pudesse ter visto, seu olhar percorre o local por um momento. Em seguida, ele rapidamente abaixa o rosto para esconder os olhos por trás da mecha de cabelo louro platinado caindo sobre a testa enquanto encara sua bebida.

— Meu Deus! Será que tem como não flertar comigo aqui? — murmura.

Para chamar sua atenção de volta, pego sua xícara e a afasto dele. Seu olhar segue minha mão, mas para no meu rosto.

— Está bem — falo devagar, sem sorrir, um tom de provocação na voz dessa vez. — Onde então?

Seus olhos azuis fixam em mim, exibindo milhões de emoções. Choque é a mais evidente, mas também há curiosidade. Desejo. E quando ele parece perceber seus pensamentos, um pequeno rubor surge na parte superior de suas bochechas. Apenas um toque de vermelho, na verdade. É adorável.

Quando ele puxa o café de volta, com os dentes cerrados, fica claro que ele não vai me dar uma resposta. Mas uma sugestão surpreendente vem da

garota ao meu lado.

— Quarto de jogos — diz Tânia.

Nós dois olhamos para ela e Rafael deixa escapar um incrédulo:

— O quê?

Ela dá de ombros como se aqueles poucos metros quadrados no apartamento dele pudessem salvar qualquer pequeno problema do mundo.

— Desculpa. — Ela volta a sua atenção para o *frappuccino* novamente.

— Me ignorem, só estava pensando em voz alta. — murmura Tânia.

Inclino minha cabeça, não pretendendo por um minuto sequer deixar essa ideia escapar.

— Não. Pode falar, por favor. — Ela me deixou curioso agora.

Impelida por minhas palavras, ela levanta a cabeça e limpa a garganta.

— Então... — O olhar dela passeia entre Rafael e eu, mas permanece nele por um tempo a mais, e as palavras que ela profere são dirigidas a ele somente. — É meio óbvio que você... acha a ideia de conhecer melhor o Sebastian... intrigante. — Ela faz uma careta, e seu rosto adquire um tom vermelho de inquietação, porque está deixando o amigo desconfortável no momento, e ela sabe disso.

Eu, por outro lado, adoro sua escolha de palavras.

Seus olhos escuros se voltam para mim ao passo que ela solta um longo suspiro.

— Você fez ele questionar algumas coisas a respeito de quem ele é, e ele provavelmente precisa de um tempo para se adaptar a esse novo lado de si mesmo.

Tocado pelas palavras dela, lanço um breve olhar para Rafael, que a essa altura está rangendo os dentes de maneira tão forte que a qualquer momento vai acabar trincando um deles.

— O quarto de jogos sempre foi um lugar meio fora do nosso mundo. — Tânia me explica então. — Regras diferentes. Nada que possa repercutir na vida real se você não quiser. Um quarto onde tudo é possível. Acho que é um bom lugar para começar se você quer passar mais tempo com o Rafa. Sem dominador ou submisso dessa vez. Só vocês dois como vocês são. Sei que ele vai gostar, mesmo que ele nunca mais me dirija a palavra só por estar dizendo isso.

— Quanto a isso, você pode ter certeza — revela o grunhido mortal do outro lado da mesa. Eu rapidamente vejo a necessidade de me jogar na linha de fogo para impedir que o olhar gelado dele mate a garota.

— Deixa disso, Rafa, por favor. — Ela coloca a mão na dele, mas ele se afasta. — Você já fez coisas mais loucas nessa vida do que expandir sua sexualidade e ainda está vivo. Então por que você simplesmente não se dá uma chance? Sei que o Sebastian quer isso. Ele me contou na segunda antes de irmos para o seu apartamento. Sei que você também quer. De alguma forma. Bem lá no fundo.

Provavelmente por baixo de todas as regrinhas de merda a que ele se atém.

Não me parece certo dizer qualquer coisa agora porque essa aparenta ser uma conversa entre os dois e tenho que aceitar qualquer que seja o resultado. Mas quando Rafael aperta com tanta força o copo que eu temo que ele vá quebrá-lo, meu peito se aperta um pouco por ele.

— Eu... *não posso*. — Com o olhar na mesa, as palavras saem rasgando de sua garganta. Neste momento, o simples fato de falar conosco deve ter um enorme custo para ele.

— Claro que pode — Tânia assegura a ele, de maneira suave, como se ele fosse uma criança que ela deseja ganhar a confiança. — Não encare isso como uma experiência que vai mudar sua vida. Talvez mais como um experimento num... laboratório de química. Você vai lá, faz alguns experimentos, vê se os resultados são satisfatórios e, se não forem, você vai embora e fecha a porta atrás de você.

— Certo. E se você misturar lá coisas que simplesmente não são compatíveis, você bota tudo pelos ares — retruca ele. — E aí não vai ter nem porta para fechar.

Tanto medo.

Respirando fundo, lambo meus lábios. Dever ser doloroso ser pressionado por tantas emoções novas. Eu entendi bem cedo que gostava de meninos, não foi uma descoberta tão devastadora para mim. Mas aos vinte e três anos e depois de transar com garotas por metade da sua vida, isso deve ser difícil de aceitar. Como o silêncio tomou conta da mesa, eu arrisco uma leve carícia nas costas dos dedos dele.

— Não vou explodir seu apartamento, eu prometo.

Rafael afasta as mãos segurando o copo, mas desta vez não tão forte quanto mais cedo quando Tânia o tocou. Ainda assim, ele fecha os olhos como se tudo que ele mais quisesse neste momento fosse se trancar num lugar muito, muito longe desta nova realidade com a qual ele ainda precisa aprender a lidar.

Suas narinas dilatam com a respiração acelerada. Vejo que a qualquer momento ele vai me lançar um olhar com um laser mortal e me mandar direto para o inferno. Ao invés disso, ele surpreende não só a mim, mas também Tânia, quando de repente se levanta da mesa. Sem nem dizer adeus a sua amiga ou a mim, ele deixa a cafeteria e vai embora, na direção de seu apartamento.

Largo minha testa nos braços dobrados e murmuro contra a superfície de madeira da mesa:

— Fantástico.

Do meu lado, Tânia suspira. Se eu não estivesse bloqueando sua passagem, imagino que ela estaria correndo atrás de Rafael agora.

— Por favor, não desiste ainda — ela me implora baixinho. Não tenho certeza do que exatamente ela quer dizer com isso. Desistir de apresentar Rafael a um mundo onde é possível que um cara goste de outro cara? Ou desistir de me aproximar dele? Porque ela sabe que eu quero os dois.

Nós tivemos um papo bem longo e bem legal sobre Rafael da última vez que sentamos aqui, e contei a ela que fazia muito tempo que não me sentia atraído por alguém tão intensamente quanto estou pelo Rafa. Desde o momento que coloquei os olhos nele. Talvez seja porque nós começamos nosso convívio às avessas, com um beijo muito bom que não consegui tirar da cabeça por dias. Mas a verdade é que tem alguma coisa no cara que me faz querer estar perto dele mais do que eu provavelmente deveria. Toda a postura dele. Especialmente os muros que ele construiu ao redor de si mesmo. Quero quebrar todos e descobrir o que há por trás deles. Pois tenho certeza de que o que se esconde lá é incrível. Mas...

— O titânio da Islândia é difícil de quebrar — lamento.

Tânia ri.

— Se você quer mesmo se aproximar dele, então agora é o melhor momento possível. — Ela tira o boné da minha cabeça e eu inclino meu rosto para o lado, apoiando minha bochecha em meus braços para olhar para ela. Seus olhos escuros brilham de esperança. — Sei que ele vai ficar andando de um lado para o outro no apartamento pelas próximas horas, feito um tigre enjaulado. Você tirou o mundo dele do eixo. Agora faça alguma coisa a respeito. Não dê a ele tempo para construir seus muros. — Ela põe o boné na mesa de uma maneira que a marca da Nike fica voltada para mim. Eu leio as pequenas palavras abaixo.

*Do it! Faça.*

— Amanhã será tarde demais — diz ela suavemente. Então ela suga ruidosamente o resto de seu *frappuccino* de caramelo pelo canudo e lambe os lábios fazendo um som estridente.

Acredito que esse foi o fim de seu discurso. E ela me deu muito em que pensar. Após esvaziar minha própria xícara, ponho meu boné de volta e saio da cabine. O papéis enrolados do meu carro vão para meu bolso de trás.

Nós deixamos o Starbucks juntos.

— Quer que eu te leve para casa? Meu carro está estacionado a alguns quarteirões daqui — ofereço quando chegamos à porta.

O cabelo longo e preto de Tânia esvoaça quando ela balança a cabeça e abre um sorriso sincero.

— Não, obrigada. Adoro andar de ônibus. E você tem outras coisas para fazer agora.

Eu concordo, grato por toda sua ajuda com Rafael mais uma vez, e sigo na direção oposta à dela. Depois de alguns passos, no entanto, eu paro e volto para ela.

— Tânia! — Quando ela se vira, quase na esquina da rua, eu pergunto:

— O que você e o Félix fazem quando querem tirar o Rafael um pouco da zona de conforto?

Pensativa, Tânia leva um segundo para ponderar. Então ela olha para cima e encolhe os ombros.

— Simples. — Seus lábios abrem num grande sorriso. — A gente aposta com ele.

Ela acena e corre apressada para o ponto de ônibus. Eu também começo a procurar o Honda.

*Uma aposta...*

O pensamento circula em minha mente por todo o tempo que caminho os dois quarteirões. Foi uma aposta que colocou Rafael em apuros, para começar, e eu o salvei naquela noite com um beijo. Mas como isso se encaixa no esquema dele de manter tudo sob controle a todo tempo? De viver sob regras tão rígidas? Por que ele se enfiaria em situações tão arriscadas se isso é absolutamente contra seus princípios?

A resposta me escapa.

Três metros de distância do Honda, eu destranco as portas e deslizo para trás do volante, jogando os documentos do carro no banco do carona. O cinto incomoda as minhas costas. Não quero colocá-lo agora. Também não quero ligar o motor porque não quero ir para casa. Mas que outra escolha eu

tenho? Não é uma das melhores ideias dirigir de volta para Brook's Mews e interfonar o Rafael no apartamento dele e pedir que ele desça para conversar. Meia hora atrás, ele deixou bem claro que não estava disposto a conversar.

Tanja, por outro lado, disse que eu não deveria esperar até amanhã. E ela o conhece muito melhor do que eu.

Agarrando o volante, bato minha cabeça contra ele. Foda-se! Estou entre cruz e a espada agora.

Depois de um longo e profundo suspiro, levanto minha cabeça e procuro o botão de ignição, mas então meu dedo hesita. Segundos se passam. Eventualmente, me encosto no banco, motor ainda desligado, e mordo meu lábio enquanto encaro pelo para-brisa. Talvez hesitar seja a melhor coisa que eu poderia fazer agora.

Pego meu celular e abro na minha última conversa do WhatsApp com Islândia. Depois de respirar fundo, escrevo uma mensagem e aperto enviar.

**Eu**

*Sem amarras.*

Ele lê o texto segundos depois, mas leva pelo menos cinco minutos para responder.

**Islândia**

*O quê?*

**Eu**

*No seu quarto de jogos. Gostei da ideia da Tânia. Nós podemos fazer isso de um jeito diferente, afinal. Sem bondage. Sem dominação. Só conversando para começar.*

**Islândia**

*Já conversamos no café.*

**Eu**

*Não, não conversamos. Você se fechou. A Islândia fechou as fronteiras...*

**Islândia**

*Me deixa respirar.*

**Eu**

*Eu deixo. Entendo que você ainda não está pronto para se sentar com um cara em público.*

**Islândia**

*Por que você acha isso?*

**Eu**

*Você ficou olhando para os lados o tempo todo, se certificando de que ninguém me visse piscando para você. Ou fazendo qualquer coisa que pudesse levá-los a pensar que você e eu podemos ter algo.*

**Islândia**

*Porque nós não temos.*

**Eu**

*Certo.*

Envio a última mensagem, em seguida, largo minha mão com o telefone e esfrego meu rosto com a outra. Sei que ele não vai responder se eu deixar por isso mesmo. E seria uma pena. Porque até mesmo trocar mensagens com Rafael me dá uma sensação boa. E aposto que ele também se sente assim.

Então me afundo mais ainda no banco, aperto meu joelho levantado contra o volante, e escrevo mais uma vez para ele.

**Eu**

*Mas você não tem nem curiosidade de saber como seria?*

**Islândia**

*Ter um NAMORADO?*

**Eu**

*Beijar alguém que, pela primeira na sua vida, faça o gelo em você derreter.*

A tela permanece preta por tanto tempo que decido ligar o motor e ir para casa, afinal de contas. Eu provavelmente o superestimei, e ele realmente ainda não está pronto para dar esse tremendo salto em direção ao desconhecido. Pena. Esquecer o floquinho de neve não vai ser fácil depois dos momentos intensos que nós compartilhamos desde sexta-feira à noite.

Com um suspiro desconsolado, me afasto do meio-fio e sigo com o carro em direção ao trânsito. Só então, meu smartphone vibra no banco do carona e eu olho de soslaio, desconfiado. No sinal vermelho seguinte, pego o celular e leio o que Rafael respondeu. Um sorriso faz minhas bochechas contraírem.

**Islândia**

*Talvez. Um pouco...*

Era tudo que eu queria ouvir. Ao invés de dirigir até minha casa, faço o retorno na próxima curva e volto para Brook's Mews, estacionando em frente ao prédio de Rafael quando um Jeep verde-escuro deixa uma vaga bem em frente à porta quando chego. Após desligar o motor, pego meu pacote de cigarros e saio do carro. Encostado na porta, acendo um Marlboro e dou uma bela tragada. Enquanto sopro uma longa nuvem de fumaça, escrevo uma última mensagem para Rafael, me certificando de que não estou cruzando nenhuma linha mortal de novo, como quando acariciei os dedos dele no Starbucks.

**Eu**

*Posso subir?*

Já tinha terminado o cigarro quando sua resposta chegou.

**Islândia**

*Ok.*

Deixando meu boné no carro desta vez, me dirijo até a porta principal do prédio, que abre com um empurrão de leve. Da última vez que vim aqui com a Tânia, nós usamos o elevador principal, que para fora dos apartamentos e não é protegido por códigos pessoais. A subida até o nono

andar é curta e quando as portas se abrem, a entrada do apartamento 37 no fim do corredor já está entreaberta.

Ok...

Passo a mão pelo meu cabelo desgrenhado e entro silenciosamente sem bater.

## CAPÍTULO 10

*Rafael*

Meu olhar é atraído pelo som de alguém fechando a porta. Sebastian. Ele fica parado na entrada da sala de estar, as mãos nos bolsos do jeans azul rasgado, o cabelo bagunçado, as mangas da camiseta preta dobradas até os cotovelos. Seus profundos olhos castanhos estão fixos em mim. Olhando para eles, uma onda de arrepios percorre meu corpo.

Ainda estou no sentado no mesmo lugar onde estava quando trocamos mensagens há meia hora. Mensagens assustadoras. Excitantes. E perigosas. Elas libertaram uma porção de sentimentos dentro de mim. Sentimentos errados. Um desejo por algo que eu não deveria estar sequer pensando.

Mas é tão difícil não pensar em beijos proibidos quando esse cara sabe exatamente o que falar para me provocar. Ele me faz querer ser alguém que eu não quero ser. Como é que isso poderia funcionar?

Ele ainda está parado no degrau que leva até a sala de estar que fica num nível mais abaixo, me olhando. Como se estivesse esperando por um convite. Ou... Sei lá. Que eu levante e o leve lá para cima para o quarto de jogos?

Minha língua gruda no céu da boca. Eu mal tenho voz. Meus olhos se voltam brevemente para meus joelhos dobrados, meus pés descansando na mesa de centro. Mas como se uma parte de mim tivesse medo de que ele se aproximasse de repente — ou que fosse embora — meus olhos voltam para ele rapidamente. Demora uma eternidade até que eu consiga soltar um tímido e rouco:

— Oi.

Ele desce o degrau e fica no mesmo nível que eu. Eu recuo involuntariamente. Ele para, imediatamente. Então lentamente se abaixa para sentar no degrau de aproximadamente doze centímetros. Com os

braços apoiados nos joelhos fechados, ele entrelaça os dedos de maneira relaxada e continua a me olhar. Tenho convicção que ele não seria tão... cauteloso se já estivéssemos lá em cima.

Devagar, tiro os pés da mesa, um de cada vez. Levantar do sofá faz meu coração acelerar. Preciso regular minha respiração, senão vai ser impossível conversar com ele esta noite. Passo pela mesa de centro, os olhos fixos nele o tempo todo, e cruzo a sala. Com menos de um metro de distância entre nós, eu passo por ele quando subo o degrau e me dirijo à cozinha. Ele vira a cabeça para observar meus passos.

— Quer beber alguma coisa? — pergunto baixinho.

— Não, obrigado — responde ele, tão calmo quanto eu.

Pego uma lata verde de Sprite da prateleira superior da geladeira, e fecho a porta com cuidado. Eu deveria voltar para o sofá, mas não consigo. Na verdade, eu não consigo me fazer passar por Sebastian novamente, então simplesmente paro a alguns centímetros atrás dele. Parece que ele está olhando para o que acontece lá fora pela janela, mas quando ouve o chiado que a bebida faz quando abro o lacre, ele vira a cabeça de novo e encosta a boca em seu ombro esquerdo.

A presença dele aqui me parece a maior intrusão possível no meu apartamento. No meu mundo.

Ele não consegue ver muito além da minha sombra no chão. Mas, enquanto bebo, mantenho meus olhos fixos nas costas dele, em seu pescoço bronzeado, e no emaranhado preto que é seu cabelo. Ficar parado acima dele ajuda a trazer de volta uma sensação de equilíbrio. Tanto por dentro quanto por fora.

Dou dois passos à frente e fico mais próximo de Sebastian. Ainda estou atrás dele, mas ligeiramente equiparado. Minhas pernas provavelmente entraram em seu campo de visão. Ele não se move. Nem mesmo um centímetro. Meu coração tem a chance de voltar a bater um pouco mais rápido que o normal.

Permaneço ali por pelo menos mais um minuto, então volto para o sofá. Sebastian me segue com os olhos mais uma vez. Desta vez, me sento um pouco mais perto da entrada da sala de estar e ponho a lata na mesa, ao lado do caderninho e da caneta que sempre ficam ali para caso eu precise anotar senhas para jogos e perfis.

Nossos olhares se cruzam novamente. Os minutos passam. Não sei por que ele ainda não disse nada. Ou por que eu também não. Mas quanto mais

o silêncio entre nós se alonga, e quanto mais tempo ele fica sentado ali imóvel, me deixando apenas olhar para ele, mais eu consigo voltar a relaxar no meu apartamento. É quase como se ele estivesse tentando me dar tempo para me acostumar à presença dele ao se transformar num objeto inanimado em meu mundo.

Pego a Sprite novamente e a levo à boca. Meu olhos abaixados, pergunto com os lábios tocando a lata:

— Quer jogar videogame?

Os cantos de sua boca dão uma leve erguida e quero dar na minha cara por achar isso atraente. Nem sei por que ele está sorrindo agora. Porque estou finalmente falando com ele ou simplesmente porque gostou da sugestão?

— Claro — diz ele, soando como se realmente quisesse, como se gostasse da ideia. — Você tem *Need for Speed*?

Faço que sim.

Sebastian então franze o rosto em dúvida.

— Por acaso você é bom nisso?

Sério? Como resposta, apenas levanto uma sobrancelha.

— Eu jogo isso desde que me entendo por gente.

Aos risos, Sebastian levanta do degrau.

— Bem, isso me dá dois anos de experiência a mais que você. Você não tem a menor chance, Islândia.

Com um pequeno sorriso no rosto, coloco a lata de volta na mesa e pego dois controles na prateleira embaixo do tampo de vidro, entregando um a ele. Ele se aproxima e o pega.

— Você vai pular da janela se eu sentar perto demais? — provoca ele, e percebo que seus dedos tocam nos meus, mas não parece ter sido de propósito. De qualquer forma, a sensação é agradável.

— Provavelmente — admito, feliz que isso soa apenas trinta por cento verdadeiro, o resto apenas uma resposta debochada à implicância dele. Sebastian então evita sentar ao meu lado e, ao invés disso, afunda na parte adjacente do sofá. Isso, no entanto, coloca ele na melhor posição para jogar porque ele está diretamente em frente à enorme TV de tela plana, e eu tenho que olhar para ela meio de lado. Droga.

Ficamos online e ambos logamos em nossas contas de jogador e então começamos a rir quando percebemos que cada um reconstruiu o próprio carro para as corridas. Há então uma versão melhorada de um Honda

branco ao lado de um Corvette cinza-grafite, ambos esperando pelo sinal verde e o começo do jogo.

Nós fazemos umas voltas de treinamento, nos observando na rua. Sebastian é bom. Definitivamente tão bom quanto eu. Se ele é melhor? Duvido. Por duas rodadas, eu assumo a liderança, e ele fica tão próximo de mim que consegue inalar a fumaça do meu escape.

— E aí? — provooco ele, tendo tudo perfeitamente sob controle. — Sem potência suficiente debaixo desse capô para me ultrapassar?

— Pode apostar que tem, floquinho de neve — retruca ele com um sorriso no rosto. — Só estou curtindo a bela vista da sua bunda deslumbrante. Eu sempre fodo por trás.

Olhos arregalados, minha cabeça vira para o lado. Meu carro bate contra a parede de uma casa. Sebastian ri enquanto assume a liderança e dispara pela linha de chegada dez segundos depois.

Ele pisca para mim, sua risada agora reduzida a um sorriso magnético. Enquanto coloco outra volta de treinamento para rolar, ele se inclina, pega minha Sprite, e toma um gole. Quando ambos os carros esperam na largada novamente e a contagem regressiva aparece na tela, ele põe a lata de volta exatamente no mesmo lugar e se encosta no sofá para correr comigo mais uma vez.

Nós dois damos o nosso melhor e é absolutamente impossível dizer quem é o melhor jogador. É bom fazer isso pela primeira vez — rir com ele, sentar ao seu lado e não entrar em pânico ao menor sinal de movimento. Eu realmente começo a me divertir, a gostar da noite e também de dividir minha bebida. Encostar meus lábios no mesmo local da lata onde os lábios dele estiveram minutos atrás me dá todo tipo de flashbacks possíveis. De beijos, de toques e dele me dizendo suavemente “*Adoraria ver você novamente...*”

Após meia hora de treinamento simples em várias pistas de corrida, pego a Sprite de novo, e Sebastian me pergunta:

— Pronto para uma corrida de verdade?

A lata está leve e eu a sacudo. Vazia. Droga.

— Claro. — Levanto do sofá e coloco meu controle na mesa. Como os pés de Sebastian estão apoiados na mesa de centro, e as pernas dele estão bloqueando meu caminho, tenho que passar por cima delas para poder ir até a cozinha. Por um momento, fico numa posição bem estranha. O sorrisinho

insinuante de Sebastian não ajuda muito, pois nosso olhares ficam presos um no outro. Limpo a garganta e sigo em frente.

— Pode colocar o percurso que você quiser.

A TV emite sons quando ele clica no menu para procurar uma pista que ele queira correr e então coloca no modo para dois jogadores. Nesse ínterim, vou até a geladeira e pego duas latas de Sprite. Com uma em cada mão, eu paro e olho para elas por um segundo. Então coloco uma de volta na geladeira e dou um leve chute na porta para fechar.

De volta à sala, eu abro a Sprite, coloco-a na mesa, pego meu controle e sento do lado de Sebastian. Não quero ter que passar por cima das pernas dele de novo. Além disso, este é o melhor lugar para jogar.

A pequena inclinação da cabeça dele em minha direção não passa despercebida. Seu pequeno sorriso deixa ele lindo. Eu respondo com um sorrisinho à minha maneira, com os lábios fechados, e então viro para frente onde o jogo nos espera.

— Preparado? — pergunto.

— Eu nasci preparado. — Sebastian tira do modo pause e a contagem regressiva começa. Os motores dos nossos dois carros rugem, impacientes parar correr quando o grande e branco *GO* finalmente aparecer na tela.

Como nas vezes anteriores, é uma corrida acirrada, só que agora Sebastian não perde mais tempo encostando na minha bunda. Nossos carros voam pela estrada, fazendo curvas em velocidades perigosas, avançando e pisando fundo no acelerador novamente. Estamos na metade do circuito quando Sebastian declara sem avisar:

— O vencedor pode fazer um desejo.

Não há tempo para olhar para ele e arriscar arrebentar meu carro mais uma vez por ficar surpreso, mas instantaneamente, um formigamento de incerteza começa na minha nuca. Não porque não quero ter um brinde se eu ganhar. Só duvido que eu vá gostar do que ele vai me pedir se eu perder. Não posso nem protestar, mas pelo som da voz dele, ele não me deixaria escapar de qualquer maneira. Então, me concentro muito e, trinta segundos depois, o Corvette dispara pela linha de chegada. Eu inclusive completei a volta estabelecendo meu novo recorde pessoal.

Só que ainda são treze centésimos de segundo atrás de Sebastian.

— Porra!

Ele joga os braços para o alto, ainda segurando o controle, e comemora.

— Campeão! — É, ele é bom assim, esfregando sal na ferida.

De bico, deixo minhas mãos caírem sobre meu colo e encaro a tela que exhibe fogos de artifício para o Honda branco. Eu sempre fui um mau perdedor. Num movimento espontâneo, Sebastian bate a mão na minha coxa.

— Não fica triste, floquinho de neve. Não se pode vencer todas. — Então ele pega a Sprite e toma um gole.

Ainda estou sentado ao lado dele, inflexível, encarando o lugar onde a mão quente estava um segundo antes. Meu coração de repente acelera como se estivesse tentando ganhar a corrida.

É tão estranho que os toques dele sempre provocam duas sensações bem diferentes dentro de mim.

Pânico absoluto.

E uma ansiedade para tentar de novo.

— Então, qual é o seu desejo? — pergunto, lançando um sorriso cínico na direção dele. — Pizza para o jantar?

— Não exatamente. — Rindo, ele se inclina para trás e me estuda por um tempo que parece durar uma eternidade. Seus lábios permanecem num sorriso bem descontraído, mas o calor vem mesmo dos seus olhos. Não tenho ideia de como ele faz isso, mas eu não consigo desviar o olhar.

Ele está tão perto, um de nós só precisaria mover um pouco o braço para tocar o outro. E quanto mais nos encaramos, cresce em mim o desejo de fazer justamente isso.

— Porra, Sebastian, diz logo o que você quer, antes que eu morra aqui!

Outro momento se passa. Ele gosta de me provocar.

— Nervoso?

Ele não tem ideia!

— Não. — Eu me esforço para me acalmar novamente. Uma respiração lenta ajuda. — Porque eu não vou te tocar. Ou deixar você me tocar. Isso é coisa para o quarto de jogos, não para o resto do meu apartamento.

— Esse é o seu grande medo? — Ele genuinamente quer saber, seu tom está livre de qualquer provocação desta vez. — Toque?

— No momento? Sim. — Me levanto e vou pegar uma garrafa de água na cozinha. Já tive o suficiente de coisas doces por esta noite. — Então, faz o pedido e vamos voltar a jogar.

Ele espera calmamente por mim no sofá, acompanhando meus passos com os olhos. Quando estamos sentados um do lado outro novamente, sua boca ostenta um pequeno sorriso de malícia.

— Tudo bem. Quero que você faça algo então.

Enquanto ele toma o último gole da lata de Sprite, minhas sobrancelhas arqueiam, questionando-o. Segurando a lata vazia em seu colo, ele enuncia:

— Desafio você a contar para alguém que está cogitando a ideia de ir a um encontro comigo.

Eu rio.

— Aham, me chupa!

— Mais tarde — promete ele com um olhar intenso de paixão.

Imediatamente, minha pele fica toda arrepiada. *Por todo meu corpo.* Engulo com dificuldade, ele apenas sorri.

— Vá em frente, então — diz, me incitando. — Podemos encontrar seus vizinhos ou simplesmente descer e você pode contar a algum estranho na rua. Você escolhe.

— Você não pode estar falando sério.

Só que ele está.

Argh. Arrasto os dentes no meu lábio inferior e reflito.

— *Qualquer* pessoa no mundo?

— Qualquer ser humano *vivo e consciente*. E não pode ser a Tânia — define ele e então desdenha. — Você pode ligar para os seus pais, se quiser.

Até parece! Mas a ligação me dá uma ideia.

— Tudo bem. Desafio aceito — digo, encontrando sua expressão com um pouco de cinismo. — Você sabe jogar *Fortnite*?

Com as sobrancelhas retraídas em ceticismo, ele assente, então devolvo o controle a ele, pego o meu novamente e entro no jogo. Nós criamos rapidamente uma conta para Sebastian e eu então o apresento ao meu time. Pelo menos à parte que está online neste momento, que são dois. Carol, com a foto do perfil de *Sailor Moon*, e Tom, que usa uma foto de si mesmo com a cara escondida sob um boné dos Yankees.

Mantenho sempre um segundo *headset* na prateleira para quando o Félix vem aqui e nós jogamos qualquer coisa juntos. Colocando o meu, entrego o outro ao Sebastian, então ligo o microfone e digo:

Oi, pessoal!

Carol comemora quando percebe que estou online, e Thomas solta um profundo “Olá” em seu forte sotaque escocês.

— Tenho um amigo aqui comigo hoje que adoraria ser um jogador convidado no nosso time. Tudo bem para vocês?

Sebastian ativa seu *headset* e começa a rir. Ele obviamente desvendou como eu vou fazer para realizar seu desafio. Depois dos meus dois colegas de time darem a ele as boas-vindas ao nosso pequeno grupo, Carol dispara:

Sebastian, você pode me fazer um grande favor, por favor? Conta para a gente como é a aparência do Rafael!

Eu nem tento segurar o riso porque eu sabia que isso ia acontecer. Ela tem me azucrinado há quase um ano para dar uma descrição de mim mesmo. No meu perfil só tem uma foto do meu Corvette no pôr do sol e, sem dúvida, eu gosto de provocá-la a respeito disso.

— Então, Carol, acredito que você se apaixonaria pelo Rafa. Ele é um islandês lindo — ele responde e vira para mim com um sorriso idiota. — Ele parece um verdadeiro floco de neve. Frágil e alto, do tipo nórdico e louro... com um sorriso de dar inveja.

Embora minha sobrancelha se levante um pouco com a descrição dele, não consigo evitar de deixar um pequeno sorriso escapar também. É por causa dos sentimentos ardentes que ele me causa com suas palavras. Ainda mantendo meus olhos nele, falo no microfone em seguida:

— Aliás... eu estou cogitando a ideia de sair com o Sebastian. E, sim, ele me obrigou a dizer isso porque perdi uma corrida, além de tentar me convencer de que eu na verdade estou interessado em garotos.

As risadas dos meus amigos invadem meus headfones. Eu consigo ouvir a risada de Sebastian com um som Dolby Surround, tanto dentro como fora.

— E você é? — Thomas pergunta descontraidamente com um tom sem julgamento que me agrada.

— O quê, gay?

— Sim.

— Não tenho tanta certeza em relação a isso — digo de forma sarcástico que claramente significa: Não.

— Não importa — Sebastian diz, entrando na conversa, seu foco no jogo agora que começamos. Seu tom é irônico e doce quando ele diz — Eu ajudo ele a descobrir.

Carol ri no microfone. Prefiro não saber que tipo de imagens ele acabou de pintar na mente dela com esse comentário.

Nós saímos juntos para uma caça a zumbis e explodimos um de seus acampamentos. Mas outros destes filhos da puta comedores de cérebros nos emboscam e, de repente, estamos todos encurralados na floresta perto do

forte. Droga, nós precisamos do Léo e do George. Parece que não vamos sair dessa com vida.

— Islândia, temos um problema — Sebastian interrompe, me fazendo rir.

Mas então o telefone dele toca e, após puxar rapidamente para conferir quem está ligando, ele tira o *headset*.

— Desculpa, galera, preciso atender. — Ele coloca a chamada no altofalante entre nós para manter as mãos livres para jogar. — Oi, Cláudia, e aí?

Na tela há a foto de uma mulher em seus trinta e poucos anos, com cabelos pretos e os mesmos olhos que os dele. Ela segura uma garotinha no colo. As duas riem, a menina por trás de uma chupeta na boca.

— Oi, Bast. Você tem um tempinho? A Michele ficou falando de você o dia todo. Duvido conseguir fazer ela dormir se você não disser boa noite a ela.

Claro. Passa para ela. Ele espera um segundo, concentrado na tela, ainda tentando nos tirar da emboscada dos zumbis, então continua — Ei, garotinha. Como você está?

Instantaneamente, um “*Maaa*” carregado de surpresa e alegria por trás do som de uma chupeta sai do celular. Isso levanta os cantos dos meus lábios.

— Você não quer dormir?

— Bast... vem?

— Esta noite não, lindinha, mas em breve. Prometo. — Enquanto ele fala com um amor evidente com a garotinha, ele aceita que nós acabamos de perder a batalha que rola na tela. O idiota deixa o avatar dele ficar de joelhos e se aproximar do meu até a cara dele ficar na virilha do meu avatar. Carol e Tom caem na gargalhada, e só eu posso ouvir porque Sebastian não está com os fones.

Imóvel com a minha cotovelada nos bíceps dele, ele apenas sorri e continua a falar com a garota.

— Você vai cantar de novo comigo quando for aí?

— Bia, bia, iste linha... — As palavras incompreensíveis vêm da garota, mas a melodia em sua voz deixa claro que ela está na verdade cantando *Brilha Brilha Estrelinha* para Sebastian.

— Não, essa música não. — Ele ri. — Você sabe qual.

Não sei onde me concentrar: no jogo ou em Sebastian, que está tendo uma conversa adorável com alguém que acredito ser sua sobrinha. Aquela

que ele me disse que queria capturar um unicórnio para presentear. Como já estamos mortos mesmo, decido focar em Sebastian.

— Nós vamos cantar nossa música maneira juntos quando eu for visitar vocês, ok?

— Vem agola? — pergunta, a saudade aparente nas duas palavras. Ele deve ser um ótimo tio para ela, se ela o ama tanto

— Não, agora não. Tenho que trabalhar este fim de semana, lindinha. Mas em breve.

— Bast... onde? — A voz dela está ficando mais fraca e, em seguida, a risada da mãe ecoa.

— Ah não. Agora ela está te procurando na porta agora — lamenta Cláudia, obviamente fascinada.

— Nããããããão... — Sebastian contorce o rosto com um sorriso dividido. — Bota ela de novo no telefone. Não ganhei o meu beijo ainda!

— Sério, Rafael — Carol murmura de repente no meu ouvido. — Se você ainda não se decidiu sobre essa coisa de ser gay ainda, você definitivamente deveria tentar com esse cara. Ele é a-do-rá-vel.

É, eu consigo entender a razão de ela estar dizendo isso. Na verdade, meu coração também está derretendo. Só estou feliz que Sebastian não ouviu o que ela disse, ele com certeza não me deixaria esquecer isso.

Ouve-se uma agitação na ligação enquanto Cláudia aparentemente corre atrás da criança, e então, pede para ela mandar um beijo para seu Tio Bast. Um som bem alto de um beijo molhado ecoa e quase me faz suspirar junto com Carol. Sebastian joga outro para ela, então Cláudia volta a falar.

— Não faça ela esperar muito. Ela sente muito a sua falta.

— Também sinto falta dela. De vocês duas. — Sebastian pega o telefone e tira do alto-falante, segurando o aparelho contra a orelha. — Te ligo amanhã do trabalho assim que souber quando vou ter minha próxima folga... Dá um abraço na bebê... Está bem, tchau. — Ele abaixa o celular, aperta o botão vermelho de desligar e enfia de novo no bolso. Então põe de volta o *headset* e se desculpa pela interrupção.

Carol não hesita sequer um segundo e dispara:

— Bast! Posso ter um bebê com você?

Tom e eu caímos na gargalhada, enquanto Sebastian ronrona lascivamente no microfone. Eles flertam descaradamente por um minuto, mas então eu interrompo com um sorriso.

— É melhor parar com isso antes que o jogo se transforme num linha direta de namoro.

— *Ciúmes?* — Sebastian sussurra para mim com um fogo provocante nos olhos.

Eu apenas faço com os lábios a palavra “*Nããã*”. Então me despeço dos outros e desligo o PS4.

Só agora eu percebo como a hora voou. Já são mais de nove horas. Sebastian está aqui há quase três horas. O sol já se pôs e sem nenhuma luz acesa no apartamento, está bem escuro aqui.

Nós colocamos os *headsets* e os controles de volta na prateleira debaixo do tampo de vidro da mesa de centro e eu considero me levantar e acender a luminária de leitura do outro lado do sofá. O problema é que acho extremamente difícil me mover quando Sebastian me encara de uma maneira que faz minha pele queimar. Todo silencioso e intenso.

Depois do que parece ter sido um momento interminável, ele me pergunta bem baixo:

— Posso fazer mais um pedido?

— Outro desafio? — retruco.

— Mais ou menos. — Ele inclina a cabeça só um pouco. — Mas desta vez, você pode dizer não. Não vou te importunar com isso.

Eu engulo com dificuldade.

— O que você quer?

E ele diz...

— Me toca.

# CAPÍTULO 11

*Rafael*

— Onde?

A palavra sai dos meus lábios como um sussurro praticamente inaudível. Sebastian e eu estamos sentados sob uma meia-luz na minha sala de estar e, de repente, me pego ciente de seu aroma de almíscar e pele bronzeada. A apenas alguns centímetros de mim, suas longas pernas estão esticadas no espaço entre o sofá e a mesa de centro, e enquanto sua mão esquerda descansa em sua barriga, o outro braço se apoia na almofada próxima ao seu quadril.

Ele quer que eu o toque. E, pela primeira vez, dentro de mim há uma necessidade enorme de expandir os meus limites e só deixar rolar.

— Onde você quiser — responde ele. Sua voz soa como uma sequência de afagos ao meu redor nesta quase escuridão onde me encontro. — Está tudo bem se você quiser só tocar o meu cabelo.

Automaticamente, meus olhos se voltam para a testa dele onde pequenas mechas daquele emaranhado tocam suas sobrancelhas. Sou tomado por uma estranha curiosidade. Qual será a sensação? Macio? Denso? Se eu me aproximar agora, será que também vou sentir o aroma de dias quentes de verão? Meu coração acelera no peito porque tenho muito medo de descobrir.

Ponho meus pés no assento e giro um pouco na direção dele. Seus olhos castanhos ostentam o último feixe de luz do dia e seus lábios carnudos relaxam esboçando um quase sorriso. A barba por fazer acentua os traços do seu rosto, tão escura quanto seu cabelo, dando um ar sinistro a ele.

Nunca deixo minha barba crescer, pois ela aparece em lugares esparsos e é tão fina que ia parecer uma penugem crescendo por cima da minha pele.

Sempre faço a barba ao menor sinal de pelos, deixando tudo lisinho a cada três ou quatro dias.

Meus dedos coçam para tocar o bigode preto de Sebastian, mas seu rosto é um território muito perigoso para começar no meu primeiro toque. Os dois primeiros botões da camisa preta dele estão abertos, revelando a continuação das tatuagens maori que vão desde seu pulso direito e cobrem seu ombro e seu peitoral. Seu braço esquerdo é liso. Há apenas um simples e encantador bracelete preto de couro onde a maioria das pessoas usaria um relógio. Mas não ele. Seu relógio está preso ao pulso direito, parecendo fazer parte da tatuagem que acaba bem perto de sua mão.

Concentrado em minha respiração, estendo a mão e então deixo meus dedos pairarem pelas muitas linhas pretas em seu antebraço. Elas estão entre nós como uma perigosa serpente de tentações que eu não tenho permissão para explorar. Meu olhar se volta para ele para uma última checada. Seu foco está na minha mão, mas num piscar de olhos, seus olhos encontram os meus, e eu engulo com dificuldade. Por um breve momento, os cantos da boca dele se transformam num sorriso encorajador antes de voltarem ao seu estado relaxado.

Lentamente, abaixo minha mão e começo a traçar uma das tatuagens maori. Ela faz um padrão de ziguezague por sua pele. Pressiono meu dedo contra a linha no meio do interior de seu antebraço, sentindo o calor de sua carne. Meu coração dispara. Onde a tatuagem termina, começa uma nova que parece uma fileira de diamantes justapostos. Seguir os contornos deles me dá tempo de subir cautelosamente até o começo da manga da camisa dobrada. É como se fosse uma barreira que me impede de continuar minha exploração. Mordo o interior da minha bochecha.

Como se sentisse que preciso de uma trilha para seguir, com calma, Sebastian dobra um pouco mais as mangas, até os bíceps. Minha garganta fica um pouco seca. Há uma trilha de espirais quadrados lá que eu percorro, um por um. Seu braço é forte, exibindo o poder que escorre de cada centímetro dele. Demora uma eternidade para eu subir até ser parado pelo tecido preto novamente. Daqui, estou a apenas um salto até a pele tatuada de sua clavícula, que aparece por baixo da camisa.

— Por que você segue essas linhas? — pergunta ele com uma voz rouca e baixa.

Um momento se passa enquanto penso.

— Elas me acalmam.

— A maioria acha que elas são irritantes. Muito caos num lugar só.  
Focando em seus olhos de novo, mantenho meus dedos imóveis.

— Não. Há uma ordem nesse caos. — Minha respiração está curta, porém lenta.

Seu olhar calmo diz que posso continuar, e há uma promessa nele, também. A promessa de que ele não vai me obrigar a dizer a ninguém que toquei nele e que eu talvez goste muito mais do que queira admitir.

Relutante, levanto minha mão e coloco a ponta do meu dedo indicador na curva externa das tatuagens em seu peitoral. Há um pouco de tinta para traçar no espaço dos dois botões abertos. Enquanto corro meus dedos por toda a parte ao redor da gola de sua camisa, o silêncio no ambiente chama a minha atenção. Meu Deus! O que eu estou fazendo?

Sebastian me observa o tempo todo. Sinto seu olhar no meu rosto enquanto me concentro nas tatuagens maori. Posso jurar que ele consegue adivinhar o que vou fazer antes mesmo que eu o faça, porque ele coloca sua mão sobre a minha no momento em que penso em afastá-la dele.

Uma onda de eletricidade percorre o meu corpo e eu prendo a respiração. A palma de sua mão é um pouco calejada, mas sua aperto é gentil. Merda, minha garganta seca. Deixo-o manejar meus dedos e então sinto como ele desabotoa o terceiro botão de sua camisa com as nossas mãos, nossos dedos quase entrelaçados agora. Após soltar o próximo botão, ele deixa minha mão na tatuagem que cobre somente parte do seu peitoral, terminando perto da curva do seu abdome. Ele abre o restante dos botões e então o tecido fino e preto de sua camisa desliza pelas laterais do seu tronco, revelando uma barriga dura e chapada.

Sua pele macia é divina lá — e sem sinal de tatuagem. Meus dedos param quando estou prestes a deixar as tatuagens. Não posso continuar. Simplesmente não posso.

Quando Sebastian de repente se inclina para frente, eu puxo minha mão. Esticando o braço, ele pega a caneta azul em cima do meu caderno em cima da mesa e então volta à posição meio deitada em que estava antes. Com um olhar determinado em direção ao próprio corpo, ele começa a desenhar uma linha em ziguezague em sua pele, bem abaixo do esterno.

Imediatamente, minha testa franze.

— O que você está fazendo?

Sebastian sorri, mas não olha para mim.

— Desenhando um mapa para você seguir.

Que porra é essa?

Levo minhas mãos ao rosto, rindo em minhas palmas enquanto observo o teto através do espaço entre meus dedos. Então eu as desço e levanto, mas Sebastian agarra rapidamente meu pulso e me puxa de volta para o sofá. Olho para ele e sento rigidamente enquanto ele mantém minha mão na dele.

— Não foge — ele implora baixinho, inclinando a cabeça, suas sobrelanceiras ligeiramente levantadas.

— Eu não ia. Só queria... — *Levantar e correr para a cozinha onde posso sentar na geladeira e esfriar meu corpo. Rapidamente.* Ok, talvez isso soe um pouco como uma fuga, mas eu realmente não sei o que estou fazendo aqui. Merda, Sebastian é um garoto. *Um. Homem!* E dos mais lindo, também. Quando penso em tocá-lo novamente, ondas estranhas de adrenalina correm pelas minhas veias tão rapidamente que parece que se eu não conseguir lidar com isso por muito tempo vou ter que me nocautear batendo a cabeça contra a parede.

— Às vezes, quando você fica assim — Sebastian começa e sorri para mim, — eu adoraria saber no que você está pensando.

Eu pisco para me libertar dos meus pensamentos limitantes e me deixo levar pelo olhar dele.

— Geladeira. Paredes. Perda de consciência... — murmuro e então suspiro, fechando os olhos.

A risada dele é algo que eu poderia me acostumar em momentos de silêncio como este. Soa reconfortante. E boa.

O sofá de couro range quando Sebastian se senta. De repente, a mão dele envolve a lateral do meu pescoço e minha bochecha. Minhas pálpebras abrem um pouco, meu olhar fixo no buraco da sua calça jeans.

Ele se inclina para frente, perto do meu ouvido, e sua boca encosta na minha pele quando ele sussurra com sua voz rouca:

— Chega de toques por hoje. — Ele se levanta do sofá e arqueia brevemente as sobrelanceiras uma vez enquanto encolhe os ombros em sua camisa. Seus lábios comprimem quando me vê encarando-o. — Se cuida, Rafa. — Ele se vira e vai em direção à porta, fechando-a sem fazer barulho.

Encaro a maçaneta de prata por um tempo até deixar escapar um gemido. Fechando bem os olhos, me apoio de lado no encosto do sofá. Puta que pariu!

Isso está saindo completamente do controle. Homens no meu apartamento. Me seduzindo. Bem, um... mas ele tem um sorriso que me

quebra totalmente. Toda vez. E não há nada que eu possa fazer para tudo voltar ao normal de novo. Para me colocar (e principalmente, os meus sentimentos) de volta à estaca zero. Onde isso tudo vai dar? Eu pensando em beijar um cara? Eu *desejando* isso?

Meus parabéns, então. Já estamos aqui.

Grunhindo de frustração, passo as mãos pelos cabelos e então vou lá para cima para um banho. Um banho demorado. De água fria. Meu corpo congela, mas isso não ajuda a me livrar destes malditos pensamentos me atormentando. Meu Deus, estou tão condenado.

De volta à cozinha trinta minutos depois, preparo um sanduíche e vou ficar na frente da TV. Distração. É isso. Tudo que eu preciso é uma distração. Eu poderia jogar um pouco de *Fortnite*. Mas daí a Carol só iria insistir no assunto do Sebastian e isso não seria de muita ajuda. Ao invés disso, pego o controle remoto e fico zapeando pelos canais. Há qualquer coisa sobre a Parada do Orgulho Gay no jornal de novo e eu realmente não estou disposto para *isso* agora. Encontro um thriller que já vi umas três ou quatro vezes, mas é bom o suficiente para me manter ocupado.

Até meu celular vibrar na mesa de centro.

Por minutos a fio, fico olhando a luz azul piscando em intervalos demorados. O tempo todo parece que meu coração vai sair pela boca. E se for uma mensagem do Sebastian?

Mas, se eu for completamente honesto, não é isso que me deixa nervoso de repente. E sim a chance de que talvez não seja ele. E aí...? Eu ficaria desapontado? Apertando meus lábios, fecho os olhos e suspiro, porque...

Acho que eu ficaria.

Após respirar fundo algumas vezes, finalmente me inclino para pegar meu telefone. O sorriso que se segue me faz morder o lábio com o desejo de me destruir. Que loucura do caralho. E ainda assim... de uma maneira perigosa e de dar medo, é bom.

Eu leio a mensagem de Sebastian algumas vezes e então deixo meus polegares se moverem pelo teclado, digitando uma resposta.

**Sebastian**

*Ainda está vivo ou pulou do telhado depois que fui embora?*

**Eu**

*Continuo vivo.*

**Sebastian**

*Mas o pensamento surgiu...*

Eu lambo meus lábios e rio.

**Eu**

*Ah sim, com certeza. Para falar a verdade, continua passando pela minha mente de vez em quando.*

**Sebastian**

*:-)*

**Eu**

*Você acha isso engraçado?*

**Sebastian**

*Não. Acho incrivelmente sexy.*

Me afundando ainda mais no sofá, coloco a TV no mudo e endireito as pernas, apoiando os pés na beirada da mesa de centro, segurando o telefone contra as minhas coxas.

**Eu**

*Que você pode me fazer pular de telhados?*

**Sebastian**

*Que eu posso fazer você quebrar suas próprias regras. E ultrapassar seus limites.*

**Eu**

*Quais você acha que são os meus limites?*

Merda. Quais eu acho que são?

**Sebastian**

*Neste momento? Acredito que um beijo seria bem difícil para você.*

Ok, chegou bem perto. Faço uma careta para a tela. Como ele me conhece tão bem? Ele parece me ler como uma revista de carros — com muitas fotos sexualmente explícitas. Inspiro profundamente e arrasto meu lábio inferior entre os dentes.

**Eu**

*Isso está fora de cogitação.*

**Sebastian**

*Por enquanto. ^^ Mas tudo bem. A gente vai devagar.*

**Eu**

*Devagar? Você me fez assistir você comer minha amiga.*

Deus, tantas memórias daquele dia inundam a minha mente que tenho que apertar bem os olhos e gritar... porque tem um volume crescendo na minha calça. Segurando meu telefone um pouco mais alto, eu olho para ele. Vai embora! Não preciso de você agora! Talvez eu deva tomar outro banho. Num barril cheio de gelo.

**Sebastian**

*Eu teria preferido muito mais você por baixo do que ela.*

Eu não gosto dessa visão. Mas gosto que ele pense nisso. *Eca!* Alguém me mata, por favor! Agora!

**Eu**

*Você acha que há alguma possibilidade disso?*

**Sebastian**

*Tudo é possível, desde que você não banque o islandês comigo novamente.*

**Eu**

*Isso é muito difícil, sabe. Tudo em relação a isso. Eu mal sei o que estou fazendo no momento.*

**Sebastian**

*Suas mãos estão tremendo?*

Pergunta estranha. Olho desconfiado para as minhas mão. Então eu rio e digito, começando pelo emoji que cobre os olhos envergonhado.

**Eu**

*Um pouquinho...*

**Sebastian**

*Rafa?*

**Eu**

*Bast?*

**Sebastian**

*Você sairia comigo?*

Nem fodendo!

Meus olhos se arregalam como uma coruja. Soltando um suspiro, passo meus dedos pelos cabelos. Ele deve estar na segunda garrafa de uísque para sequer pensar que há a menor chance. Ou... *Deus!*

**Eu**

*Hmmm...*

**Sebastian**

*Sério, não precisa ter medo. Não é como se fosse um encontro romântico. Só ir em algum lugar, fazer algo juntos.*

Devo estar demorando muito a responder, porque ele interrompe o equilíbrio do papo e escreve outra mensagem.

**Sebastian**

*Mas nós podemos também ir ao cinema e assistir Carros se você quiser. :P*

É, ele pode enfiar esse emoji com a língua para fora bem na bunda dele. De qualquer fora, isso me faz pensar, e logo, respiro fundo através dos

dentes cerrados enquanto escrevo.

**Eu**

*Ir a qualquer lugar? Tipo... uma balada?*

**Sebastian**

*Parece um bom lugar para começar.*

**Eu**

*O semestre de verão na universidade acabou. Vai ter uma festinha para comemorar na The Knockout, no Soho amanhã.*

Haverá centenas de estudantes lá, principalmente desconhecidos. Eu vou com Tânia e Félix. Eles certamente não se importarão se o Sebastian também ficar com a gente por um tempo.

**Sebastian**

*Boate maneira. A gente se encontra lá?*

Porra, o que eu realmente quero é voltar no tempo duas semanas e retomar a vida que vivi por vinte e três anos. Mas...

**Eu**

*Sim.*

E então escrevo outra mensagem bem rápido para mandar antes dele quando vejo a onda de pontinhos indicando que ele está digitando uma resposta.

**Eu**

*Mas não quer dizer que estaremos num encontro, vamos dar as mãos ou fazer qualquer merda juntos. Entendido? A gente se encontra lá, conversa e curtimos. Só isso.*

**Sebastian**

*Rsrtrs. Relaxa, floquinho de neve. Eu não vou te beijar.*

*Em público...*

Céus. Eu reviro os olhos e grito.

**Eu**  
*Boa noite, Bast.*

**Sebastian**

*Noite, Islândia*

**Sebastian**

*P.S. Adorei a sensação dos seus dedos na minha pele hoje.*

Deixo minha cabeça pender para trás, fecho os olhos e sinto uma onda de calor subir pelo meu pescoço.

## CAPÍTULO 12

*Rafael*

O dia passa voando e não importa o quanto eu tente me agarrar a cada hora, a noite chega rápido demais. Depois de um banho, escolho uma camisa polo branca do armário, onde Rosa colocou as roupas recém-lavadas essa tarde, e a visto. A bainha fica um pouco por cima do meu jeans azul desbotado. Em seguida, vou para o banheiro, passo a mão pelo caos na minha cabeça e, apoiando as mãos na pia de mármore, encaro meu reflexo no espelho.

Merda. Não estou pronto para isso.

Me endireitando, entrelaço os dedos na minha nuca, deixo a cabeça cair para trás e pisco para o teto.

Sei que disse ao Sebastian que isso não era a droga de um encontro ou coisa do tipo, só nós dois nos encontrando numa balada. Mas não sou burro. Sei quais são as intenções dele. Ele pode não ter tido a chance de me foder no quarto de jogos no começo dessa semana, mas isso não quer dizer que ele não sonhou com isso.

E eu... Na verdade, eu nem sei mais com o que estou sonhando. Só sei que, de repente, tem um monte de tatuagens maori nos meus sonhos.

Após desligar a luz do banheiro, eu desço e calço meu Adidas azul-escuro, pego as chaves do carro e saio. Tânia e eu queríamos chegar na boate pelas dez. Já se passaram quinze minutos. Ela vai me matar. Ou rir, porque eu *nunca* me atraso.

Dirijo pelos poucos quarteirões até o apartamento dela, estaciono no meio-fio e deixo o motor ligado enquanto mando uma mensagem: *Pode descer, Cinderela. Vem pegar uma carona na carruagem do Príncipe Encantado.*

Dois minutos depois, a porta do carro se abre e Tânia se joga no banco do carona. Ela está fabulosa, vestindo um jeans apertado e uma camiseta

cinza simples e mais apertada ainda. Ela abre um sorriso largo.

— Oi, Cinderela. — Seu rabo de cavalo preto desliza sobre um de seus ombro enquanto ela acaricia de maneira provocativa o painel e diminui o tom de voz falando carinhosamente:

— Oi, príncipe.

— Ha! Ha! — Enquanto ela coloca o cinto, eu aperto o interior de sua coxa e a belisco até ela soltar um gemido e afastar meu braço. Voltando minha mão para o câmbio, eu checo o retrovisor lateral e então volto com o Corvette para a estrada. A The Knockout não é muito longe, apenas alguns minutos daqui.

— Você está atrasado — dispara Tânia, mas sua economia de palavras possui um tom de questionamento e dizem muito.

— Sim. — Não quero falar mais nada a respeito. É humilhante.

Mas, obviamente, ela não deixa passar, não importa o quão forte me concentre nas luzes traseiras do ônibus de dois andares na nossa frente.

— Você nunca se atrasa.

— Bem, hoje me atrasei.

— Por quê?

— Cacete, Tânia! Dá para esquecer esse assunto, por favor? — Evito olhar para ela, mesmo que eu sinta sua olhada curiosa perfurando meu crânio. Além disso, ela já sabe a resposta. Ela não me deixou sair do telefone por mais de uma hora essa manhã, quando ficou sabendo que Sebastian poderia ir à nossa comemoração de fim de ano. Não até espremer de mim cada detalhe sobre o meu tempo com ele no sofá.

— Não seja tão negativo — diz, me repreendendo, e volta a olhar para a frente, por dois segundos e meio. Então seu olhar se volta para mim novamente e um sorriso abrilhanta sua voz:

— É fofo que você tenha demorado tanto se arrumando para encontrar o Sebastian. Ele vai gostar também. Você está um *gato*! Já te disse milhões de vezes, você deveria usar camisas polo com mais frequência.

— Não demorei porque queria ficar bonito para ele — resmungo, lançando um olhar raivoso de lado que geralmente promete algum castigo mais tarde. — Estava procurando um jeito de escapar.

— Sei. Isso é o que você diz, mas aposto que seu coração dá cambalhotas quando pensa nele.

Fechando minha boca, dou uma olhada rápida nela e então olho para a frente de novo porque ela acertou em cheio.

Porra! Minha vida está uma zona ultimamente.

Félix ainda não sabe sobre o nosso convidado extra. Me questiono se consigo convencê-lo de que a presença de Sebastian é uma total coincidência. Provavelmente não.

Quando entro na rua da boate, desacelerando e procurando por uma vaga para estacionar, Tânia de repente toca meu braço. Isso quase me faz pular. Não sei por que, talvez porque ela nunca faz isso quando estou dirigindo. Ou talvez porque eu esteja muito nervoso esta noite.

Seu olhar intenso promete que qualquer coisa que ela está pensando em dizer em seguida não requer uma resposta. Então, fico quieto enquanto ela fala.

— Estou feliz que isso esteja finalmente às claras, Rafa. Essa coisa especial dentro de você. Pelo menos agora, eu sei que isso nunca foi sobre mim. — Ela encolhe os ombros, e seu sorriso é honesto e caloroso. — Você só não curte garotas como gostaria, só isso.

Cerrando os dentes, eu continuo procurando um lugar para estacionar e então entro de ré numa vaga na esquina. Desligo o motor e Tânia abre o cinto de segurança, pronta para sair do carro. Eu também o faço, mas então seguro no volante e encosto minha bochecha nas mãos por um segundo.

— Tânia?

Ela se vira, os dedos ainda na maçaneta. Eles se soltam e a mão dela cai sobre seu colo, então seus olhos encontram os meus. Sei o quão perdido eu devo parecer. Respiro fundo e fecho os olhos.

— Como é possível que eu não tenha reparado por mais de vinte anos que eu sinto atração por garotos?

Ela leva bastante tempo considerando suas palavras, olhando repetidamente para a janela atrás de mim.

— Talvez seja porque você nunca deu espaço para isso crescer dentro de você com todo o controle que mantém sobre si mesmo. — Ela então acaricia com firmeza minha cabeça duas vezes, alisando meu cabelo antes que voltasse ao lugar novamente. Seu sorriso passa de suave a provocador. — E talvez você tenha se agarrado a esse controle por tanto tempo porque isso lhe permitiu ignorar a verdade.

Absorvo as palavras dela e permaneço sentado com uma gravidade que faz meu estômago embrulhar. Meu olhar passa dela para o canto da rua onde o nome da boate pisca numa luz neon azul e rosa. Sebastian já deve estar aqui. Deixo escapar um suspiro longo e profundo, secando a garganta.

— Eu não quero entrar aí — sussurro.

Tânia brinca um pouco mais com meu cabelo e então acaricia meu pescoço.

— Eu sei... — Ela pega sua bolsa de mão e sorri. — Mas também sei de outra coisa.

— O quê?

— Que a verdade é que você está *morrendo* de vontade de entrar lá para vê-lo novamente.

Lentamente, o canto direito da minha boca sobe um pouquinho. É, acho que estou.

Feliz com minha resposta silenciosa, Tânia sai do carro e espera por mim na calçada. Viramos a esquina para a entrada da boate, e enquanto seguro a porta para ela, ela rodopia na minha frente, dá alguns passos para trás, e comemora:

— Ok, vamos ficar bêbados! Vamos dançar! Vamos festejar!

Meu sorriso é um pouco contido, diferente de Tânia, eu não tenho ideia do que me espera esta noite.

Alegre, ela me puxa pelo curto corredor para dentro da boate, desviando das pessoas no caminho. A música fica cada vez mais alta, mas ainda num volume que permite que as pessoas conversem sem gritar — se estiverem muito perto umas das outras. O lugar está submerso numa luz ultravioleta que ocasionalmente muda de azul para rosa. Há uma pista de dança no meio, cheia de pessoas mandando ver sob as luzes piscando. Tânia adora rebolar e provavelmente vai se juntar a eles daqui a meia hora. Ela vai me encher para ir com ela como sempre faz. Não sou um bom dançarino, nem tenho vontade de aprender. Mas muitos amigos da universidade estão aqui hoje à noite e ficarão felizes em me substituir. Talvez Tânia consiga fazer Félix dançar com ela pela primeira vez, embora eu duvide.

Nós o avistamos no bar logo em frente. Ele está bebendo com Nikki, Elliot e três pessoas que não conheço. Me dirigindo diretamente ao grupo, me forço a não deixar meu olhar escanear o lugar. Não há necessidade de encontrar o Sebastian nos primeiros dois minutos.

Tânia chega por trás de Félix e cobre seus olhos. Totalmente desnecessário para ele ter que adivinhar quando ela pergunta quem é, até porque ele conhece o toque da mão dela, o seu perfume e o som gentil de sua voz. Ele se vira, pegando-a pelos pulsos e a puxando para um abraço e um beijo na bochecha.

— Ei, vocês dois. Por que demoraram tanto? — Ele a solta e aperta minha mão em saudação. Nós pressionamos brevemente nossos ombros um contra o outro com os braços entre eles e então damos um tapinha nas costas do outro.

— Não conseguia achar minhas chaves — responde Tânia, me salvando do constrangimento de ter que contar ao meu amigo que eu estava simplesmente nervoso e protelando. — O que vocês estão bebendo? — Ela pega no bar o copo dele com uma bebida azulada, cheira e então toma um gole. Provavelmente tentando mudar de assunto.

Félix a deixa com a bebida dele e pede outras. Um rum com Coca-Cola desta vez. A segunda bebida é apenas Coca com uma rodela de limão para mim. Ele conhece meus hábitos alcoólicos: não tenho nenhum.

— Saúde — diz ele quando todos nós brindamos. — Um brinde aos três meses que vocês dois vão passar fazendo nada e ao meu trabalho na oficina que só vai aumentar durante o verão.

Eu sorrio e tomo um gole. Ele ama o trabalho dele e sempre reclama que as férias são muito longas

— A propósito — continua ele, colocando o copo no bar, ainda com os dedos em volta dele e o braço no balcão. — Sebastian também está aqui. Encontrei com ele nos fundos há alguns minutos.

A aceleração instantânea do meu coração é irritante para cacete. Assim como o sorrisinho de Félix. Não sei se dei muito na cara, mas ele é bom o suficiente em me ler. Anos e anos de prática. Senhor, odeio estar preso neste corpo no momento. Traidor safado.

A boate é grande, mas não é enorme. Se você estiver procurando por alguém, basta dar uma volta no lugar e você provavelmente encontrará em menos de cinco minutos. Eu não quero. Ao invés disso, agarro meu copo com força e foco nos meus amigos, tentando acompanhar a conversa deles — por um total de vinte segundos. Então meus olhos começam a olhar rapidamente para os lados como se tivessem vida própria.

*Estou bem. Estou relaxado. Não dou a mínima*, digo a mim mesmo. Até que o meu olhar fica preso num cara a cerca de uns seis metros de distância, que está com um boné preto da Nike virado para trás na cabeça. Meu coração dá a primeira cambalhota da noite, pulando direto para minha garganta.

Sebastian conversa com uma mulher de salto alto e um minivestido vermelho. Dois caras vestindo jeans e camisetas de banda estão ao lado

dela, um está tão perto que tenho certeza de que ele consegue sentir o cheiro da pasta de dente dela enquanto ela sorri para Sebastian. O outro mantém uma certa distância dela, mas provavelmente porque ele parece mais interessado no que os caras têm a dizer do que ela.

Sebastian ainda não me notou, o que é bom porque eu realmente preciso de um tempo para me recompor. Fiel ao seu código de vestimenta, ele veio com uma camiseta cinza-escura com uma camisa preta de abotoar por cima, aberta. Uma mão está no bolso do jeans, um pouco mais escuro do que ele costuma usar, e pela primeira vez sem buraco algum. Ele segura uma garrafa de cerveja na outra mão. Por baixo das mangas curtas, consigo ver as tatuagens se espalhando até seu braço direito. Elas adicionam uma camada extra de calor à minha pele que já está pegando fogo, me lembrando das horas intensas no meu apartamento na noite passada.

— Vai lá falar com ele — sibila Tânia ao meu lado, tirando a Coca da minha mão.

Imediatamente, me certifico de que nenhum dos nossos amigos ouviu isso, mas eles estão ocupados com Félix. Estamos a salvo. Então, eu disparo uma resposta curta:

— Não posso.

— Por que não?

— Porque sim... — Exatamente. Essa é a minha resposta. Completamente fora da mim, fico de frente para onde Sebastian está. Na hora, quero bater minha cabeça no bar porque ele está muito bonito hoje. E merda, não acredito que acabei de notar isso.

Levando a garrafa até a boca enquanto o mais baixo dos caras fala, ele pisca lentamente. Quando seus olhos abrem novamente com o próximo flash da luz da boate, eles estão fixados em mim.

Eu congelo.

Engulo com dificuldade.

Não consigo desviar o olhar.

Tarde demais para permanecer despercebido. Ele sabe exatamente onde estou, provavelmente me avistou desde o momento em que eu entrei no lugar.

Ele toma um gole demorado de cerveja, então suas bochechas ficam cheias antes dele engolir e abaixar a garrafa. Seu olhar ainda está cravado em mim. Puta que pariu. Meu corpo está petrificado.

Só quando ele volta a atenção para seus amigos, eu acho força para me virar. Tânia é minha âncora. Minha boia em meio à tempestade. Aquela em que eu foco meus olhos apavorados para evitar de entrar em pânico e ir embora da boate. Gotas de suor frio brotam na minha nuca.

— Meus Deus, Rafa! Você é tão infantil! — diz ela rindo.

— Cala a boca — digo grosseiramente. — Não tem a menor graça. Eu sinto... — Merda, nem tenho uma palavra para o que estou sentindo.

— Como um adolescente apaixonado por alguém pela primeira vez? — provoca ela.

— Eu não saberia. — Parece certo.

— Porque você nunca se apaixonou antes.

Eu estreito meus olhos para ela e adiciono uma camada de reprovação ao meu tom:

— Você pode, por favor, parar com isso? Ou pelo menos não falar tão alto. — Depois de me fazer claro, rapidamente olho para os outros ao nosso redor, mas ela continua a rir e dá um tapinha na minha bochecha.

— Você é tão fofo. Nunca imaginei que veria você tão animado, querido.

— Quer saber? Perdi a vontade de festejar. — Bebo o resto da minha Coca e coloco o copo de volta no balcão. — Estou indo para casa.

— Para fugir do Sebastian?

— Sim.

Suas sobrelhas perfeitamente delineadas se juntam.

— Então é melhor você se apressar.

— Por quê?

Um corpo encosta levemente no lado direito das minhas costas. Fico todo arrepiado.

— Oi, Tânia. — As palavras dele vêm numa voz amigável próxima ao meu ouvido. Pelo tom, Sebastian ostenta um meio sorriso nos lábios, que Tânia reflete quando seus olhos sobem um pouco para encontrar o olhar dele atrás do meu ombro.

— Olá! Que bom que você veio — responde ela e então pega a bebida azul no balcão. — Vou deixar vocês dois a sós para poderem...

Instantaneamente, eu agarro o pulso dela e a puxo de volta para onde ela estava pelos últimos cinco minutos, interrompendo suas palavras com um aviso sinistro:

— Não *ouse*.

Ela sorri para Sebastian e me olha envergonhada.

— Ou talvez eu fique por aqui...

Sob o odor de fumaça e bebida que dominam o lugar, uma leve fragrância de gel de banho almiscarado sobe pelo meu nariz. Droga, é tão bizarro sentir o olhar dele perto do meu rosto quando estou completamente impossibilitado de mover um centímetro sequer em qualquer direção, quanto mais olhar para ele.

Com meu braço apoiado no bar, meus dedos apertam o copo vazio. Pelo menos tenho algo em que me agarrar, mesmo que seja algo quebrável no qual eu realmente deveria reduzir minha força.

Sebastian coloca sua cerveja no balcão, bem ao meu lado. Seus dedos encostam em meu cotovelo de maneira ligeiramente discreta enquanto envolvem a garrafa. Desta forma, seu braço está esticado atrás de mim e seu corpo permanece ao lado do meu.

— E aí, férias de verão agora, hein? — pergunta ele à Tânia. Dez segundos se passaram e eu ainda não dirigi uma palavra sequer a ele. — Vai viajar para algum lugar?

Enquanto ela diz a ele que provavelmente vai visitar os avós no País de Gales por uma ou duas semanas, tudo em que consigo me concentrar é no homem atrás de mim que parece transpirar domínio por todos os poros. Sua respiração quente acaricia meu pescoço enquanto seu peitoral sobe continuamente contra minhas costas. Até a música parece que abaixou para que eu possa ouvir o som de cada inspiração.

O movimento que meu peito faz enquanto respiro com dificuldade está duas vezes mais rápido que antes, mas minha respiração se acalma gradualmente, combinando com o ritmo dele. Só que o meu coração ainda está enlouquecendo. E minha língua gruda no seu da boca.

Ei, Rhyse! — Félix interrompe Tânia quando aparece de repente com as mãos nos ombros de Elliot, conduzindo o japonês até nós e na frente de Sebastian. — Esse é o Elliot Kimito. Ele faz parte da cena, organizando corridas e outras coisas.

Sebastian se afasta de mim, ficando todo profissional quando aperta a mão do estudante de programação magrelo.

— Elliot teve essa ótima ideia de organizar uma corrida especial — Félix continua. Seu olhar se volta brevemente para mim. Eu só franzo a testa.

— A multidão adorou a performance de vocês da última vez lá em Enfield — explica Elliot, os olhos arregalados de entusiasmo. — Nós achamos que uma corrida entre vocês dois teria um impacto gigante. Sem risco para vocês. As pessoas apostariam dinheiro no resultado. O que me dizem?

Sebastian está mais ao meu lado do que atrás de mim agora, e desta vez, quando ele vira a cabeça para mim, eu olho diretamente nos olhos dele. Meu sangue começa a ferver, mas me recuso a deixar qualquer emoção transparecer.

Eventualmente, ele dá de ombros, mantendo seu ar indiferente.

— Claro, por que não? — Então ele toma um gole da cerveja. Voltando minha cabeça para Elliot, dou um aceno curto.

— Fantástico! — Elliot digita o número de Sebastian em seu celular e adiciona ele ao grupo de corrida exclusivo que temos no WhatsApp. — Vamos programar para uma noite de sexta-feira. Provavelmente daqui a duas ou três semanas, mas nós avisaremos vocês em breve. Pode ser?

Nós dois concordamos e o assistimos retornar aos outros que estavam por perto. A intenção óbvia do Félix é segui-lo, mas Tânia tira o cavalinho dele da chuva e o obriga a ir para a pista de dança com ela. A bruxinha é tão rápida que eu não tenho chance de protestar desta vez.

De repente, me vejo sozinho com Sebastian no meio de um grupo de estranhos.

O pânico toma conta de mim mais uma vez e me viro para apoiar meus dois antebraços no bar, rodando o copo vazio entre meus dedos. Com tanta gente na boate, demora um pouco até os bartenders atenderem todos os pedidos de bebida. Isso me dá um tempo para decidir se vou pedir outra Coca ou uma Sprite ao invés.

— Você pretende falar comigo em algum momento esta noite?

Inclinando minha cabeça, olho para Sebastian ao meu lado e imediatamente reparo em suas sobranceiras arqueadas. Antes que ele diga mais alguma coisa, olho rapidamente pelo ombro para onde meus amigos estão. Ninguém está nos observando, mas mesmo que estivessem, nós só aparentamos estar conversando sobre a corrida iminente.

— Sobre o que você quer falar? — balbucio, mas me parece muito melhor fazer careta para o meu copo vazio ao invés de encarar Sebastian de novo.

— Não tenho ideia, Rafael, sério. Pelo menos um oi teria sido bom para começar.

Fecho meus olhos por um momento atormentador antes de criar coragem de virar para ele.

— Oi.

— Viu? Não foi tão difícil, foi? — Ele toma um gole da cerveja e põe a garrafa no balcão, sua expressão fica um pouco soturna. — E ninguém acha que a gente vai foder aqui no bar por causa disso.

Encaro o copo em minhas mãos.

— Não acham?

— Não, Rafa. Não, *porra!* — Segurando a garrafa com as duas mãos no bar, ele dá um passo para trás e então coloca as testas nos braços. — Homens falam uns com os outros em todo lugar, todo dia. Isso não significa automaticamente que eles estão num relacionamento.

A última palavra faz meu estômago revirar.

— Eu não quero estar num relacionamento. — Com você.

— Não estou pedindo a você para estar — ralha ele, entre os antebraços. Então endireita a postura e expira. — Tudo que quero agora é ficar aqui de boa com você.

Ontem, ficar com ele envolveu ter que dizer a pessoas que eu poderia gostar de garotos e depois passar minha mão pelo corpo de Sebastian. Como eu posso lidar com isso? Limpo o vapor da água condensado no copo de vidro com meus polegares e me concentro na fatia de limão que se afoga no gelo derretido dentro dele.

— Acho que não sou a pessoa certa, mesmo que seja só para isso.

— Você pode olhar nos meus olhos enquanto diz isso? — exige ele, não muito feliz.

Eu engulo com dificuldade. Demoro um tempo para levantar a cabeça. Seu olhar em mim é tão intenso que minha garganta se fecha e minha voz fica rouca.

— Tudo está indo rápido demais para mim. Não quero ser assim.

— Assim como? — rebate ele. — Bissexual?

Meu Deus, ele não deveria usar essa palavra comigo. Fecho meus olhos bem apertado.

— Não é o que... eu sou. — Quando chegamos aqui, achei que conseguiria lidar com isso. Com ele. Comigo. Com essa atração descomunal. Mas a verdade é que eu não consigo.

Sebastian espera por um longo momento. E apenas quando o silêncio fica insuportável e eu olho para cima, ele diz num tom aflito:

— Você sinceramente quer me dizer que caras não te interessam mais do que garotas? — Ele enfia uma mão no bolso da calça jeans e quase quebra a garrafa com a outra. — Que você não gostou da noite de ontem comigo? Não senti nada quando sentamos no sofá e você ficou me tirando de canto de olho? — A expressão dele fica ainda mais sinistra quando ele se aproxima e diminui totalmente o tom de voz. — Enquanto você me tocava.

É claro que senti alguma coisa. Na verdade, nunca me senti tão consciente de mim mesmo antes.

Mas todos esses sentimentos eram errados. Nada de bom pode sair disso. Parecia tão fácil quando conversei sobre isso com a Tânia lá fora no carro. Sentado aqui agora, sendo confrontado pelo homem que é o motivo das minhas noites sem dormir, é mais do que consigo aguentar no momento.

— Eu não sou gay. Ou bissexual. Ou qualquer coisa — murmuro, evitando seu olhar mais uma vez. — Não posso dar o que você quer, então talvez seja melhor você desistir dessa ideia e ir encontrar outra pessoa para você ficar.

Um momento se passa.

— Encontra outra pessoa... — repete, e não sei dizer se seu tom é de incredulidade ou se ele está apenas medindo as palavras. Provavelmente um pouco dos dois.

Dou um breve aceno e odeio a sensação na minha garganta. Que porra está acontecendo comigo? Se ele não sair agora e as coisas não voltarem a ser como eram antes de conhecê-lo, eu vou explodir.

Sebastian suspira e, de soslaio, vejo que ele pressiona os lábios, claramente ponderando. Por fim, ele bate no balcão do bar como se tivesse tomado uma decisão.

— Sabe de uma coisa? Você está certo — declara ele categoricamente. — Obviamente você não está preparado para isso. Por que eu deveria perder mais tempo com você?

Uau. Uma flechada direto no meu coração. Minha cabeça se levanta rapidamente, contra a minha vontade.

— A noite é uma criança e eu odeio dormir sozinho nos fins de semana. — Seu sorriso debochado e ao mesmo tempo frio adiciona uma ponta flamejante à lança em meu peito. — Se cuida, Rafa.

E então ele se afasta.

Deprimido, magoado e confuso para caralho, deixo minha cabeça pender para frente, ignorando a mulher do outro lado do bar que finalmente arranhou tempo para anotar meu pedido. Quando ela vai para o próximo cliente e prepara um drink, alguém ocupa o assento à minha esquerda.

— Você parece estar péssimo — diz Tânia, colocando a mão no meu braço. — A conversa não foi tão boa então, hein?

— Na verdade, foi fantástica — resmungo. — Ele finalmente entendeu que eu não quero nada com ele.

— Você disse isso a ele?

Faço que sim.

— Por que você mentiu para ele?

Que papo furado. Eu me afasto do bar.

— Volto já. — Sem esperar um segundo sequer, atravesso a pista me desviando da multidão e pego o corredor estreito até os banheiros. Enquanto há uma fila interminável em frente ao banheiro das mulheres, o espaço em frente ao dos homens está deserto. Uma garota corajosa com cabelo rosa e um moletom preto sai quando entro no banheiro. Ela me dá um breve sorriso, o qual me força a retribuir enquanto seguro a porta aberta para ela.

Uma vez sozinho, apoio minhas mãos na borda da pia branca e simples e encaro meu reflexo no espelho. Eu não sou gay. Definitivamente não. Gays têm outra aparência. Eu aparento ser o mesmo que nos últimos dias, semanas e meses. Eu não gosto de garotos. Eu como garotas no meu quarto de jogos. Já beijei a Tânia milhões de vezes.

Putá que pariu. Eu apenas. Não sou. *Gay!*

Após jogar um pouco de água no rosto e me secar com algumas folhas de papel toalha, eu volto para a boate e me sento no banco ao lado de Tânia. Ela conversa com Félix e duas garotas que vi com ela durante o ano todo na faculdade, mas não sei os seus nomes. Algumas pessoas do meu curso de arquitetura também circulam pela balada, mas não tenho coragem de encontrá-las e comemorar no momento. Prefiro comemorar sozinho. Sebastian é passado. Eu sou hétero de novo. Vitória? Quem liga?

Quando a moça vestindo uma camiseta preta da boate me pergunta de novo o que eu quero beber, eu coloco as chaves do carro no balcão e peço uma garrafa de Eristoff Ice.

— Você está bem? — pergunta Tânia, suavemente, depois de se separar de suas amigas e ficar mais perto de mim. Seu olhar preocupado fita a

vodca, as chaves e, em seguida, meus olhos.

Ao invés de responder, levo a garrafa até os meus lábios e tomo um grande gole. Nada mal. Vamos ver quantas dessas eu consigo mandar para dentro até a boate fechar.

— Rafael, estou preocupada com você. Talvez a gente devesse encerrar a noite e ir para casa — ela diz do meu lado enquanto meus olhos estão cravados na prateleira abastecida de bebidas atrás do bar.

— Ou comer um hambúrguer em algum lugar, o que você acha? — sugere Félix, claramente não mais interessado nas amigas de Tânia.

Um hambúrguer cairia bem. Mais vodca me parece melhor.

— Você dois podem fazer o que vocês quiserem. — Eu lanço um olhar sério. — Estou bem. Parem de se preocupar.

— Você está bebendo — aponta Tânia, bem séria.

— E daí? — Dou de ombros. — Vocês dois bebem o tempo todo. E eu posso pegar um táxi até Mayfair. Não vou destruir meu carro esta noite.

— Não é com isso que estamos preocupados, cara — diz Félix. — Você não vai... — E então ele se interrompe porque dois caras se encostam no bar do meu outro lado, um deles usando na cabeça um boné preto da Nike virado para trás.

Em estado de choque sem o menor motivo, me viro, os olhos arregalados até demais. Sebastian está parado de costas para mim, perto o suficiente para que eu possa sentir o calor de seu corpo. Ele não diz uma palavra sequer, mas por cima de seu ombro, posso ver o brilho enamorado nos olhos de seu acompanhante mais jovem. Conheço ele. O cara de cachos castanhos e um moletom cinza é Noah Scott. Ele tem vinte e dois anos e estuda arquitetura comigo.

Sebastian pede uma cerveja e um Red Bull para eles, então brindam e riem enquanto conversam num clima de flerte, que claramente começou há poucos minutos.

— Acho que a gente deveria ir embora agora. — A voz grave de Tânia avança até mim através do baixo forte. Mas eu apenas balanço minha cabeça.

Mesmo que eu duvide que Sebastian saiba que Noah e eu somos colegas de classe, ele obviamente o trouxe para cá por um motivo. Eles poderiam ter achado qualquer outro lugar para flertar neste maldito clube. Mas ele escolheu o lugar bem do meu lado para demonstrar algo.

Bem, então ... Vá em frente.

Com meu cotovelo apoiado no bar, e meu olhar fixo nas prateleiras à frente novamente, deixo um líquido gelado entrar em minha boca, bochecho uma única vez e então engulo. Não preciso assistir ao show deles. Já é o suficiente que eu possa ouvi-los e sentir o corpo de Sebastian perto demais do meu.

O silêncio atencioso de Félix e Tânia do meu outro lado é tão irritante quando a porra dos pombinhos à minha direita.

— Ei, Rafa! — Noah deixa escapar do nada, empurrando Sebastian de lado e se inclinando no bar. — Não tinha certeza se você viria esta noite.

— Noah — murmuro indiferente como cumprimento, a boca colada na garrafa. Eu gosto dele. Ele é legal. Mas agora, preferiria que ele não falasse comigo. Nenhum dos dois.

Minha Fada Madrinha não ajuda os necessitados. Meu desejo é negado.

— Então... vocês se conhecem? — A voz intrigada de Sebastian contém um tom de deboche quando ele vira para mim. — Que maravilha. Vocês fazem alguma disciplina juntos na faculdade? — Pela minha visão periférica, vejo que ele coloca um braço em volta do pescoço de Noah e o puxa para perto. Meu peito se contrai um pouco.

— Matemática, modelagem 3D e desenho — responde Noah com uma risadinha. Acho que ele já bebeu bem mais que eu.

— É mesmo? — fala Sebastian, lentamente, e eu cometo o erro de me virar um pouco na direção deles, ignorando a mão de Tânia em meu braço. Sebastian puxa Noah para bem perto e roça o nariz em sua bochecha. — Então quer dizer que você vai ser um arquiteto também? — fala, gemendo lascivamente no ouvido de Noah.

Mordo o interior da minha bochecha até sentir gosto de sangue. Por que eles não vão ficar na porra de uma cabine privada em outro lugar?

— Rafael... — sussurra Tânia, quase implorando.

Fecho meus olhos brevemente e rosno baixo o suficiente para apenas ela me ouvir.

— Me deixa em paz. — Ela tira a mão de mim, trocando um olhar preocupado com Félix, mas ele é mais esperto e apenas balança a cabeça. Após um suspiro muito frustrado, ela pega um punhado de amendoins de uma das muitas cumbucas no bar e joga em sua boca.

Do meu outro lado, a boca de Sebastian ainda está pendurada na orelha de Noah, fazendo uma série de coisas — lambidas e mordidas. Noah fechou

os olhos e, encostado no bar, apenas aproveita o trato que recebe do cara por quem me sinto estranhamente atraído.

Minha garganta está seca como um deserto na Austrália. Tomo outro gole de vodca. Não ajuda em porra nenhuma.

Devido à distância que estão, eu consigo ver cada movimento deles, mesmo não querendo. É o mesmo caso com acidentes. Eles são horríveis de assistir, mas você não consegue tirar os olhos deles.

Quando Sebastian começa a fazer uma trilha de beijos da orelha de Noah até o canto da boca dele, tudo dentro de mim convulsiona. Desejo desesperadamente que esse sentimento passe. Queria poder apenas estourar a garrafa na parede e ir embora.

Ou que ele parasse.

Mas ele não para.

Noah levanta a mão e encosta no peitoral de Sebastian, parando ele um pouco enquanto murmura:

— Você acha que este é o lugar certo para fazer isso?

— A gente pode sair daqui se você quiser — responde Sebastian. Meu carro está estacionado aqui perto.

Acho que vou vomitar.

Noah adota um tom carente em sua voz.

— Tem espaço suficiente no carro?

— É um bom carro. Você vai gostar — fala Sebastian, de maneira arrastada, metendo a mão por baixo do moletom de Noah.

E só a porra de uma palavra vem em minha mente.

## CAPÍTULO 13

### *Sebastian*

Eu quero o Rafa. Mais do que já quis alguém ou qualquer coisa antes.

Nunca precisei lidar com garotos inexperientes. Todas as pessoas que cruzaram o meu caminho eram bem cientes de sua sexualidade e as celebrava. Nunca houve a necessidade de ser cauteloso ou de ir devagar. Com o Rafael, tudo é diferente.

O que ele fez ontem à noite — o toque tímido no sofá — foi a coisa mais doce que já vi ou experimentei. E fez meu coração bater de um jeito que não fazia há muito tempo. Eu estava pronto para dar cada passo com cautela para apresentá-lo a esse mundo novo. Ele poderia ter tomado o tempo que precisasse para aprender a lidar com a mudança gigante acontecendo dentro dele. Achei que poderia esperar.

Mas se ele se tranca sem ao menos nos dar uma chance, minha paciência chega ao fim. Ele quer que eu dê o fora e encontre outra pessoa? Beleza. Posso fazer isso. Vamos ver se ele gosta.

Levar o Noah até o bar para implicar com ele foi intencional. Escolher um dos colegas de classe de Rafael para fazer isso não foi. De qualquer forma, o cara parece ser legal, e é fácil de trabalhar. Não preciso flertar com ele por uma eternidade. Se eu quiser foder esta noite, ele vai topa.

Uma garrafa de vodca em frente ao Rafa chama minha atenção. Ainda não sei muito sobre ele, mas sei que ele não costuma beber álcool. A chave do carro dele está ao lado da garrafa no bar. Então ele quer ficar bêbado? Bem, talvez isso faça algum bem a ele para variar.

O olhar suplicante de Tânia atrás de Rafael é difícil de ignorar. O que ela quer de mim? O amigo dela vive num mundo cheio de regrinhas de merda que dizem que ele não deve se apaixonar por um homem. Aceito. Nunca mais vou tocar no Rafa. Antes que eu e o floquinho de neve sigamos

caminhos diferentes, ele precisa ver que dois homens podem se divertir de verdade sem instantaneamente entrarem em combustão nas chamas do inferno. Ninguém ao nosso redor está assistindo. E a maioria das que estão são garotas afetadas que claramente acham isso bastante atraente.

Rafael precisa aprender que os tempos mudaram desde a Idade da Pedra. E a mentalidade das pessoas também. Posso não ser aquele que irá fazer todas essas coisas maravilhosas para e com ele pela primeira vez, mas um dia alguém o será. E para seu próprio bem, eu realmente espero que ele se permita ser livre quando isso acontecer e que apenas aproveite.

A jugular de Rafael começa a pulsar quando coloco meu braço ao redor do pescoço de Noah. *Dói, não é?* Também não foi tão bom ser mandado para o inferno por ele antes.

Noah vai ser uma foda de frustração esta noite, mas com certeza uma das boas. Ele não faz nem o meu tipo, só foi o mais fácil de encontrar em alguns minutos. Se eu não estivesse ficando com ele, ele certamente teria caído nos braços de qualquer outro cara e achado diversão por aí. Gosto de sexo sem compromisso.

Mas eu teria gostado muito mais de tomar uns drinks com Rafael esta noite.

Rangendo os dentes, luto para ignorar o jeito tenso dele no banco ao nosso lado e ao invés disso me concentro em seduzir Noah. Quanto mais cedo a gente sair daqui, melhor. Embora eu possa ter que parar de respirar enquanto morder a orelha dele porque o cara usa uma marca de loção pós-barba que faz meu estômago enrijecer com repulsa. E ele colocou muito.

Esfrego meus lábios numa linha em direção a sua boca, pronto para sentir o primeiro gosto verdadeiro de sua boca. Ele está bebendo Red Bull. Não é algo que eu goste e vai, sem sombra de dúvida, estragar o sabor do beijo. Por que eu quero enfiar a porra de uma Sprite goela abaixo dele agora? Eca.

Meus lábios pairam a poucos centímetros do canto da boca dele. Basta apenas um pequeno movimento meu. Olho para o lado, achando o olhar destruído de Rafael focado em nós dois. Seu rosto está pálido como neve e ele segura a garrafa de Eristoff com a força necessária para transformá-la num diamante.

Não é problema meu. Foda-se ele. Ele deixou bem claro que não quer nada comigo. Nem mesmo dar uma chance a nós dois.

Nada mais de beijos, toques ou videogames no apartamento dele.

A garganta dele contrai conforme ele engole. Há um apelo silencioso em seu olhar. Para que eu pare? Por que eu faria isso?

Fecho meus olhos, deixando escapar um suspiro que nem sabia que estava segurando, e levo meus lábios até a boca de Noah.

— Titânio... — O clamor súbito e enrouquecido ecoa da garganta de Rafael.

E eu congelo.

*Continua...*

# PLAYLIST

Eurythmics – Sweet Dreams  
(*Corrida de rua*)

Tom Walker – Leave a Light On  
(*Titânio*)

Loreen – Euphoria  
(*Testando o Honda*)

MÖWE – Down By The River  
(*Academia*)

Sia – Unstoppable  
(*Os três no quarto de jogos*)

Linkin Park – One More Light  
(*Um estranho em seu mundo*)

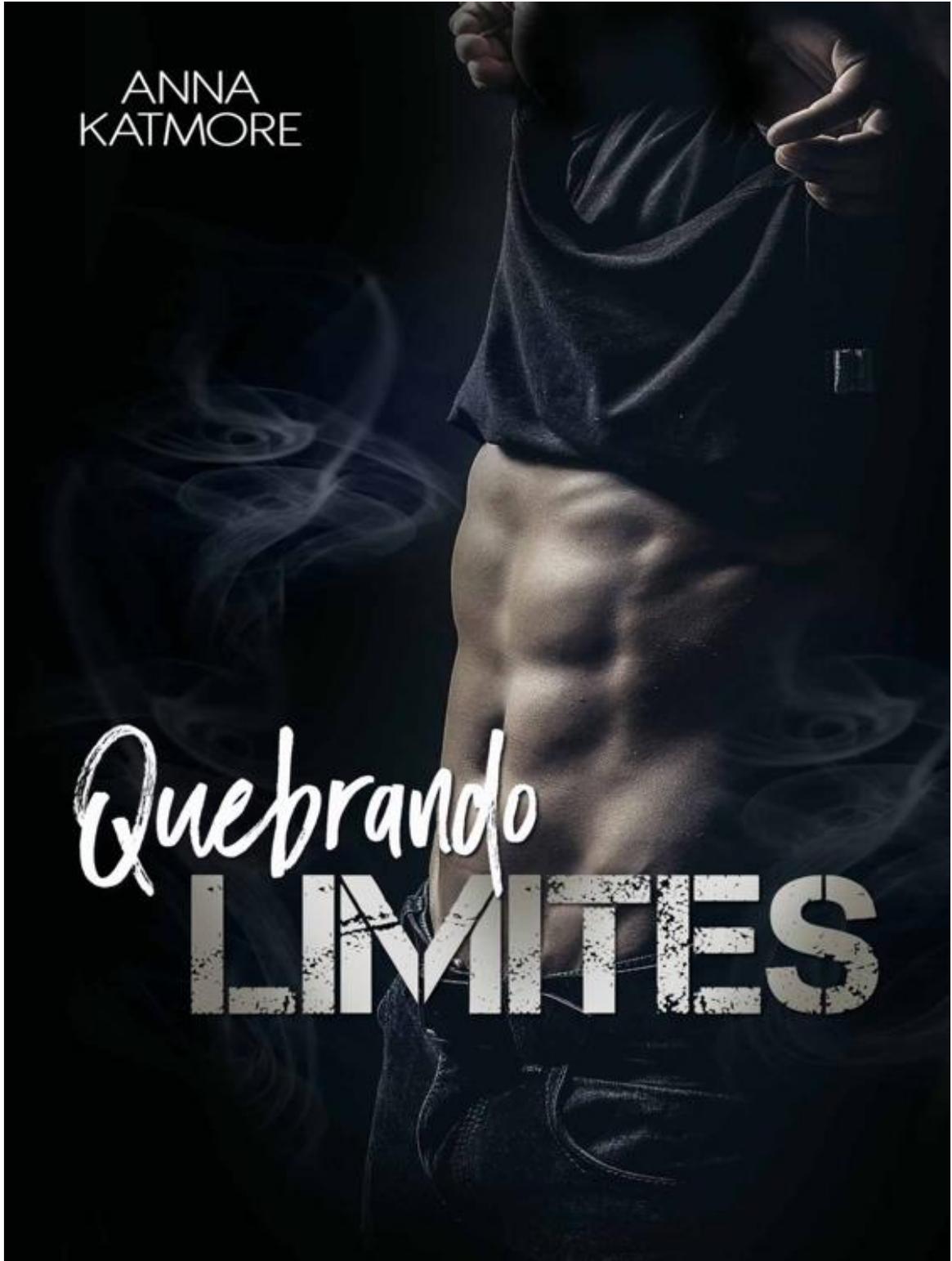
Troye Sivan – Talk Me Down  
(*Contornando tatuagens*)

Pat Benatar – We Belong  
(*Encontro na balada*)

Van Hof – Neverland  
(*Palavra de segurança*)

ANNA  
KATMORE

Quebrando  
**LIMITES**



# QUEBRANDO LIMITES

RAFAEL & SEBASTIAN, livro 2

*As regras no quarto de jogos do Rafa me levaram até a cama dele. Mas titânio é muito mais difícil de penetrar.*

Depois que Rafael me deixou sem palavras na boate, decidi que era a hora de mudar um pouco as regras do nosso jogo. Ele pode até decidir quando vai estar pronto para me beijar. Mas agora quem decide o resto sou eu.

*Sebastian é a aposta mais perigosa que eu já fiz na minha vida.*

O toque dele desperta uma paixão que eu não fazia ideia que estava acorrentada dentro de mim. Nada nunca foi tão proibido...e tão prazeroso ao mesmo tempo.

Meu mundo foi abalado.

E eu não tenho ideia do que fazer para voltar ao normal de novo. Nem sei se eu quero...

## **Conheça outros livros da Autora**

(Pela Editora Bezz)

### **SÉRIE GROVER BEACH TEAM**

Drible do Amor

A Jogada Perfeita

T is for...

Dating Trouble

The Trouble with Dating Sue

### **FALL FOR ME**

The Impossible Bet

Taming Chloe Summers

(Independente)

### **AVENTURAS NA TERRA DO NUNCA**

Um Coração na Terra do Nunca

A Vingança de Pan

### **AS CRÔNICAS DO PAÍS DAS FADAS**

Um Príncipe para Chapeuzinho

Um Lobo em seu Caminho

\*

Presas no Amor

\*

Caído de Amor

## Conheça mais sobre a Autora



“Escrevo histórias porque não consigo respirar sem elas.”

Anna Katmore vive em seu próprio mundo encantado, onde são permitidos somente aqueles que estão prontos para lidar com a lógica e o racionalismo. Mas tome cuidado, se passar por essa porta, você nunca mais vai querer sair...

*Disney* é a sua atitude perante a vida, e se ela pudesse, salvaria o mundo dele mesmo. Seu *patrono* é um lobo, sua varinha é um galho quebrado de uma macieira, 30 centímetros de comprimento e a ponta de chifre de unicórnio. Glitter em seus sapatos é uma obrigação, embora ela não se importe com os sapatos de vidro da *Cinderela*. Muito arriscado quebrar alguma coisa...

Para mais informações, por favor, visite [seventeenbutterflies.com](http://seventeenbutterflies.com)